UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

SILVIA FERNANDA CORRÊA

**Das teorias linguísticas às atividades didáticas: aulas *online* de
Língua Portuguesa em Instituição de Ensino Superior**

VERSÃO CORRIGIDA

O exemplar original encontra-se disponível no centro
de apoio à pesquisa histórica da FFLCH (CAPH).

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

**Das teorias linguísticas às atividades didáticas: aulas *online* de
Língua Portuguesa em Instituição de Ensino Superior**

Silvia Fernanda Corrêa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos

VERSÃO CORRIGIDA

O exemplar original encontra-se disponível no centro de apoio à pesquisa histórica da FFLCH (CAPH).

de acordo: _____

Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos

São Paulo
2011

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C824t Corrêa, Silvia Fernanda
 Das teorias linguísticas às atividades didáticas:
 aulas online de Língua Portuguesa em Instituição de
 Ensino Superior / Silvia Fernanda Corrêa ;
 orientadora Maria Inês Batista Campos. - São Paulo,
 2011.
 200 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Língua Portuguesa. 2. plágio. 3. citação. 4.
Educação a Distância. I. Campos, Maria Inês Batista,
orient. II. Título.

CORRÊA, Silvia Fernanda. *Das teorias linguísticas às atividades didáticas: aulas online de Língua Portuguesa em Instituição de Ensino Superior*.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lúcia Tinoco Cabral	Instituição:	Universidade Cruzeiro do Sul
Julgamento: _____	Assinatura: _____	

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa	Instituição:	Universidade de São Paulo
Julgamento: _____	Assinatura: _____	

Profa. Dra. Maria Inês Batista Campos	Instituição:	Universidade de São Paulo
Julgamento: _____	Assinatura: _____	

*O amor como deve ser.
Ao meu eterno companheiro, Ricardo.*

*Nada me objetaram e tudo me dariam.
Aos meus pais, Elizabete e Fernando.*

*A cumplicidade de uma vida.
À minha irmã, Bruna.*

*Dos primeiros livros, passos largos até aqui.
À minha tia, Helena.*

*Pelo simples existir, eterno.
À minha avó, Ruth.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Maria Inês Batista Campos, que das primeiras conversas aos últimos apontamentos, dispôs da paciência, dedicação e sabedoria que um mestre deve ter. Fez-se melhor, para fazer melhor.

Aos membros da banca, Ana Lúcia Tinoco Cabral e Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, pela prontidão, dedicação e carinho com que se dedicaram ao meu trabalho.

À querida amiga e professora Vanda Maria da Silva Elias, que com seu “não-dito” e, por vias indiretas, possibilitou que eu chegasse até aqui.

Ao Ricardo, meu companheiro de vida, por seu amor incondicional.

Aos meus pais, que se privaram de muito e de muitos momentos para me possibilitar mais essa conquista.

À minha irmã, que me mostra a cada dia o poder da força de vontade.

À minha tia Helena, pelo amor às Letras, pelo espelho que sempre foi para mim.

À minha avó Ruth, para quem primeiro contei sobre o Mestrado. Me sorriu e ainda sorri com os olhos orgulhosos de sempre.

À Thais Oliveira Baldo, pela revisão e cumplicidade em tempos difíceis, e por sempre mostrar o copo meio cheio.

À minha cunhada homônima, sem a qual os imprevistos seriam muito mais dolorosos.

RESUMO

CORRÊA, Silvia Fernanda. *Das teorias linguísticas às atividades didáticas: aulas online de Língua Portuguesa em Instituição de Ensino Superior*. 2011. 200 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP.

Nesta dissertação, o objetivo é analisar a circulação de uma aula *online* de Língua Portuguesa em Instituição de Ensino Superior (IES), confrontando as teorias linguísticas abordadas com as atividades didáticas. O objeto de estudo selecionado consiste na primeira das seis unidades da disciplina Língua Portuguesa *online* para Graduação, oferecida no sistema de semipresencialidade em IES da rede particular de ensino de São Paulo. Orientam o trabalho as seguintes questões de pesquisa: Que teorias linguísticas são abordadas? Como as teorias linguísticas são trabalhadas? Que diálogos se estabelecem entre o discurso das teorias linguísticas e o discurso das propostas didáticas? A partir da Análise dialógica do discurso sob a perspectiva de Bakhtin e do Círculo, os conceitos de *linguagem*, *enunciado concreto*, *gêneros do discurso*, *discurso citado*, *citação*, *paráfrase* e *plágio* embasam teoricamente o estudo. Nosso pressuposto inicial era que a circulação das aulas de Língua Portuguesa pela Internet promovesse, em relação às aulas presenciais, maior acesso a informações disponíveis em formatos como hipertexto, áudio, vídeo, animações etc. e maior interação dos alunos com o professor tutor e com os materiais didáticos oferecidos. Para compreendermos a esfera acadêmica *online*, recuperamos de maneira sintética a história da EaD, passando por Alemanha, Austrália, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Inglaterra até chegar ao Brasil. Levantamos números que retratam o cenário brasileiro no uso de EaD no Ensino Superior, e os documentos promulgados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para a EaD no campo acadêmico. Por fim, fizemos um levantamento bibliográfico em torno da produção de material didático para essa modalidade. A análise do material, em especial do texto-base da primeira unidade – Níveis de Linguagem revelou que a aula *online* de Língua Portuguesa não fez uso das potencialidades da mídia *online* (diferentes formatos, maior interação, maior autonomia do usuário), nem explorou o caráter colaborativo da Internet. A infantilização de alguns materiais, baseados em estereótipos, o texto engessado nas citações e paráfrases plagiadas e as propostas de atividade que não incentivaram a interação, fizeram com que não sobressaíssem as vozes do professor e do aluno.

Palavras-chave: linguagem, Língua Portuguesa, citação, plágio, Educação a Distância

ABSTRACT

CORRÊA, Silvia Fernanda. From the theories of language to learning activities: *online* classes in Brazilian Portuguese Language in higher education institution. 2011. 200 pages. Thesis (MA). Faculty of Philosophy, Letters and Sciences, University of São Paulo, São Paulo/SP.

In this dissertation, the goal is to analyze the circulation of an online class of Brazilian Portuguese Language in a Higher Education Institution (HEI), comparing the linguistic theories dealt with the teaching activities. The object of the selected study is the first of six units of the Brazilian Portuguese language online course for undergraduate course, offered in a semi-attending system in private higher education university of São Paulo. The work is guided by the following research questions: What linguistic theories are addressed? How the linguistic theories are worked? What dialogue is established between the linguistic theories discourse and the education proposals discourse? From the dialogical analysis of the speech under Bakhtin and The Circle's perspective, the language concepts, concrete utterance, speech genres, quoted speech, quote, paraphrase and plagiarism are the theoretical base to the study. Our initial assumption was that the Brazilian Portuguese Language online classes' circulation elevate, compared to the attending classes, greater access to available information in formats such as hypertext, audio, video, animations etc. and greater interaction of the students with the tutor and with the instructional materials offered. To understand the online academic sphere, we recover, in a summary way, the history of distant education, through Germany, Australia, United States, France, Great Britain and England until to Brazil. Researched numbers depict the Brazilian scene in the use of distance learning in higher education and released documents from Ministry of Education and Culture (MEC) for distance education in academic field. Finally, we review the literature on the production of teaching material for this modality. The material analysis, in particular the first unity's base-text – Levels of Language – revealed that this Brazilian Portuguese online class does not use the potential of online media (different formats, greater interaction, greater user autonomy), nor explores the Internet collaborative nature. The infantilization of some materials, based on stereotypes, the plastered text on quotes and the plagiarized paraphrase and the proposed activities that does not encourage interaction, does not stand out the voices of professor and student.

Keywords: language, Brazilian Portuguese Language, citation, plagiarism, distance education

LISTA DE TABELAS E ILUSTRAÇÕES

Tabela 1: Número de IES que ministram graduação a distância	21
Tabela 2: Comparação entre o desempenho de alunos presenciais e de EaD no Enade/2006	23
Tabela 3: Das mídias citadas, “a mais” utilizada, por nível de credenciamento das instituições	25
Tabela 4: Caracterização dos meios e recursos instrucionais nos cursos de EaD	26
Tabela 5: Percentual de mídias mais utilizadas em EaD	27
Quadro 1: Principais profissionais envolvidos em projetos de desenvolvimento de cursos a distância e suas respectivas funções.	34
Quadro 2: Recorrência à citação do outro no discurso	82
Quadro 3: Incidência de citação e plágio segundo Romancini (2007)	91
Figura 1: Detalhe da área <i>Informações da Disciplina</i>	45
Figura 2: Seção <i>Organização da Disciplina On-line</i>	46
Figura 3: Seção <i>Calendário da Disciplina e Avaliação</i>	47
Figura 4: <i>Mapa Conceitual da Unidade de Ambientação</i>	49
Figura 5: Seção <i>Introdução às Disciplinas Online</i>	51
Figura 6: Área <i>Material Didático</i>	53
Figura 7: Seção <i>Motivação Inicial</i>	77
Figura 8: Bechara (2009, p. 28)	83
Figura 9: Bechara (2009, p. 30)	84
Figura 10: Ilustração do primeiro e segundo níveis do discurso citado	90
Figura 11: Percentual de trechos originais e citação e plágio segundo Romancini (2007)	92
Figura 12: Preti (2003, p. 12)	93
Figura 13: Preti (2003, p. 11)	94
Figura 14: Bechara (2009, p. 30)	95
Figura 15: Koch (2010, p. 78)	100
Figura 16: Koch (2010, p. 79)	100
Figura 17: MacKay (2001, p. 15)	101
Figura 18: MacKay (2001, p. 16)	102
Figura 19: A variante estigmatizada e seu preconceito interno	103

Figura 20: Preti (2003, p. 37)	104
Figura 21: Primeira proposta da seção <i>Colocando em Prática do Conteúdo Teórico</i>	105
Figura 22: Parte dos comentários do vídeo “Variação Lingüística”	106
Figura 23: Segunda proposta da seção <i>Colocando em Prática do Conteúdo Teórico</i>	107
Figura 24: Terceira proposta da seção <i>Colocando em Prática do Conteúdo Teórico</i>	108
Figura 25: Seção <i>Apresentação PowerPoint com Áudio</i>	110
Figura 26: Seção <i>Referências Bibliográficas</i>	110
Figura 27: Detalhe do <i>Material Complementar</i>	111
Figura 28: Primeiro aviso da Unidade I – roteiro de estudo	117
Figura 29: Descrição da <i>Atividade de Sistematização (AAC)</i>	118
Figura 30: Perguntas da <i>Atividade de Sistematização (AAC)</i>	119
Figura 31: Quarto aviso da Unidade I – retorno da atividade	120
Figura 32: Fórum de retorno da atividade da Unidade I	121
Figura 33: Quinto aviso da Unidade I – orientação	121
Figura 34: Proposta inicial da <i>Atividade Reflexiva - Produção Textual</i>	122
Figura 35: Proposta reformulada da <i>Atividade Reflexiva - Produção Textual</i>	122
Figura 36: Segundo aviso da Unidade I	123
Figura 37: Terceiro aviso da Unidade I	124
Figura 38: Caráter da participação no fórum <i>Sanando Dúvidas</i> da Unidade I	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: PERCURSOS E PERSPECTIVAS	16
1.1 Situação da EaD no Brasil	17
1.1.1 Tradição da EaD	18
1.1.2 Educação a Distância em números	20
1.1.3 Documentos do MEC sobre EaD no campo acadêmico	28
1.2 Pesquisas em torno da produção de disciplinas <i>online</i>	30
CAPÍTULO 2	
DISCIPLINA <i>ONLINE</i> DE LÍNGUA PORTUGUESA EM IES: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
2.1 Inserção da disciplina Língua Portuguesa no Ensino Superior	40
2.2 Composição do objeto de análise	41
2.3 Organização da disciplina <i>online</i> Língua Portuguesa no Campus Virtual da IES	44
2.3.1 Áreas de apoio ao aluno	45
2.3.2 Ferramentas	52
2.3.3 Módulos e unidades de conteúdo	53
CAPÍTULO 3	
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO	56
3.1 O método sociológico de análise do discurso	57
3.2 O discurso do outro	64
3.3 Da citação ao plágio	70

CAPÍTULO 4	
DA TEORIA À PRÁTICA: NÍVEIS DE LINGUAGEM	76
4.1 <i>Motivação Inicial</i>	77
4.2 Níveis de linguagem, modalidade oral e escrita, variante padrão e não padrão	80
4.2.1 <i>Conteúdo Teórico</i>	80
4.2.2 <i>Apresentação PowerPoint com Áudio</i>	108
4.2.3 <i>Material Complementar e Referências Bibliográficas</i>	110
4.3 Ortografia, acentuação e reforma ortográfica	112
4.3.1 <i>Conteúdo Gramatical</i>	112
 CAPÍTULO 5	
EM BUSCA DA PRÁTICA DA SALA DE AULA ONLINE: NÍVEIS DE LINGUAGEM	116
5.1 <i>Atividade de Sistematização</i>	118
5.2 <i>Atividade Reflexiva</i>	121
5.3 <i>Sanando Dúvidas</i>	125
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
 REFERÊNCIAS	131
 APÊNDICES	137
APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DAS UNIDADES DE CONTEÚDO	138
APÊNDICE B – ANÁLISE DO CONTEÚDO TEÓRICO	159
 ANEXOS	193
ANEXO A – CONTEÚDO GRAMATICAL	194
 GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	198

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância (Ead) no Brasil está em crescimento constante, haja vista o aumento de 571% no oferecimento de cursos de graduação nessa modalidade entre os anos de 2003 e 2006. Dentre as diversas possibilidades de aulas ofertadas, nesta dissertação investigamos como têm sido concebidas as aulas de Língua Portuguesa (LP) pela Internet em Instituições de Ensino Superior (IES) e sob quais perspectivas teóricas.

O objetivo é analisar a circulação de uma aula *online* de Língua Portuguesa confrontando as teorias linguísticas abordadas com o que efetivamente é realizado nas atividades didáticas. Em nosso estudo, partimos da premissa de que o material didático produzido para o ambiente *online* contém características específicas propiciadas por esta modalidade. Os recursos e imagens selecionadas, a disposição dos elementos na tela e a importância atribuída a cada um deles contribuem para construir uma percepção da aula *online* que somente pode ser analisada em seu todo. Nossa hipótese inicial era que o meio de circulação Internet promovesse, comparativamente às aulas presenciais, maior acesso a informações em diferentes formatos, como hipertexto, áudio, vídeo, animações etc., e maior interação dos alunos com o professor tutor e com os materiais didáticos disponibilizados.

A partir disso, elaboramos as seguintes questões de pesquisa: Que teorias linguísticas são abordadas? Como as teorias linguísticas são trabalhadas no ambiente virtual? Que diálogos se estabelecem entre o discurso das teorias linguísticas e o discurso das propostas didáticas?

Com o intuito de responder às questões apontadas, temos como norteadores deste trabalho, os seguintes objetivos específicos: Identificar as teorias linguísticas presentes na aula; Caracterizar a primeira aula *online* da disciplina de graduação Língua Portuguesa; Confrontar a teoria linguística com a proposta discursiva.

Os conceitos de linguagem e de enunciado concreto de Bakhtin/Volochínov (2009), de gênero do discurso de Bajtin/Medvedev (1994), Bakhtin (2006) e Bakhtin/Volochínov (2009), de discurso citado de Bakhtin (1998) e Bakhtin/Volochínov (2009), de citação de Compagnon (2007), de paráfrase de Hilgert (2010) e de plágio acadêmico de Barbastefano & Souza (2007), Romancini (2007) e Nery et al. (2010) fundamentam teoricamente o trabalho.

O texto da dissertação foi organizado em cinco capítulos. No primeiro, “Educação a Distância: percursos e perspectivas”, recuperamos, de maneira sintética, a história da Educação a Distância, que se desenvolveu primeiramente em países como Alemanha, Austrália, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Inglaterra até chegar ao Brasil. Levantamos números que retratam o cenário brasileiro no uso de EaD pelas Instituições de Ensino Superior a partir dos dados do *Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância – AbraEAD 2008* (ABED, 2008) e do *Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil – CensoEaD.br: 2009* (ABED, 2011), dois marcos de referência no mapeamento da realidade da EaD no Brasil. Analisamos os documentos oficiais promulgados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC)¹ para a EaD no campo acadêmico. Por fim, fizemos um levantamento bibliográfico em torno da produção de material didático para essa modalidade com a finalidade de compreender a natureza das aulas de Língua Portuguesa *online* e as especificidades que o meio Internet impõe à concepção destes materiais.

No segundo capítulo, “Disciplina *online* de Língua Portuguesa em IES: procedimentos metodológicos”, descrevemos os procedimentos metodológicos para seleção do *corpus* de análise e os motivos que levaram à seleção da primeira unidade – Níveis de Linguagem como objeto de pesquisa. Detalhamos as características do Campus Virtual responsável pela disciplina Língua Portuguesa

¹ Portaria no. 4.059 de 10 de dezembro de 2004, Decreto Presidencial no. 5.622 de 19 de dezembro de 2005 e Referenciais de qualidade para educação superior a distância.

online, as áreas de suporte que auxiliam os alunos no ambiente virtual, as ferramentas que permitem a interação entre os participantes e a avaliação da aprendizagem e, por fim, detalhamos a organização dos conteúdos em unidades temáticas, cada qual composta por uma série de seções preestabelecidas que conferem unidade à aula.

No terceiro capítulo, “Pressupostos teóricos: teoria dialógica do discurso”, apresentamos a fundamentação teórica que dialoga com o objeto de estudo e fornece subsídios para a elaboração das conclusões finais. A materialidade linguístico-discursiva da aula analisada revelou forte recorrência à palavra de autoridade do outro, que refletiu com diferentes relações de sentido nas atividades didáticas propostas. Surgiu, então, a necessidade de aprofundar nos conceitos que tratam do discurso citado e formas de inserção do discurso alheio no enunciado. Exploramos as concepções de linguagem, enunciado concreto e gêneros do discurso da teoria dialógica do discurso de Bakhtin e o Círculo, que propõem um método sociológico de análise discursiva. Na sequência, fizemos um levantamento das formas de discurso citado, em especial a citação e a paráfrase para, enfim, abordarmos a questão do plágio e os limites que o separam das demais formas de inserção da voz do outro no discurso.

No quarto capítulo, “Da teoria à prática: *Níveis de Linguagem*”, analisamos a seção *Motivação Inicial*, que introduz o aluno na problemática dos níveis de linguagem, e as seções *Conteúdo Teórico*, *Apresentação PowerPoint com Áudio*, *Material Complementar*, *Referências Bibliográficas* e *Conteúdo Gramatical*, que constituem o aspecto teórico da primeira unidade da disciplina. No quinto capítulo, “Em busca da prática na sala de aula online: *Níveis de Linguagem*”, prosseguimos com a análise das seções que trabalham a questão prática da unidade: *Atividade de Sistematização* e *Atividade Reflexiva*. No decorrer desses capítulos, buscamos responder às questões de pesquisa inicialmente formuladas.

Finalizamos a dissertação recuperando a hipótese inicialmente formulada e apresentando uma síntese dos resultados obtidos com o trabalho.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:
PERCURSOS E PERSPECTIVAS

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: PERCURSOS E PERSPECTIVAS

Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Mikhail Bakhtin

Do ensino por correspondência aos ambientes de realidade virtual, a Educação a Distância tem ganhado cada vez mais espaço como alternativa para aumentar o número de estudantes nos mais variados níveis de ensino. Relacionado com a tecnologia que lhe dá suporte, um processo educacional é caracterizado “a distância” quando professores e alunos, ou alunos entre si, estão separados pelo tempo e pelo espaço (RAMAL, 2003, p.183). Já o termo “educação *online*”, pode ser definido como:

o conjunto de ações de ensino-aprendizagem desenvolvidas por meios telemáticos, como a Internet, a videoconferência e a teleconferência. [...] Abrange desde cursos totalmente virtuais, sem contato físico – passando por cursos semipresenciais – até cursos presenciais com atividades complementares fora da sala de aula, pela Internet. (MORAN, 2003, p.39)

Toda educação *online* se dá a distância, mas nem toda educação a distância é *online*. Neste trabalho, consideramos a EaD *online* uma esfera de circulação “ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia” (GRILLO, 2008, p.133). Situada nessa esfera escolar que circula na Internet, a aula de Língua Portuguesa *online* é constituída por um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e de estilo.

Para conhecermos melhor sua evolução ao longo do tempo, recuperamos a tradição da EaD até sua posição no atual cenário acadêmico brasileiro. Levantamos ainda alguns estudos referentes ao desenvolvimento de conteúdos *online* que contribuem para a compreensão do problema deste trabalho.

1.1 Situação da EaD no Brasil

Procurando recuperar a trajetória da EaD, focalizamos de maneira sintética seu desenvolvimento nos países pioneiros e no Brasil. Recorremos aos levantamentos feitos por Nunes (2009) em *A história da EAD no mundo* e por Alves (2009) em *A história da EAD no Brasil*. Ambos os artigos compõem a obra *Educação a distância: o estado da arte*, organizada por Litto e Formiga em 2009 e ganhadora do prêmio Jabuti/2010 na categoria Educação no Brasil.

Na sequência, com dados do *Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância – AbraEAD 2008* (ABED, 2008) e do *Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil – CensoEaD.br: 2009* (ABED, 2011)² mapeamos o cenário da EaD no país nos anos de 2007 e 2009, respectivamente. O resultado dessas pesquisas não representa a totalidade do universo da Educação a Distância no Brasil, mas suas amostras são significativas por

² Desde 2009 a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) publica anualmente o CensoEaD.br – Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil – com o objetivo de mapear, analiticamente, todas as atividades relacionadas à aprendizagem a distância no país. Antes disso, esse trabalho era realizado por um consórcio patrocinado pelo Instituto Monitor, proprietário da marca do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (AbraEAD), e pela ABED, contando também com o apoio da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação. Em 2009, o consórcio foi desfeito, ficando a ABED responsável pela continuidade do trabalho.

refletirem as tendências dos períodos investigados e apontarem para caminhos futuros.

Por fim, exploramos os principais documentos do Ministério da Educação e Cultura no que se refere à EaD.

1.1.1 Tradição da EaD

Mais de oitenta países adotam a Educação a Distância em todos os níveis de ensino, em sistemas formais e informais. É o caso da Alemanha, Austrália, Bangladesh, China, Costa Rica, Cuba, Espanha, EUA, França, Grã-Bretanha, Índia, Indonésia, Inglaterra, Japão, Nova Zelândia, Portugal, Rússia e Venezuela.

A primeira iniciativa registrada de EaD, segundo Nunes (2009), provavelmente se deu em 1728 nos EUA, quando o professor Caleb Philips enviava aulas por correspondência a seus alunos. Em meados do século XX, as universidades de Oxford e Cambridge, na Grã-Bretanha, passaram a oferecer cursos de extensão a distância, seguidas pela Universidade de Chicago e de Wisconsin, nos EUA. Em 1910, na Austrália, a Universidade de Queensland iniciou programas de ensino por correspondência e, em 1924, foi criada a Escola Alemã por Correspondência de Negócios. Em 1928, a BBC (Corporação Britânica de Radiodifusão) começou a promover cursos para a educação de adultos usando o rádio, tecnologia que foi explorada em diversos países, inclusive no Brasil, desde a década de 1930. Apesar de existirem diversas iniciativas em diferentes locais do mundo, foi a partir de 1960 que as ações de EaD se intensificaram, começando pela França e Inglaterra e se expandindo aos demais continentes, tanto no ensino secundário quanto no superior.

A Inglaterra se destaca por abrigar na cidade de Milton Keynes a universidade de EaD considerada referência no mundo e a que mais influenciou outras instituições universitárias nessa modalidade.

Nunes explica que a evolução dos meios tecnológicos deu suporte à EaD:

as novas tecnologias podem gerar condições para um aprendizado mais interativo, através de caminhos não

lineares, em que o estudante determina seu ritmo, sua velocidade, seus percursos. (2009, p.7)

No cenário brasileiro, segundo Alves (2009), pouco antes de 1900 já existiam anúncios em jornais do Rio de Janeiro oferecendo cursos de datilografia por correspondência, ministrados por professores particulares. O marco de referência oficial no país, no entanto, foi a instalação das Escolas Internacionais em 1904. Voltados para profissionais em busca de emprego, os cursos eram oferecidos especialmente nos setores de comércio e serviço. Nos 20 anos seguintes, o ensino a distância no Brasil se deu por correspondência.

Com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, teve início a segunda geração de EaD no país. Focada na educação popular, a rádio foi difusora de uma série de programas educativos que se multiplicavam também em outras regiões. Em 1937, foi criado o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação, que implantou diversos programas de destaque no cenário nacional. Em 1946, o Senac iniciou suas atividades e desenvolveu, em São Paulo e Rio de Janeiro, a Universidade do Ar, que em 1950 já atingia 318 localidades. Outras iniciativas que se destacaram foram os cursos via rádio da fundação Padre Landell de Moura, no Rio Grande do Sul, e o projeto Mobral, vinculado ao governo federal e que também fazia uso do rádio.

O uso da televisão para fins educacionais teve registros entre as décadas de 1960 e 1970. Em 1967, o Código Brasileiro de Telecomunicações determinou a transmissão de programas educativos pelas emissoras de radiodifusão e televisões educativas. Naquela época, universidades e fundações receberam incentivos para instalar canais de difusão educacional. Em 1972, foi criado o Programa Nacional de Teleducção (Prontel), que em pouco tempo cedeu espaço ao Centro Brasileiro de TV Educativa (Funtevê), órgão integrante do Departamento de Aplicações Tecnológicas do Ministério da Educação e Cultura. No início da década de 1990, houve a desobrigação da transmissão dos programas educacionais e, em 1994, o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa foi reformulado, cabendo à Fundação Roquete Pinto coordenar as ações. Desde então, não houve grandes resultados na TV aberta brasileira, no entanto, destacam-se as iniciativas da Fundação Roberto Marinho (criação do

Telecurso e do TelecursoTec) e da TV Escola, mantida pelo poder público federal e que abastece as escolas via satélite com a ajuda dos correios.

Essa breve trajetória aponta para o constante desenvolvimento das tecnologias e, conseqüentemente, sua aplicação no campo educacional. Essa evolução, no entanto, não implica necessariamente a substituição periódica das tecnologias antigas por novas. Em países marcados pela diversidade e desigualdade social, como é o caso do Brasil, regiões menos favorecidas costumam estar atrás dos grandes centros urbanos. Regiões mais afastadas utilizam, ainda em 2011, apostilados entregues pelo correio e outros recursos que em parte já foram superados ou complementados por novas tecnologias. Para muitas pessoas, a Internet e até mesmo o uso do computador ainda são realidades distantes. Também não é correta a associação de avanço tecnológico com qualidade de ensino. A depender do público-alvo, das características pessoais e sociais do meio, tecnologias consideradas “ultrapassadas” podem ser empregadas com ótimos resultados, evidenciando que não importa a tecnologia em si, mas como ela é utilizada e para quais fins.

1.1.2 Educação a Distância em números

Dados do AbraEAD 2008 (ABED, 2008) comprovaram que mais de 2,5 milhões de brasileiros estudaram em cursos com metodologias a distância em 2007. Desse total, quase um milhão de alunos pertence a instituições credenciadas e cursos autorizados pelo Sistema de Ensino (EJA, fundamental, médio, técnicos, graduação e pós-graduação). No Brasil, o número de cursos de graduação em EaD cresceu 571% entre 2003 e 2006, e o número de matrículas, 315% no mesmo período. Como pode ser conferido na tabela a seguir, em apenas sete anos o número de Instituições de Ensino Superior que ofertam cursos de graduação a distância foi de 7 para 77.

Tabela 1: Número de IES que ministram graduação a distância

Ano	Nº de Instituições
2000	7
2001	10
2002	25
2003	38
2004	47
2005	73
2006	77

Fonte: Mec/Inep. Dados coletados por Dilvo Ristof (DEAES)

Considerando-se que menos de 40% dos municípios do Brasil têm uma instituição de ensino superior e 14% dos brasileiros têm necessidades especiais que dificultam sua participação no ensino presencial (RESENDE, 2009), constata-se que além de ampliar a oferta do ensino superior, a EaD pode ser uma solução para diminuir as desigualdades sociais e incluir milhares de potenciais estudantes que se veem impossibilitados de ocupar as cadeiras universitárias.

Diversos setores da sociedade apresentam resistência a essa modalidade de ensino. Uma das principais dificuldades para o desenvolvimento da EaD no Brasil parece ser

a mentalidade conservadora demonstrada por docentes universitários (especialmente das faculdades de educação) e sindicatos de professores, que criticam a EAD por “falta de qualidade”, sem oferecer exemplos de práticas que não sejam, também, parte do ensino presencial no país, e sem sugerir outras alternativas para aumentar o acesso mais democrático ao conhecimento. (LITTO, 2009, p.108)

O preconceito tem diminuído a partir das ações de universidades públicas que passaram a adotar a EaD. Dentro desse contexto, destaca-se a criação da UNIVESP – Universidade Virtual do Estado de São Paulo, um programa de expansão do ensino superior público do estado de São Paulo em parceria com a Universidade de São Paulo – Usp, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Universidade Estadual Paulista – Unesp e com o Centro Paula Souza.

Algumas instituições, no entanto, fizeram da EaD apenas uma oportunidade para aumentar o número de alunos e/ou obter retorno de seus investimentos. Esse cenário enfraquece a qualidade do ensino que as boas iniciativas públicas oferecem e contribuem para endossar a resistência a que já nos referimos (LITTO, 2009). Segundo Bielschowsky, secretário de Educação a Distância do Ministério da Educação (MEC) de 2007 a 2010, o MEC trabalhou intensamente para regularizar a tramitação dos processos regulatórios da educação superior. Nesse sentido, os Referenciais de Qualidade para oferta de cursos na modalidade a distância foi um avanço, ao reunir as sugestões de diversos setores e instituições educacionais (ABED, 2008, p. 11).

A diferença de desempenho dos alunos formados a distância, quando comparado ao daqueles formados presencialmente, no entanto, não é significativa. Resultados obtidos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes em 2006 (Enade/MEC) mostram que das treze áreas em que se pode comparar os estudantes das duas modalidades, sete (Administração, Biologia, Ciências Sociais, Física, Matemática, Pedagogia e Turismo) apresentam o desempenho dos alunos de cursos a distância ligeiramente melhor (38,26) do que o de cursos presenciais (37,6) (ABED, 2008, p. 11). Parte desse resultado se deve ao fato de os alunos que estudam a distância desenvolverem maior senso de responsabilidade, pró-atividade e capacidade de aprender com autonomia e autodisciplina (LITTO, 2009, p. 111).

Ao trazer alguns números comparativos, nosso objetivo foi mostrar a existência de iniciativas sérias e bem sucedidas, atestando, assim, que a EaD pode ser oferecida com qualidade. No entanto, a investigação dos precedentes de tais resultados está fora do escopo deste trabalho.

Tabela 2: Comparação entre o desempenho de alunos presenciais e de EaD no Enade/2006

Área	Presencial	Distância
1. Administração	37,71	37,99
2. Biologia	32,67	32,79
3. Ciências Contábeis	34,97	32,59
4. Ciências Sociais	41,16	52,87
5. Filosofia	32,50	30,36
6. Física	32,50	39,62
7. Formação de Professores (Normal Superior)	42,82	41,52
8. Geografia	39,04	32,58
9. História	38,47	31,60
10. Letras	35,71	33,05
11. Matemática	31,68	34,16
12. Pedagogia	43,35	46,09
13. Turismo	46,34	52,26

Fonte: Mec/Inep. Dados coletados por Dilvo Ristoff (DEAES)

Alunos brasileiros que estudaram a distância apontaram problemas que foram recebidos pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), pela Associação Brasileira de Estudantes de Educação a Distância (ABE-EAD), e pela antiga Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (SEED-MEC)³ (LITTO, 2009). As reclamações podem ser agrupadas em três grandes categorias: qualidade do material didático, material de apoio e ferramentas de avaliação; qualidade da tutoria⁴; qualidade do atendimento ao aluno pela instituição. Dentre as categorias, interessam-nos a primeira.

As principais reclamações recaem sobre três itens: a) superficialidade do conteúdo abordado pelo curso (os cursos de graduação ou pós-graduação a

³ Em janeiro de 2011 o ministro da Educação, Fernando Haddad, anunciou o fim da Secretaria de Educação a Distância (SEED), que há quinze anos era a principal instância de regulação e direcionamento da modalidade no Brasil.

⁴ O termo “tutoria” refere-se ao papel desempenhado pelo tutor, responsável por acompanhar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

distância devem ter, aproximadamente, a mesma extensão e profundidade de tratamento de conteúdo dos cursos equivalentes oferecidos presencialmente pela mesma instituição, ou por instituições de referência no país); b) inadequação do material impresso distribuído aos alunos, variando entre a superficialidade no tratamento do conteúdo até a redução drástica de um típico livro-texto universitário para uma pequena apostila; c) deficiência na avaliação do desempenho dos alunos, variando de exames apenas no estilo “escolha múltipla” aos exames “multidisciplinares” (nos quais um conjunto das mesmas perguntas é aplicado a alunos de diferentes cursos) (LITTO, 2009, p. 116-118). Parte dos problemas relatados pelos alunos refere-se à qualidade dos materiais de estudo, que estão intimamente relacionados ao uso que é feito das ferramentas e mídias disponíveis na Internet.

A partir de duas fontes de dados, é possível mapear o uso dessas ferramentas e mídias nos cursos brasileiros a distância nos anos de 2007 e 2009. Uma delas é o AbraEAD 2008 (ABED, 2008), que contatou 257 instituições credenciadas pelo Sistema de Ensino para ministrar cursos de EaD no Brasil nos níveis básico, técnico/EJA (93 instituições) e superior (164 instituições). Desses grupos, 140 instituições (55% do total) responderam à pesquisa que detalhou suas metodologias, recursos oferecidos aos alunos, perfil do corpo discente e estrutura pedagógica.

Outra fonte é o CensoEaD.br: 2009 (ABED, 2011) que, em seu primeiro capítulo, Reflexões sobre os aspectos acadêmicos, analisa os parâmetros de qualidade presentes nas Instituições de Ensino Superior públicas e privadas.

Segundo dados do AbraEAD 2008, naquele ano, a mídia impressa foi utilizada por 77% das instituições e começou a perder espaço para a utilização do *e-learning*, utilizado por 62,9% delas.

O *e-learning* é uma modalidade de educação *online* que utiliza a Internet como suporte. O termo é comumente empregado para se referir a cursos oferecidos em ambientes virtuais de aprendizagem ou outro suporte *online*. O potencial dessa modalidade reside em suas possibilidades de oferecer conteúdos em diferentes formatos (hipertexto, áudio, vídeo etc.), além de permitir a interação

dos participantes pelo uso de ferramentas síncronas, como o *chat*, ou assíncronas, como fóruns de discussão.

As instituições privadas utilizaram mais o *e-learning* e o material impresso do que as instituições públicas, em que predominaram o uso de CD, vídeo, DVD e videoconferência. De maneira geral, os cursos oferecidos por instituições públicas abrangem regiões mais afastadas do centro econômico-financeiro do país, com recursos tecnológicos mais restritos e escassos.

Ainda segundo o AbraEAD 2008, cerca de um terço das instituições (33,6%) indicou o *e-learning* como a mídia mais utilizada, contra 30,7% que utilizaram principalmente a mídia impressa.

Tabela 3: Das mídias citadas, “a mais” utilizada, por nível de credenciamento das instituições

Mídias mais utilizadas	Estadual		Federal		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Material impresso	28	58,3	15	16,3	43	30,7
E-Learning	7	14,6	40	43,5	47	33,6
Televisão	1	2,1	1	1,1	2	1,4
Vídeo	0	0,0	1	1,1	1	0,7
Satélite	0	0,0	6	6,5	6	4,3
CD	2	4,2	4	4,3	6	4,3
DVD	1	2,1	1	1,1	2	1,4
Rádio	1	2,1	0	0,0	1	0,7
Videoconferência	1	2,1	2	2,2	3	2,1
Telefone celular	0	0,0	1	1,1	1	0,7
Outras	1	2,1	1	1,1	2	1,4
Muitas / mais de uma	1	2,1	5	5,4	6	4,3
NR/NA	5	10,4	15	16,3	20	14,3
TOTAL DE INSTITUIÇÕES	48		92		140	

Fonte: AbraEAD 2008 (ABED, 2008) – amostra

Os dados do CensoEAD.br: 2009 mostram que, naquele ano, o uso de conteúdos textuais (impressos ou digitais) prevalecia em detrimento de outras propostas que melhor exploram as potencialidades interativas do meio digital.

Tabela 4: Caracterização dos meios e recursos instrucionais nos cursos de EaD

Meios e recursos instrucionais muito utilizados	%
Materiais de texto a distância (Word/PDF etc.)	83
Livros didáticos/materiais impressos produzidos internamente	82
Livros didáticos tradicionais e outros recursos impressos	49
Livros eletrônicos	39
CD-Rom/DVD	37
Animação	28
Segmentos de vídeo (incluindo podcasts)	27
Simulações	21
Áudio pré-gravado (incluindo podcasts)	21
Wiki hospedado no curso	17
Aprendizado por jogos	16
Blog de estudante como parte de uma tarefa de aula	15
Microblog (Twitter)	8

Adaptado de: CensoEAD.br: 2009 (ABED, 2011)

“Materiais de texto a distância (documentos em Word/PDF etc.)” e “livros didáticos ou materiais impressos produzidos internamente” foram recursos bastante utilizados nos cursos (83% e 82%, respectivamente). Também foi alto o percentual de uso de “livros didáticos tradicionais e outros recursos impressos” (49%) e “livros eletrônicos” (39%). Recursos e serviços como Twitter, blogs e jogos, cada vez mais populares entre os alunos, são bastante utilizados por apenas 8%, 15% e 16% das instituições, respectivamente.

Esses números corroboram com autores como Belisário (2003) e Araújo Júnior & Marquesi (2009), que sinalizam o risco de a EaD transpor, sem a devida adaptação, o conteúdo de uma mídia a outra. Ao oferecer na Internet (meio caracterizado pela navegação não linear, possibilidades de interação e conteúdo multimídia) essencialmente materiais em formato de texto, com leitura sequencial e excesso de informação textual, as instituições subutilizam os potenciais das mídias digitais, levando ao desinteresse do aluno que se vê obrigado a ler grandes volumes de texto no computador, ou mesmo imprimir seu material de estudo.

O CensoEAD.br: 2009 mostra que, dentre as mídias de maior utilização em EaD, o material impresso se destacou com 87% de uso, seguido de perto pelo *e-learning*, utilizado por 82% das instituições.

Tabela 5: Percentual de mídias mais utilizadas em EaD

Fonte: CensoEAD.br: 2009 (ABED, 2011)

Os resultados evidenciados são importantes, já que o *e-learning* começa a superar a mídia impressa em percentual de maior utilização nas instituições. Isso representa um potencial avanço nos processos de ensino-aprendizagem *online*, ao permitir que o aluno saia da posição de receptor de conteúdos e passe a interagir de maneira responsiva não apenas diante do material de estudo, como nas inúmeras situações de interação com outros alunos e professor.

O ensino *online* vem ganhando espaço no cenário brasileiro de EaD apesar das desigualdades sociais que restringem o acesso de parte da população à Internet. Na esfera da educação superior dos grandes centros urbanos, como São Paulo, as aulas *online* pela Internet mantêm a tradição de oferecer, em ambientes virtuais de aprendizagem, materiais para autoestudo e propostas de atividade individuais e em grupo.

Conhecer o panorama das mídias utilizadas na educação é importante para compreendermos em que contexto se insere a disciplina *online* que será

estudada neste trabalho e a que necessidades ela vem atender. Não adentramos, no entanto, nas problemáticas da relação entre mídias e processos de ensino-aprendizagem, tema da área de Educação.

A aula *online* ou *e-learning* é uma modalidade de ensino-aprendizagem que está em constante transformação, uma vez que os avanços tecnológicos fazem com que os gêneros que circulam na Internet estejam em contínuo devir. A esfera educacional, por sua vez, tenta se adaptar ao inserir em sua atividade, práticas que buscam a maior aproximação com seus alunos e a incorporação das novas linguagens emergentes.

As características mais almeçadas na educação *online* são maior autonomia, interatividade e colaboração entre alunos e professor. O conteúdo, portanto, não pode ser renegado em prol da forma. Pensando nessa e em outras questões que visam à qualidade dos cursos oferecidos a distância, foram estabelecidas as bases legais para a EaD no Brasil. É o que está apresentado no tópico seguinte.

1.1.3 Documentos do MEC sobre EaD no campo acadêmico

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 foi regulamentada pelo Decreto Presidencial nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005 e estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional. No documento, a EaD é caracterizada como:

modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2005, p.1)

Parte do crescimento da EaD nos últimos anos está relacionada à portaria nº 4.059 de 10 de dezembro de 2004:

Art. 1º As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semi-presencial, com base no art. 81 da Lei n. 9.394, de 1.996, e no disposto nesta Portaria.

§ 1º Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semi-presencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na auto-aprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

§ 2º Poderão ser ofertadas as disciplinas referidas no caput, integral ou parcialmente, desde que esta oferta não ultrapasse 20 % (vinte por cento) da carga horária total do curso.

§ 3º As avaliações das disciplinas ofertadas na modalidade referida no caput serão presenciais. (BRASIL, 2004)

Os três parágrafos que compõem o Artigo 1º da Portaria permitem às instituições de ensino superior ofertar atividades a distância desde que a carga horária não ultrapasse o limite de 20% do total do curso. As avaliações disciplinares, no entanto, têm a obrigatoriedade de serem realizadas presencialmente.

Em agosto de 2007, com o intuito de definir princípios, diretrizes e critérios para nortear as instituições que oferecem educação não presencial, o Ministério da Educação e Cultura, por meio da já extinta Secretaria de Educação a Distância, desenvolveu os Referenciais de qualidade para educação superior a distância. Ainda que esse documento não tenha força de lei, foi elaborado com o objetivo de

garantir a qualidade nos processos de educação a distância e coibir tanto a precarização da educação superior, verificada em alguns modelos de oferta de EaD, quanto a sua oferta indiscriminada e sem garantias das condições básicas para o desenvolvimento de cursos com qualidade. (BRASIL, 2007, p. 7)

De acordo com o documento, o projeto pedagógico dos cursos a distância deve considerar: concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem; sistemas de comunicação; material didático; avaliação; equipe multidisciplinar; infraestrutura de apoio; gestão acadêmico-administrativa; sustentabilidade financeira.

Em relação ao material didático, os referenciais orientam que os cursos superiores a distância incluam um guia geral, impresso e/ou em formato digital, que:

Orientar o estudante quanto às características da educação a distância e quanto aos direitos, deveres e normas de estudo a serem adotadas, durante o curso;

Conter informações gerais sobre o curso (grade curricular, ementas, etc.);

Informar, de maneira clara e precisa, que materiais serão colocados à disposição do estudante (livros-texto, cadernos de atividades, leituras complementares, roteiros, obras de referência, CD Rom, Web-sites, vídeos, ou seja, um conjunto - impresso e/ou disponível na rede - que se articula com outras tecnologias de comunicação e informação para garantir flexibilidade e diversidade);

Definir as formas de interação com professores, tutores e colegas;

Apresentar o sistema de acompanhamento, avaliação e todas as demais orientações que darão segurança durante o processo educacional. (BRASIL, 2007, p.14)

A fim de manter a unidade entre os conteúdos trabalhados e propiciar a interação entre os diferentes sujeitos envolvidos no projeto, os referenciais fornecem uma série de orientações quanto à concepção e desenvolvimento dos materiais didáticos disponibilizados nos cursos. O documento recomenda que a instituição siga as diretrizes pedagógicas e dê conta do conteúdo indicado para cada área do conhecimento, estruturando a linguagem dos materiais didáticos de maneira dialógica, a fim de promover a autonomia do estudante e propiciar sua capacidade para aprender e controlar o próprio desenvolvimento. Disponibilize também, ainda que não obrigatoriamente, um módulo introdutório que informe os conhecimentos e habilidades que são esperados dos alunos, referentes à tecnologia. Explique a metodologia utilizada no curso, detalhe as competências cognitivas, habilidades e atitudes que o aluno deverá alcançar ao fim de cada unidade, módulo ou disciplina. Propõe que seja indicada a bibliografia utilizada e sites complementares, de maneira a incentivar o aprofundamento e complementação da aprendizagem. Possua em seus cursos esquemas alternativos para atendimento de estudantes com deficiência (BRASIL, 2007, p. 15-16).

1.2 Pesquisas em torno da produção de disciplinas *online*

A plataforma computacional não é o fator determinante para ditar a abordagem de ensino. A proposta pedagógica refletida nos materiais didáticos

também conta muito para que o curso seja mais ou menos interativo. A Internet oferece um número ilimitado de informações e conteúdos, em diferentes formatos, como hipertextos, animações, vídeos etc., possibilitando maior compartilhamento de informações e construção coletiva de conhecimento. Neste ponto, convém detalharmos o processo de produção dos materiais didáticos *online* e quais são os interlocutores envolvidos.

Nos cursos oferecidos pela Internet, as aulas são “ministradas” em ambientes virtuais de aprendizagem – AVA, que podem ser exemplificados como simuladores dos ambientes presenciais de aprendizagem no ciberespaço. Santos faz uma ressalva imprescindível quando analisamos as propostas de ensino na modalidade *online*:

não podemos analisar os AVA apenas como ferramentas tecnológicas. É necessário avaliar a concepção de currículo, de comunicação e de aprendizagem utilizada pelos autores e gestores da comunidade de aprendizagem. É possível encontrar no ciberespaço comunidades que utilizam o mesmo AVA com uma variedade incrível de práticas e posturas pedagógicas e comunicacionais. Tais práticas podem ser tanto instrucionistas quanto interativas e cooperativas. (SANTOS, 2003, p.224)

A escolha tecnológica, por si só, não é suficiente para definir o planejamento do curso, ainda que cada ambiente virtual possua características próprias e possa favorecer ou dificultar determinadas ações pedagógicas. Nesse sentido, cabe à instituição e a seus gestores desenvolver um programa de educação *online* condizente com a proposta pedagógica do curso. Pensando nos modelos de ensino-aprendizagem que podem ser adotados nos cursos *online*, pesquisadores como Pimentel & Andrade (2000), Filatro (2004) e Moran (2009) propuseram diferentes classificações a partir de distintos focos de análise.

Uma taxonomia de modelos educacionais em função da comunicação predominante entre alunos e professores durante o processo educacional, estabelece parâmetros de comparação entre as modalidades de ensino-aprendizagem presencial e a distância, como indicam Pimentel & Andrade (2000). Os autores formulam sete classes: difusão, tutoração, moderação, orientação, participação (ou colaboração), cooperação e autoinstrução. De maneira resumida, os autores colocam que na difusão a comunicação se dá somente do professor para o aluno; na tutoração ocorre interação, mas a comunicação ainda se dá

predominantemente no sentido do professor para o aluno; na moderação há o equilíbrio na comunicação entre professor e aluno; na orientação predomina a comunicação no sentido do aluno para o professor; na participação ou colaboração, independentemente do modelo, há interação entre os alunos; na cooperação os participantes compartilham informações aprendidas, ideias e esforços, sem distinção clara entre professor e aluno; na autoinstrução o aluno é responsável pelo seu estudo.

Cinco padrões são propostos por Filatro (2004, p. 50-54) em função da utilização das tecnologias de informação e comunicação na educação *online* com base em Harmon e Jones (1998): informacional, suplementar, essencial, colaborativo e imersivo. Esses padrões são estabelecidos de acordo com os fatores distância, estabilidade do material, necessidade de multimídia, necessidade de monitoramento dos alunos, número de alunos, grau de interação pessoal, pressão social para usar a web, necessidade de consulta *online*, infraestrutura tecnológica e nível de familiarização tecnológica. Para a autora, a educação *online* é um continuum de ênfases didáticas, situações de aprendizagem e padrões de utilização das tecnologias. Em um extremo está o modelo informacional, que reproduz os modelos tradicionais de ensino baseados em livros didáticos e apostilas. Esse modelo é centrado na apresentação de conteúdo e não utiliza o potencial da interação na Internet. No extremo oposto do continuum, está o modelo imersivo, que depende do professor para promover a interação entre os participantes, com uso intensivo da Internet.

Moran (2009, p.55) se guia pelas concepções pedagógicas e organizacionais dos cursos, que variam de modelos autoinstrucionais a modelos colaborativos; focados no professor, no conteúdo ou em atividades e projetos; para poucos alunos ou de massa; com grande interação com o professor ou com baixa interação.

Os autores mencionados sugerem diferentes critérios para classificar as propostas de ensino *online*, que variam de acordo com o ponto de vista escolhido para a análise. Todos eles, no entanto, consideram o grau de interação entre os participantes do curso um fator decisivo para definir o tipo de uso que é feito do ciberespaço.

Cerca de 70% das IES concentram as funções de produção do material didático no professor conteudista (professores ou especialistas no assunto). O texto produzido pelo conteudista é, na maior parte das vezes, estritamente verbal e linear, por isso, é adaptado por outros profissionais para uma linguagem própria do meio digital. Esses profissionais correspondem aos 30% restantes (ABED, 2011).

Ao reconhecerem as especificidades das diferentes mídias, os referenciais de qualidade apontam para a necessidade de uma equipe multidisciplinar na produção do conteúdo:

A produção de material impresso, vídeos, programas televisivos e radiofônicos, videoconferências, CD-Rom, páginas WEB, objetos de aprendizagem e outros, para uso a distância, atende a diferentes lógicas de concepção, produção, linguagem, estudo e controle de tempo. Para atingir estes objetivos, é necessário que os docentes responsáveis pela produção dos conteúdos trabalhem integrados a uma equipe multidisciplinar, contendo profissionais especialistas em desenho instrucional, diagramação, ilustração, desenvolvimento de páginas web, entre outros. (BRASIL, 2007, p.13-14).

Na direção do processo de produção de materiais, Santos (2003) elenca as principais atividades em projetos de EaD *online* (ver Tabela 1). Os profissionais e atividades referidos pela autora podem variar de instituição para instituição, no entanto, resumem os principais processos pelo qual passa um material *online* desde o momento da escrita do texto inicial até sua disponibilização na Internet.

Uma vez que integra diferentes mídias, a Internet também agrega diferentes linguagens. Essas linguagens, quando adotadas na produção de materiais didáticos *online*, devem atuar como facilitadoras do entendimento do conteúdo oferecido aos alunos.

Quadro 1: Principais profissionais envolvidos em projetos de desenvolvimento de cursos a distância e suas respectivas funções

Profissionais	Atividades
Conteudista ⁵	Cria e seleciona conteúdos normalmente na forma de texto explicativo/dissertativo e prepara o programa do curso.
Web roteirista	Articula o conteúdo por meio de um roteiro que potencializa o conteúdo (produzido pelo conteudista) a partir do uso de linguagens e formatos variados (hipertexto, da mixagem e da multimídia).
Web designer	Desenvolve o roteiro, criado pelo web roteirista, criando a estética/arte-final do conteúdo a partir das potencialidades da linguagem digital.
Programador	Desenvolve os ambientes virtuais de aprendizagem, criando programas e interfaces de comunicação, atividades programadas, gerenciamento de arquivos etc.
Instructional designer (normalmente um educador com experiência em Tecnologia Educacional).	Analisa as necessidades, constrói o desenho do ambiente de aprendizagem, seleciona as tecnologias de acordo com as necessidades de aprendizagem e condições estruturais dos cursistas, avalia os processos de construção e uso do curso. Além disso, faz a mediação do trabalho de toda a equipe de especialistas.

Adaptado de: Santos (2003, p. 218-219)

Autores como Zanetti (s/d), Belisário (2003), Cabral et al. (2007a, 2007b), Marquesi (2007), Marquesi; Elias & Cabral (2008) e Araújo Júnior & Marquesi (2009) levantaram uma série de características desejáveis dos materiais didáticos produzidos especificamente para a modalidade de ensino-aprendizagem *online*.

A linguagem deve ser coloquial, clara e objetiva, evitando o uso de gírias e o excesso de informalidade, explica Zanetti (s/d). A autora dá especial atenção para a escolha das mídias. Segundo ela, devido à diversidade dos projetos pedagógicos que são implementados em diferentes contextos, não existe um modelo único de material didático. O contexto determinará o papel que cada meio terá, bem como seu formato e distribuição dos conteúdos em cada proposta de curso (ZANETTI, s.d., p. 96). Oito objetivos norteiam o desenvolvimento de materiais didáticos em EaD: organizar o conhecimento prévio do aluno e indicar

⁵ O professor conteudista muitas vezes não participa do andamento dos cursos, ou seja, não acompanha o andamento das aulas no ambiente virtual. Quem auxilia os alunos no processo de ensino-aprendizagem, corrigindo atividades e esclarecendo dúvidas é normalmente chamado de mentor, professor tutor ou simplesmente tutor. O tutor costuma ter permissão reduzida para intervir no material desenvolvido, não podendo alterar as linhas pedagógicas e conteúdos propostos pelos conteudistas e coordenadores do curso.

referências; incentivar a autonomia do aluno na busca de novos conteúdos e realização de pesquisas; estimular a participação na comunidade virtual de aprendizagem; estimular a relação tutor/aluno e aluno/aluno; integrar as unidades de aprendizagem, a partir de uma abordagem que considere diferentes estratégias metodológicas como resolução de problemas, estudos de caso, reflexões sobre a experiência, pesquisa; desenvolver competências diversas; promover o diálogo permanente; possibilitar a avaliação do processo de aprendizagem.

Os materiais didáticos que são oferecidos pelas IES são “via de regra simples tutoriais ou apostilas disponibilizadas eletronicamente, ou ainda meras sugestões de leitura ou propostas de realização de exercícios preparatórios para a realização de ‘provas’” (BELISÁRIO, 2003, p. 135). Para evitar esse problema, o autor elege algumas características básicas que devem compor o material didático para EaD.

Quanto à estrutura, Belisário separa as possibilidades de desenvolvimento de materiais didáticos em macro e micro. Do ponto de vista da macroestrutura, o material pode ser interativo, sequencial ou seletivo. Interativo: a leitura é entremeada pela realização de exercícios, exemplos, vídeos, animações e outros recursos didáticos; sequencial: forma adequada para apresentar a revisão do texto, após estudo interativo, garantindo a coesão do texto e das ideias expostas; seletivo: ideal para esclarecimento de dúvidas específicas ou conceitos trabalhados no texto, essa forma de estruturação pode ser feita a partir da antecipação de eventuais dúvidas ou por meio de mecanismos mais complexos de busca nos hipertextos.

Quanto à microestrutura, o autor relaciona sete possibilidades que podem compor o material didático para EaD. Relação prática-teoria: tentativa de se aproximar da realidade concreta do aluno e de seus conhecimentos prévios antes de iniciar a temática a ser estudada; autoavaliação: propostas de parada para reflexão ao longo dos textos, propondo ao aluno a reescrita, com suas próprias palavras, do conteúdo abordado; glossário: tentativa de reduzir a necessidade de o aluno recorrer ao professor ou a outras fontes de informação para esclarecer dúvidas referentes aos conceitos abordados no conteúdo; exemplificação: apresentação sistemática de exemplos dos conceitos e teorias discutidos como

um facilitador para os alunos que não vivenciam essa teoria de maneira concreta; animações e vídeos: tentativa de gerar motivação ao quebrar a sequência de textos lineares, além de poderem exemplificar esse texto de maneira mais lúdica; resumos: destaque, ao final dos textos, para as ideias centrais, ligando o que foi lido com os objetivos iniciais propostos, possibilitando uma leitura mais conclusiva dos conteúdos; relação teoria-prática: ligação, após a leitura do texto, com a realidade concreta onde os conceitos apresentados podem ser aplicados, permitindo que o aluno supere a visão da teoria como “abstração da abstração”.

As características apresentadas quanto à estrutura dos materiais didáticos para EaD configuram a identidade própria da metodologia de criação desses materiais, diferenciando-os dos textos tradicionais apresentados em forma de apostila ou livros. Para Belisário, a utilização da mídia eletrônica é a principal mudança na forma de apresentação dos textos em relação ao formato tradicional impresso. Os avanços tecnológicos possibilitam aumentar a motivação do aluno ao possibilitar o desenvolvimento de conteúdos mais atrativos. O autor alerta, no entanto, que o excesso da utilização de ferramentas de computação gráfica pode mascarar materiais de baixa qualidade. Outra preocupação é disponibilizar tecnologias de fácil acesso aos alunos, não exigindo softwares e hardwares muito sofisticados, o que tornaria os materiais didáticos inacessíveis à grande parcela de estudantes.

Duas características permeiam a concepção do conteúdo didático: a dialogicidade, em que os textos podem reproduzir, simular ou antecipar o diálogo do aluno com o professor ausente, e a interatividade, compreendida como a capacidade de tornar o diálogo concreto, de maneira que o aluno possa alterar ou transformar o material didático, permitindo que ele esteja em constante revisão e atualização.

Já para orientar a produção de disciplinas de cursos de graduação e pós-graduação a distância, Cabral et al. (2007a) propõem modelos organizacionais. Os autores defendem que os recursos midiáticos disponíveis nos ambientes de aprendizagem devem ser explorados em consonância com os objetivos das disciplinas e também com as características específicas do conteúdo em questão.

Nesse sentido, além do conhecimento pleno da área em que a disciplina está inserida e das ferramentas disponíveis no ambiente virtual é importante que o profissional que desenvolve o conteúdo, aqui definido como conteudista, explore alguns aspectos, tais como: criatividade, lógica, visão inovadora, diferentes formas de exploração, contextualização da disciplina, linguagem argumentativa e dialógica, bom humor, afetividade, objetividade, clareza, caráter investigativo, funcionalidade das ferramentas no ambiente virtual. (CABRAL et al., 2007a)

Marquesi (2007) trabalha com as metodologias, estratégias interacionais e tecnologias da informação na elaboração de materiais para o ensino a distância mediado pelo computador, práticas discursivas da produção escrita em cursos via Internet e transformações no ensino de línguas. Segundo a autora

Especificamente no caso do ensino a distância, via Internet, um dos desafios é a forma de veiculação dos conteúdos, que permita a interação dos alunos no processo, já que é dessa interação que depende o aprendizado daqueles que, longe da sala de aula convencional, constroem seu conhecimento pela interlocução que estabelecem por meio do computador. (MARQUESI, 2007, p.121)

A interação entre professores e alunos minimiza a distância entre eles e, segundo Marquesi; Elias & Cabral (2008), facilita a aprendizagem de língua materna em diferentes situações de ensino. As questões teórico-metodológicas da organização do ambiente virtual e do texto destinado ao ensino de Língua Portuguesa a distância são abordadas pelos autores nessa perspectiva.

Na direção da produção das disciplinas *online*, Araújo Júnior & Marquesi defendem a necessidade de proporcionar motivação, socialização e presença nos ambientes virtuais, buscando “simular a linguagem falada no intuito de criar a sensação de proximidade” (2009, p. 363). Os autores destacam que

A linguagem utilizada em ambientes virtuais assume, assim, duas facetas: ela é mais informal do que a linguagem utilizada nos textos escritos em geral, na medida em que as pessoas se utilizam dela como estratégia de aproximação, mas possui as peculiaridades do texto escrito, isto é, pode ser planejada, pensada, reformulada. (ARAÚJO JÚNIOR & MARQUESI, 2009, p.363)

Um risco nas disciplinas *online* é a transposição das aulas tradicionais sem adequações necessárias ao novo meio e às novas mídias disponíveis. Segundo os autores “com o surgimento da Web, o que mais se produziram foram

livros eletrônicos que pouco utilizam os recursos do ambiente virtual propriamente dito” (2009, p.361).

A partir das pesquisas realizadas na área de Educação, Língua Portuguesa e Linguística, a produção de disciplinas *online* deve considerar os seguintes aspectos na preparação do material didático: a) a linguagem deve ser coloquial, clara e objetiva para motivar o aluno; b) o material deve ser organizado de maneira a considerar o conhecimento prévio do aluno e a incentivar sua autonomia na busca de novas aprendizagens; c) deve ser promovida a interação entre professor e aluno, aluno e aluno e entre aluno e material didático; d) devem ser trabalhadas diferentes estratégias metodológicas e recursos midiáticos.

CAPÍTULO 2

DISCIPLINA *ONLINE* DE LÍNGUA PORTUGUESA
EM IES: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

CAPÍTULO 2

DISCIPLINA *ONLINE* DE LÍNGUA PORTUGUESA EM IES: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O que na vida, na cognição e no ato chamamos de objeto definido só adquire determinidade na nossa relação com ele: é nossa relação que define o objeto e sua estrutura e não o contrário.

Mikhail Bakhtin

Neste capítulo descrevemos o percurso metodológico para escolha do *corpus* e para a constituição do objeto de pesquisa. Em seguida, levantaremos algumas características do Campus Virtual e da disciplina Língua Portuguesa para compreender a dinâmica das aulas *online* e justificar a escolha da unidade selecionada para análise.

2.1 Inserção da disciplina Língua Portuguesa no Ensino Superior

A inclusão da disciplina de Língua Portuguesa no currículo dos cursos superiores teve dois motivos principais: uma tentativa de suprir as falhas do ensino fundamental e médio e a expectativa de que a disciplina ajudasse os

alunos nas suas atividades durante a graduação e, depois de formados, em suas carreiras profissionais (GHIRALDELO, 2006, p. 7).

Os cursos a distância em IES, de maneira análoga ao que se deu no ensino fundamental e médio na década de 1970, foram criados durante o processo de democratização do ensino superior, com o crescimento cada vez mais acentuado de instituições particulares ofertando cursos de graduação e pós-graduação. Em instituições particulares, são dirigidos principalmente a alunos de camadas sociais mais populares, permitindo uma formação universitária que era restrita às classes mais abastadas. Oriundos de escolas públicas, os alunos dessas instituições costumam buscar uma formação acadêmica para ascensão no mercado de trabalho. Nessa nova ordem social, a disciplina de Língua Portuguesa passou a ser oferecida em diferentes cursos, independentemente, de serem ou não da área de Ciências Humanas.

Nesse contexto, a disciplina Língua Portuguesa assumiu o caráter de nivelamento, sendo responsável por repor conhecimentos suficientes para que os alunos lessem e escrevessem de maneira satisfatória os textos necessários no curso escolhido, explica Barzotto (2006, p.11-12). Esse viés contribuiu para a formação de uma imagem negativa da disciplina, considerada de menor importância quando comparada àquelas de conhecimento específico para as carreiras em cujo currículo se encontrava.

Soma-se ao desafio de reforçar o conhecimento prévio dos alunos e ao mesmo tempo, prepará-los para as situações do mercado de trabalho, a dificuldade de trabalhar com públicos de diferentes cursos, interesses e perfis.

2.2 Composição do objeto de análise

Frente a um amplo espaço de circulação das aulas de Língua Portuguesa *online*, fizemos um levantamento no Catálogo de Cursos do site da ABED⁶ das instituições que ofereciam cursos relacionados à Língua Portuguesa em diferentes níveis, desde livre, graduação, extensão, mestrado profissional, pós-

⁶ Disponível em: http://www2.abed.org.br/d_cursos.asp. Acesso em: 12/10/2010.

graduação (MBA), pós-graduação *lato sensu*, pós-graduação *strictu sensu* (mestrado) e até pós-graduação *strictu sensu* (doutorado).

Dentre os resultados, selecionamos cursos oferecidos por IES nos níveis de graduação, extensão universitária e pós-graduação *lato sensu*.

Para contato inicial, o procedimento adotado foi o envio de uma carta por e-mail solicitando acesso aos cursos *online* para os fins da pesquisa e garantindo a confidencialidade das informações cedidas. Só uma instituição aceitou nossa proposta. No entanto, a IES não continuou o contato após o envio do termo de compromisso.

Diante da realidade, adotamos a estratégia de nos dirigirmos diretamente a profissionais das Letras que atuavam na área de EaD. Os profissionais de duas universidades da rede particular de ensino responderam à solicitação.

A primeira universidade ofereceu para análise, dois cursos de extensão, um voltado para o contexto empresarial e outro para a leitura e produção de texto. A segunda ofereceu duas disciplinas *online* que compunham cursos presenciais de graduação: Língua Portuguesa e Linguística.

Após análise prévia das quatro propostas, selecionamos a disciplina *online* Língua Portuguesa. Além de suas turmas serem formadas por alunos de diferentes cursos de graduação presenciais e que apresentavam essa disciplina em comum, a universidade ofereceu em 2009, aproximadamente cinquenta disciplinas no sistema de 20% de semipresencialidade permitido pela portaria nº 4.059 de 10 de dezembro de 2004. No primeiro semestre daquele ano, 6800 alunos cursaram esta modalidade de ensino. O caráter comum da disciplina a diversos cursos e os números praticados pela instituição contaram para a seleção.

Após a escolha do *corpus*, o segundo passo foi delimitar o objeto de pesquisa. Para tanto, analisamos os temas que compunham o currículo da disciplina *online* Língua Portuguesa. Notamos o foco no desenvolvimento de competências comunicativas necessárias para que os alunos dominassem os principais gêneros acadêmico-científicos e profissionais, tais como resenha,

resumo, e-mail e carta profissional. A disciplina apresentava, portanto, caráter instrumental.

De maneira geral, desde o ensino médio é baixo o interesse dos alunos pela disciplina de Língua Portuguesa. Para esses alunos, a disciplina tem o objetivo de ensinar o bem falar e o bem escrever, como se eles, nativos da língua, não soubessem o português. É com essa visão que muitos dos alunos chegam à universidade.

A proposta da primeira unidade da disciplina *online* trouxe o tema dos níveis de linguagem como uma tentativa de levar aos alunos uma realidade um pouco diferente do que eles possivelmente vivenciaram no ensino médio.

O material oferecido discutia o caráter heterogêneo da língua, que admite diferentes formas linguísticas equivalentes semanticamente. Abre-se, assim, a possibilidade de coexistência de diversas linguagens dentro da Língua Portuguesa e a noção de erro é, conseqüentemente, relativizada. Expandindo os conceitos de língua e linguagem trazidos pelos alunos do ensino médio, a abordagem da primeira unidade estava em consonância com os conceitos pregados pela Sociolinguística.

Ao conceber a língua em sua heterogeneidade, a Sociolinguística defende que cada variedade se adequa às necessidades e características da cultura em que está inserida, servindo eficazmente como instrumento de comunicação. Sob esse enfoque, determinada variedade linguística deixa de ser privilegiada em relação à outra. Se, no entanto, as variedades da língua apresentam o mesmo valor como sistemas estruturados e coerentes, da perspectiva social a variedade culta é a mais aceita.

A escola busca substituir as variedades de menor prestígio pela mais aceita socialmente, quando seu papel deveria ser promover a reflexão sobre a língua e propiciar o contato dos alunos com diferentes variedades, para que aprendam a adequá-las às diferentes situações comunicativas. Tomando como princípio que todo falante nativo é competente em sua língua materna, uma vez que consegue desempenhar diferentes atos comunicativos, o erro na fala é considerado pela Sociolinguística uma inadequação às expectativas do ouvinte.

No que diz respeito à escrita, no entanto, o erro ortográfico pode ser considerado uma transgressão, porque a ortografia é um código que não prevê variação.

Diante deste cenário e para investigar o tratamento dado à Sociolinguística a um público diversificado de alunos ingressante no ensino superior, selecionamos como objeto de pesquisa a primeira unidade da disciplina *online* Língua Portuguesa, *Níveis de Linguagem*.

2.3 Organização da disciplina *online* Língua Portuguesa no Campus Virtual da IES

A universidade que oferece a disciplina *online* mantém um Campus Virtual ligado à reitoria, responsável pelo planejamento e gestão das ações de EaD e de cursos semipresenciais da instituição. A disciplina Língua Portuguesa *online* é oferecida em um ambiente virtual de aprendizagem chamado *Blackboard*, que pode ser acessado no site do Campus Virtual mediante login e senha de acesso.

A disciplina tem vigência de um semestre e, embora seja oferecida à distância, conta com algumas atividades presenciais, como o encontro dos tutores com os alunos para explicação da metodologia e a realização das avaliações regimentais.

Foi elaborada a partir do levantamento de temas ministrados nas disciplinas presenciais de Língua Portuguesa de todos os cursos de graduação. A partir dessa relação, foram definidas dez unidades temáticas que abrangiam os temas de maior incidência.

A instituição indicou oito professores para elaboração e revisão dos materiais da disciplina. Esses profissionais são conhecidos como professores conteudistas, e receberam treinamento prévio à escrita dos conteúdos para conhecerem a importância da interação na elaboração de materiais didáticos para a modalidade *online*. Antes de o material produzido pelos conteudistas ser oferecido aos alunos, uma equipe formada por profissionais de diversas áreas como Educação, Comunicação e Linguagem foi responsável por avaliar sua adequação aos fins propostos. Nesse processo, dois aspectos contribuíram para o resultado final do trabalho: o curto prazo em que os materiais tiveram de ser

produzidos; o fato de os professores conteudistas indicados não serem, necessariamente, os mais dispostos e preparados para conceber materiais com o discurso próprio da modalidade *online*.

Na sequência, detalharemos os canais de suporte que auxiliam o aluno no ambiente virtual, as ferramentas disponíveis para comunicação entre alunos e professor tutor, e a maneira como os conteúdos são organizados em módulos e unidades.

2.3.1 Áreas de apoio ao aluno

O ambiente virtual oferece três áreas que se prestam a auxiliar o aluno, em conformidade com as orientações dos referenciais de qualidade (BRASIL, 2007, p. 14): *Informações da Disciplina*, *Suporte Técnico* e *Unidade de Ambientação*. As duas primeiras se situam no menu lateral do ambiente virtual. A terceira área se encontra dentro de *Material Didático*, também acessível pelo menu. Além desses recursos, o aluno também recebe auxílio do tutor da disciplina, que o orienta quanto às dúvidas de conteúdo específico de Língua Portuguesa.

Na área *Informações da Disciplina* há quatro seções: a) *Informações Didáticas*; b) *Calendário da Disciplina, Avaliação e Critérios de Avaliação*; c) *Laboratórios de Informática para uso das Disciplinas Online e Semipresenciais*; d) *Unidade de Revisão*, como pode ser visto na figura.

A imagem mostra a interface de um ambiente virtual de aprendizagem. No topo, há uma barra de navegação com 'Língua Portuguesa - TURMA_1' e 'Inf. da Disciplina'. À esquerda, um menu lateral contém links como 'Língua Portuguesa - TURMA_1', 'Avisos', 'Inf. da Disciplina', 'Material Didático', 'Mensagens', 'Fórum de Discussão', 'Recursos Digitais', 'Suporte Técnico', e 'GERENCIAMENTO DO CURSO'. O menu 'GERENCIAMENTO DO CURSO' está expandido, mostrando opções como 'Painel de controle', 'Arquivos', 'Ferramentas do curso', 'Avaliação', 'Centro de nota', 'Usuários e grupos', 'Personalização', 'Pacotes e utilitários', e 'Ajuda'. A área principal, intitulada 'Inf. da Disciplina', contém quatro seções: 'Informações Didáticas', 'Calendário da Disciplina, Avaliação e Critérios de Avaliação', 'Laboratórios de Informática para uso das Disciplinas Online e Semipresenciais', e 'Unidade de Revisão'. A seção 'Unidade de Revisão' contém uma tabela com as seguintes informações:

Carga Horária	Total de Unidades	Pontos por Unidade
80 Hs	5	0,5
60 Hs	5	0,6
20 / 40 Hs	4	0,75

Abaixo da tabela, há uma nota em vermelho: '*A pontuação máxima que poderá ser recuperada na Unidade de Revisão e Recuperação deverá ser de 3 pontos.'

Figura 1: Detalhe da área *Informações da Disciplina*

Clicando em *Informações Didáticas* é exibida uma tabela com a organização da disciplina *online*, detalhando cada um dos itens contemplados nas unidades. Essa seção é padronizada para todas as disciplinas *online* da universidade e, por esse motivo, não considera as especificidades de cada disciplina. É o caso, por exemplo, dos itens *Motivação Inicial* e *Conteúdo Gramatical*, que ficam de fora da descrição por serem elementos específicos da disciplina *Língua Portuguesa*.

Organização da Disciplina On-line
<p>Organização da Disciplina On-line</p> <p>Os conteúdos da disciplina foram desenvolvidos especialmente para o ambiente virtual. Dessa forma, os elementos constitutivos de cada unidade foram cuidadosamente organizados, de acordo com o tempo previsto para a unidade e de modo a contemplar um conteúdo temático, atividades de sistematização e reflexões sobre os conteúdos em estudo. Cada unidade contempla os itens descritos a seguir.</p>
<p>Aviso</p> <p>O aviso tem por objetivo orientá-lo sobre a unidade, sobre as atividades e sobre detalhes que sejam importantes para você ter um bom aproveitamento e uma boa organização de seu trabalho e de sua aprendizagem.</p>
<p>Conteúdo Teórico</p> <p>O conteúdo teórico se refere ao conhecimento específico que você deverá saber sobre o tema em questão na unidade. Nesse item você encontrará, além de um esquema que sintetiza os conteúdos da unidade, um texto e uma apresentação que abordam e explicam os conceitos teóricos referentes ao tema da unidade.</p>
<p>Atividade de Sistematização do Conhecimento</p> <p>A unidade temática apresenta três atividades de sistematização do conhecimento com a possibilidade de correção automática pelo sistema do ambiente virtual (Blackboard). Ao final da unidade, estará disponível o gabarito de respostas com explicações justificando as respostas corretas.</p>
<p>Atividades de Produção Textual</p> <p>As atividades de Produção Textual têm por objetivo promover a aplicação dos conceitos teóricos trabalhados na Unidade. Elas podem ser: produção de texto, fórum de discussão e trabalho de pesquisa. Essa atividade será avaliada pelo professor tutor e seu retorno será fornecido em prazo definido no calendário da disciplina.</p>
<p>Fórum de dúvidas da Unidade</p> <p>Este fórum deve ser utilizado por você para sanar as suas dúvidas relativas ao conteúdo teórico da unidade e às atividades avaliativas.</p>
<p>Fórum de Retorno das Atividades</p> <p>Este fórum utilizado pelo professor tutor para retornar os gabaritos das atividades de sistematização do conhecimento e comentários sobre as atividades de aplicação. Nesse fórum você pode debater com o professor tutor os resultados retornados. Vale observar que os resultados serão disponibilizados pelo professor tutor no prazo indicado no calendário da disciplina.</p>
<p>Material complementar</p> <p>Considerando a possibilidade que a Educação a Distância oferece ao aluno de organizar a sua aprendizagem e buscar o conhecimento que lhe parece mais necessário, cada unidade traz a indicação de materiais complementares que você pode consultar, tais como: links interessantes, leituras de livros disponíveis nas bibliotecas dos campi ou em bibliotecas digitais, filmes, músicas, dentre outros.</p>
<p>Bibliografia</p> <p>Todas as unidades apresentam a bibliografia que fundamentou a elaboração do material que a compõe.</p>

Figura 2: Seção *Organização da Disciplina On-line*

Ao clicar em *Calendário da Disciplina, Avaliação e Critérios de Avaliação* uma tabela com caráter de cronograma relaciona, módulo a módulo, quais são os conteúdos da disciplina, seu período de vigência, a data limite para entrega das atividades pelos alunos e para retorno das atividades pelo professor tutor.

A função dos módulos é agrupar as unidades do primeiro semestre de 2010 entre os meses fevereiro e junho, de modo que cada módulo corresponde a um mês. Já as unidades são segmentos de conteúdo específico de Língua Portuguesa, agrupadas em seus respectivos módulos. Segundo o calendário, portanto, a disciplina é composta por cinco módulos (cinco meses), cada um contendo duas unidades, com exceção do último, voltado para a revisão dos conteúdos.

Calendário da Disciplina e Avaliação					
Módulo	Mês	Conteúdo	Período	Data limite para entrega das Atividades	Data Limite para Retorno das Atividades pelo Professor Tutor
I	Fevereiro	Unidade de Ambientação	08 de fevereiro a 08 de março	08 de março	22 de março
		Unidade de Conteúdo I	22 de fevereiro a 08 de março		
II	Março	Unidade de Conteúdo II	09 de março a 05 de abril	05 de abril	14 de abril
		Unidade de Conteúdo III			
III	Abril	Unidade de Conteúdo IV	06 de abril a 03 de maio	03 de maio	17 de maio
		Unidade de Conteúdo V			
IV	Maio	Unidade de Conteúdo VI	04 de maio a 31 de maio	31 de maio	09 de junho
		Unidade de Revisão			
V	Junho	Avaliação Regimental Presencial *	05 de junho	-	-
		Avaliação Substitutiva Presencial *	12 de junho	-	-
		Exame Especial **	26 de junho	-	-

* A publicação do gabarito da Avaliação Regimental Presencial e Avaliação Substitutiva Presencial será 14 de junho de 2010 no Blackboard.

** A publicação do gabarito do Exame Especial será 28 de junho de 2010 no Blackboard.

Lembrete:

A avaliação na disciplina será composta de:

- uma Avaliação Regimental Presencial com peso 5,0 pontos;
- Atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (Blackboard) com peso 5,0 pontos. As atividades são: atividades de sistematização do conhecimento (AAC), Fórum de Discussão (F), Pesquisa Bibliográfica na Internet, Elaboração de Quadro Síntese e Produção Textual (PT).

Figura 3: Seção Calendário da Disciplina e Avaliação

Laboratórios de Informática para uso das Disciplinas Online e Semipresenciais elenca, para cada um dos *campi* da instituição, os locais e horários disponíveis para acesso ao ambiente virtual, garantindo que os alunos que não contam com outro local de acesso ao curso *online* possam fazê-lo nas dependências da universidade. Por fim, a seção *Unidade de Revisão* relaciona a carga horária e os pontos totais que podem ser obtidos em cada unidade.

A área *Suporte Técnico* oferece um link que direciona o aluno ao suporte do campus virtual. Nessa página, é exibido um formulário que deve ser preenchido com os dados pessoais do aluno e a descrição do problema.

O item *Módulo I – Unidade de ambientação* pertence à área *Material Didático*, no entanto, configura-se como uma importante área de apoio ao aluno. O módulo apresenta nove seções: *Mapa Conceitual da Unidade de Ambientação*; *Boas Vindas do Campus Virtual*; *Campus Virtual - Apresentação PowerPoint com Áudio*; *Introdução às Disciplinas On-line*; *Guia do Estudante*; *Refletindo sobre sua participação nas discussões*; *Fórum de Dúvidas da Unidade de Ambientação*; *UA – Atividade de Sistematização*; *UA – Atividade de Produção Textual (PT)*.

O *Mapa Conceitual da Unidade de Ambientação* mostra, em formato de organograma, o que é o ambiente virtual de aprendizagem e a importância de o aluno aprimorar seu desempenho nas disciplinas *online*.

No esquema a seguir, um dos objetivos dessa unidade é “desenvolver novas atitudes, habilidades e competências do Profissional do Século XXI, fundamentadas em Teorias de Aprendizagem numa concepção dialógica e reflexiva”. Embora os objetivos estejam vinculados hierarquicamente à “importância de conhecer esta unidade”, ou seja, seja específico da unidade de ambientação, entendemos que se trata dos objetivos da disciplina Língua Portuguesa como um todo. Veremos, ao longo da descrição e análise de uma das unidades da disciplina, que esse objetivo não se concretiza nas propostas didáticas e propostas de interação.

Figura 4: Mapa Conceitual da Unidade de Ambientação

As *Boas Vindas do Campus Virtual* apresenta um vídeo com breve histórico do Campus Virtual e os princípios que norteiam o trabalho da instituição.

Campus Virtual - Apresentação PowerPoint com Áudio é uma apresentação de quatorze slides com locução do diretor do Campus Virtual. A apresentação explica os seguintes assuntos: unidade acadêmico-administrativa do Campus Virtual; grupo educacional com organograma; equipe do campus virtual; quantidade de disciplinas *online* do 1º semestre de 2010; suporte técnico e acadêmico para alunos e professores; recursos digitais *podcasts*; organização e estrutura das disciplinas *online*; calendário das disciplinas; atividades presenciais das disciplinas *online*; recomendações ao aluno *online*.

Introdução às Disciplinas Online é uma seção com animação de personagens e áudio que simula a interação de dois alunos conversando sobre a disciplina *online*. Nessa animação, a aluna Vânia, que já teve uma aula presencial no laboratório de informática, explica ao aluno Thiago como funcionará o ambiente virtual *Blackboard*. As informações passadas ao personagem Thiago (e, indiretamente, ao aluno da disciplina *online*) são extremamente didatizadas.

O cenário da interação entre as personagens busca se aproximar do dia a dia do aluno, primeiro com um encontro pessoal nas dependências da universidade, depois com uma conversa virtual de bate-papo. Com o mesmo intuito, a linguagem é informal e com uso de gírias. No entanto, o discurso da personagem Vânia assume tom moralizante e o diálogo travado no *chat* também

não reflete o tipo de escrita deste gênero, que é caracterizado pela ausência de pontuação, excesso de abreviações e mensagens curtas. Em resumo, os papéis estereotipados não representam os alunos reais da disciplina e sua linguagem, falhando na tentativa de estabelecer a identificação dos alunos com as personagens.

No trecho da conversa que acontece na interação face a face, o diálogo é ficcional:

- [Thiago] Eu só viajei no início das férias, mas foi da hora!
Foram as melhores férias da minha vida!
- [Vânia] Puxa, que joia! Sempre dá para aproveitar as férias
para retomar o pique, não é?

Notamos o uso das gírias “foi da hora” e “que joia”, mas essa linguagem soa falsa no diálogo, uma vez que tais gírias não são mais utilizadas pelos jovens do século XXI. Em outra sequência do bate-papo, além da extensão da mensagem, a voz da aluna traz a posição institucional, deixando o diálogo pouco convincente. O discurso longo da aluna Vânia mostra que essa é uma maneira de explicar o que é a disciplina *online*, o ENADE, e como é organizado o trabalho de estudo.

- [Vânia] Calma Thiago, isso não quer dizer que você não terá
que fazer nada! O papel do aluno é fundamental,
principalmente nas disciplinas on-line!
- Não podemos ficar "sentados no sofá" sem fazer nada,
temos que ler os textos, participar dos fóruns
discutindo os temas propostos, realizar as atividades.
- Aliás, li numa reportagem outro dia que alunos que
realizaram cursos a distância se saíram bem no
ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos
Estudantes).
- Mas, para isso, também disseram que temos que ter
autonomia e organização, separando um horário para
estudo. Como as disciplinas on-line não têm um
horário fixo, corremos o risco de deixar para a última
hora e não conseguirmos dar conta do recado.
- Apreendi também que as habilidades desenvolvidas
durante as disciplinas on-line serão úteis ao longo das
nossas carreiras profissionais.

Figura 5: Seção Introdução às Disciplinas Online

O *Guia do Estudante* é um documento de texto, em formato para impressão – PDF⁷, que traz maior detalhamento sobre os seguintes assuntos: características e histórico da EaD; perfil do aluno, responsabilidades e rotina de trabalho; dificuldades a serem superadas; normas para a comunicação no ambiente virtual; suporte técnico; recursos digitais; tutoria; encontros presenciais; sistema de avaliação.

As demais seções da unidade de ambientação correspondem a dois fóruns de discussão e duas atividades. O primeiro fórum propõe aos alunos refletirem sobre sua participação em discussões com o restante da turma. O segundo se presta a esclarecer possíveis dúvidas sobre a unidade. Quanto às atividades, trata-se de um exercício de autocorreção para verificar se os alunos compreenderam as informações que foram discutidas na unidade de ambientação e, por fim, uma atividade de produção textual que solicita aos alunos que expliquem quatro características das disciplinas *online* que eles considerem importantes.

⁷ Formato de arquivo que pode conter textos, tabelas, gráficos e imagens. É comumente conhecido por não possibilitar a alteração das informações.

2.3.2 Ferramentas

Além dos materiais previamente planejados, produzidos e oferecidos no ambiente virtual estão as ferramentas de comunicação entre alunos e professor tutor. Em princípio, nesses espaços ecoam as vozes que dão vida à aula *online*, tornando-a sempre diferente a cada nova turma. Eles possibilitam a autonomia e a autoria nos AVA.

A disciplina *online* dispõe de três ferramentas de comunicação: *Avisos*, *Mensagens* e *Fórum de Discussão*.

A ferramenta *Avisos* é uma metáfora do mural das salas de aula presenciais. Nela, o tutor escreve recados a todos os alunos, como informações sobre a disponibilidade de novos materiais de aula, lembretes com as datas de prova, entrega de trabalhos etc. Essa é uma ferramenta unilateral e não permite que os alunos respondam, comentem ou criem novos recados. Como veremos adiante, os avisos são utilizados pelo tutor em diferentes momentos da disciplina.

A ferramenta *Mensagens* permite aos participantes trocar mensagens de texto e é utilizada tanto pelo tutor quanto pelos alunos quando querem enviar recados com privacidade, sem que os demais usuários do ambiente possam visualizá-los. Por se tratarem de informações particulares trocadas entre os participantes da disciplina, as mensagens não foram analisadas neste trabalho.

A terceira e última ferramenta de comunicação oferecida no ambiente virtual é o *Fórum de Discussão*, em que alunos e tutor participam de discussões de longa duração organizadas em torno de assuntos preestabelecidos. Santos (2003, p.227) vê no fórum uma possibilidade de favorecer a colaboração entre indivíduos geograficamente dispersos. Esse tipo de comunicação assíncrona supera a unilateralidade dos meios de comunicação tradicionais, como a TV e o rádio, possibilitando que cada participante possa se expressar.

Na disciplina Língua Portuguesa *online*, a criação e a administração dos fóruns são de responsabilidade ora dos coordenadores do curso, ora do professor tutor. Os alunos não têm permissão para criar, alterar ou apagar fóruns de discussão. Cada um dos fóruns, no entanto, é composto por *Linhas de Discussão*, que são os assuntos dentro da temática maior de um determinado fórum. Na

disciplina *Língua Portuguesa*, os alunos conseguem criar novas linhas de discussão. No total, a disciplina conta com dezesseis fóruns que podem ser agrupados em duas categorias: esclarecimento de dúvidas e retorno de atividade.

2.3.3 Módulos e unidades de conteúdo

Na área *Material Didático*, o conteúdo da disciplina está organizado em módulos e unidades. Os módulos são: *Módulo I – Unidade de Ambientação* (já descrito anteriormente) e *Módulo IV – Unidade de Revisão e Recuperação*, com informações referentes à revisão dos conteúdos trabalhados na disciplina. Nota-se que a informação oferecida ao aluno na seção *Calendário da Disciplina e Avaliação* (ver Figura 3) difere, em termos estruturais, da oferecida na pasta de materiais da disciplina. Aqui, os módulos assumem a mesma função das unidades, e não têm o objetivo de agrupá-las de acordo com o mês, o que seria sua função original.

Seis unidades tratam de assuntos da Língua Portuguesa: níveis de linguagem; estratégias de leitura; coesão e coerência textuais; constituição do parágrafo; gêneros textuais acadêmico-científico (resumo, resenha, pôster e artigo científico); gêneros técnicos profissionais (carta comercial, e-mail profissional).

Figura 6: Área *Material Didático*

A sequência prevista para a primeira unidade é: *Motivação Inicial; Conteúdo Teórico; Conteúdo Gramatical; Apresentação PowerPoint com Áudio; Atividade de Sistematização (AAC); Atividade Reflexiva – Produção Textual; Sanando Dúvidas; Material Complementar; Referências Bibliográficas*. No Apêndice A, apresentamos o levantamento das seções, formatos e propostas de conteúdos trabalhados na primeira unidade. A figura que sucede a tabela apresenta a visualização da unidade no ambiente virtual segundo a visualização de professor, o que possibilita a exibição de itens que já estavam inativos, na época do levantamento dos dados, devido ao vencimento do seu prazo de vigência.

Os dois eixos centrais são o conteúdo da teoria, referente aos níveis de linguagem e o conteúdo gramatical, abordando ortografia e acentuação. O tema da teoria é reforçado pelo recurso da apresentação em PowerPoint e a avaliação do aluno se dá em duas atividades: uma de sistematização, que abrange o conteúdo teórico e gramatical, e outra de produção de texto, que trata somente da questão dos níveis de linguagem. Essa unidade será analisada em detalhes nos Capítulos 4 e 5.

CAPÍTULO 3

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS:
TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO

CAPÍTULO 3

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO

O nosso discurso na vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas.

Mikhail Bakhtin

A citação é um corpo estranho em meu texto, porque ela não me pertence, porque me aproprio dela. Também a sua assimilação, assim como o enxerto de um órgão, comporta um risco de rejeição contra o qual preciso me prevenir e cuja superação é motivo de júbilo.

Antonie Compagnon

Com o objetivo de explicitar uma abordagem de Análise dialógica do discurso que considera a linguagem não como instrumento, mas como produto da interação verbal entre indivíduos socialmente organizados, neste capítulo exploramos os conceitos que fundamentam teoricamente a análise da aula de Língua Portuguesa *online*.

A materialidade linguístico-discursiva dessa aula revelou forte recorrência à palavra de autoridade do outro, criando diferentes relações de sentido que se refletiram nas atividades didáticas da aula como um todo. Surgiu, então, a necessidade de aprofundarmos no conceito de discurso citado e formas de inserção do discurso alheio no enunciado.

Para embasar a análise, recorreremos às concepções de linguagem e de enunciado concreto de Bakhtin/Volochínov (2009), de gênero do discurso de Bajtin/Medvedev (1994), Bakhtin (2006) e Bakhtin/Volochínov (2009), de discurso citado de Bakhtin (1998) e Bakhtin/Volochínov (2009), de citação de Compagnon (2007), de paráfrase de Hilgert (2010) e de plágio acadêmico de Barbastefano & Souza (2007), Romancini (2007) e Nery et al. (2010).

3.1 O método sociológico de análise do discurso

A teoria de Bakhtin e o Círculo é constituída por diversos conceitos interconectados, de forma que é impossível recorrer a um conceito sem esbarrar em conceitos adjacentes. Essa malha articulada tem por base um método sociológico por vezes negligenciado pelos pesquisadores que recorrem a essa teoria. No entanto, esse método deve ser o ponto de partida para qualquer estudo da língua baseado na teoria dialógica do discurso. Volochínov assim estabelece a ordem metodológica:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala⁸ na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (2009, p. 129)

O método revela o caráter orgânico e interdependente de suas proposições: “as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações

⁸ Segundo SOUZA (2002, p. 101), o termo “categorias de atos de fala” pode ser substituído por “gêneros do discurso”.

sociais, as formas dos atos de fala [gêneros do discurso] evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 129).

A análise do discurso sob a perspectiva bakhtiniana traz algumas peculiaridades que a diferem de uma linha formal de análise do discurso. No ensaio *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica*, Voloshinov/Bakhtin (1976, p. 72) alertam que forma e conteúdo não podem ser considerados separadamente. Dois pontos de vista devem ser evitados: o que considera somente a estrutura do objeto de estudo, ou seja, que o considera como artefato e o que se restringe à psique e experiências individuais do criador ou contemplador. Ambos os pontos de vista são incompletos por considerarem a parte pelo todo da obra artística, quando na verdade, “o artístico é uma forma especial de interrelação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte” (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1976, p. 4).

Podemos elencar alguns pressupostos que sustentam a Análise dialógica do discurso: a) ela não se presta a aplicações mecânicas de conceitos preestabelecidos, antes disso, exige do pesquisador uma atitude dialógica diante do *corpus* analisado, o que possibilita depreender conceitos a partir de sua materialidade e particularidade; b) a análise não considera somente as marcas linguísticas do enunciado ou apenas seu contexto de produção, nem se detém na subjetividade do autor ou leitor; c) nenhum texto é resultado de determinismo sócio-histórico-cultural, nem é produto de estilo individual de seu autor, reflexo de suas marcas psicológicas; d) o discurso só pode ser abordado no diálogo situado no objeto e na maneira de enfrentá-lo; e) toda análise deve considerar o texto inserido em um gênero discursivo.

Na teoria dialógica de Bakhtin, a linguagem é concebida como situação da língua em uso. Não se trata, portanto, de observar a língua como sistema abstrato, mas vê-la em funcionamento. Sob essa perspectiva, a palavra nunca é neutra, mas tem valor ideológico. Essa concepção de linguagem está intimamente relacionada à de enunciado concreto, que em algumas obras aparece, por problemas de tradução, como enunciação.

Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 117)

A natureza sociológica e ideológica do enunciado concreto é abordada por Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Nessa obra, o autor critica duas abordagens do pensamento filosófico-linguístico da época, tomando-as como antíteses: o Subjetivismo Idealista (SI) e o Objetivismo Abstrato (OA). Na sequência, contrapomos as concepções das abordagens para alguns conceitos fundamentais da língua segundo Volochínov (2009):

(SI) A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção que se materializa sob a forma de atos individuais da fala (p. 74). (OA) A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta (p. 85).

(SI) As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual (p. 75). (OA) As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva (p. 85).

(SI) A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística (p. 75). (OA) As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico (p. 85).

(SI) A língua, enquanto produto acabado, enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas como vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado (p. 75).

(OA) Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. São estes atos que explicam a mudança histórica das formas da língua; a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida

de sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si (p. 85).

Se por um lado o Objetivismo Abstrato acredita que o sistema linguístico pode dar conta dos fatos da língua, rejeitando o ato de fala como sendo individual, por outro o Subjetivismo Individualista considera apenas a fala, tentando explicar o ato da fala a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante. Diante dessas concepções, Volochínov promove a seguinte síntese: “o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 113).

Para Bakhtin e o Círculo, a análise do enunciado concreto deve começar considerando o gênero discursivo ao qual pertence.

O conceito de gênero do discurso aparece pela primeira vez na obra *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica, de 1928. No terceiro capítulo, “Os elementos da construção artística”, Bakhtin/Medvedev travam um forte diálogo com o formalismo russo, corrente de estudos literários que produziu fortemente nas décadas de 1910 e 1930 e influenciou o estudo da literatura, poesia e prosa.

Conforme Bajtin/Medvedev (1994, p. 207), ao definirem o gênero como “certo agrupamento permanente e específico dos procedimentos com uma dominante determinada” os formalistas demonstraram não compreender sua importância. Esse posicionamento seria consequência de uma falha metodológica na teoria formalista, que só se dedicou à questão dos gêneros após o estudo da estrutura poética. Contrária a essa visão, a poética sociológica inicia a análise a partir do gênero, pois “Uma obra só é real na forma de um gênero determinado. A importância estrutural de cada elemento só se pode compreender unicamente em relação ao gênero” (BAJTIN/MEDVEDEV, 1994, p. 208).

A primeira questão abordada no texto se refere ao acabamento do enunciado. Nos enunciados cotidianos, o acabamento depende das condições externas de comunicação: o enunciado científico será sempre inconcluso; já a obra de arte tem na possibilidade do acabamento uma de suas características particulares.

O gênero se orienta à realidade em duas direções. O enunciado constitui-se tendo em vista uma situação de comunicação, ocupando, assim, um lugar no cotidiano de determinada esfera discursiva. Além disso, ele também se orienta para a vida, abarcando determinados aspectos da realidade. A maneira como cada gênero seleciona os elementos da realidade e a profundidade com que os trata constituem o seu conteúdo temático, elemento indissoluvelmente ligado ao estilo e à forma composicional na constituição do gênero: “cada gênero é capaz de controlar apenas determinados aspectos da realidade. Cada gênero possui princípios de seleção, formas precisas para ver e conceber a realidade, determinados graus sobre a capacidade de englobar a realidade e profundidade de penetrá-la” (BAJTIN/MEDVEDEV, 1994, p. 210).

Para os formalistas, a unidade temática do enunciado constrói-se por meio da combinação de palavras e frases segundo uma ideia central. Essa concepção é criticada por Bajtín/Medvedev, para quem o tema transcende a língua. O todo do enunciado, compreendido como atuação discursiva e ato sócio-historicamente determinado, é orientado em direção ao tema. O conjunto dos significados verbais é apenas um dos recursos para controlar o tema, assim como as formas genéricas que o definem segundo o princípio da dupla orientação, a partir de sua unidade temática interior e de seu processo de geração exterior.

Se a consciência humana compreende a realidade por meio da linguagem, é preciso acrescentar que a linguagem só adquire sentido através de enunciados, elaborados segundo determinadas formas institucionalizadas, os gêneros do discurso. Compreendido como um sistema de recursos e modos de tratar o real através da linguagem, cada gênero é criado, difundido e estabilizado para que a consciência humana possa dar conta dos diversos aspectos da sociedade. Os gêneros desempenham papel importante na apreensão do real, pois por meio deles o homem organiza, compreende e comenta a realidade em que vive.

O conceito de gênero discursivo está presente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* sob a nomenclatura de “gêneros linguísticos”. O conceito é relacionado com a forma de discurso social:

(...) cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação (por exemplo, relações entre colaboradores num contexto puramente técnico), a forma de enunciação (“respostas curtas” na “linguagem de negócios”) e enfim o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. *Eis porque a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal.* Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 44)

O ensaio Os gêneros do discurso – publicado em 1979 em *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2006) – é o mais comumente citado, ainda que se trate de um texto fragmentado e inacabado.

Nessa obra, Bakhtin se refere aos gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciação (2006, p. 262) – sua definição mais clássica – cujos elementos constitutivos são o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

Cada gênero apresenta sua maneira característica de conceber, olhar e selecionar a realidade. Enquanto tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis, os diferentes gêneros surgem a partir de suas funções enunciativas e das condições de comunicação discursiva específicas de cada campo da atividade humana.

A concretização do gênero em texto, de acordo com o “recorte” feito da realidade, é que vai dar origem a uma tradição, à historicidade deste gênero no espaço-tempo reais. Cada enunciado concreto é um exemplar da totalidade do gênero e seus elementos só podem ser compreendidos na relação com esse gênero, considerando a existência de um autor, um público receptor e o lugar que esse enunciado ocupa na vida cotidiana.

Bakhtin faz uma diferenciação entre gêneros primários (simples), que se formam em condições de comunicação discursiva imediata, e gêneros secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas, gêneros publicísticos etc.), que surgem em ambientes mais desenvolvidos e organizados e incorporam e reelaboram os gêneros primários. Segundo Bakhtin (2006, p. 263), ao serem integrados aos gêneros secundários, os gêneros primários se

transformam e perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios.

Quando cria uma obra artística, o autor não a cria para si, mas para o outro, e cada um dos gêneros do discurso tem sua concepção padrão de destinatário. Sobre isso, Bakhtin afirma:

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116).

Toda autoria é um processo de olhar para a vida, recortá-la e transformá-la em obra ética e estética. É, pois, um processo de seleção da realidade, um “acabamento” empreendido pelo autor a partir de uma análise apreciativa. Sua escolha individual, no entanto, é de natureza sociológica, e considera, de maneira constitutiva, o interlocutor e a situação discursiva para determinar forma e conteúdo da obra artística.

A teoria dialógica pressupõe que todo discurso responde a outros discursos que o precedem, de forma que nossas palavras estão impregnadas da palavra do outro:

todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte) (BAKHTIN, 2006, p. 272).

A partir dessa perspectiva, qualquer enunciado pode ser considerado “um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2006, p. 272). O interlocutor é sujeito ativo na comunicação discursiva e tem posição responsiva, ainda que sua resposta não seja materializada em um discurso concreto. O caráter responsivo não deve ser tomado emprestado da análise da conversação, com a alternância dos sujeitos em turnos. A simples compreensão do enunciado pelo interlocutor já gera uma atitude responsiva, seja ela expressa, ou não.

3.2 O discurso do outro

O discurso citado assume lugar privilegiado na obra de Bakhtin e do Círculo: “a arte de nos reportarmos à palavra alheia (...) seria assim, juntamente com os gêneros do discurso, um dos elementos nucleares do processo social de construção de nossas enunciações” (CASTRO, 2009, p. 118).

Segundo Bakhtin, “entre todas as palavras pronunciadas no cotidiano, não menos que a metade provém de outrem” (BAKHTIN, 1998, p. 140). O autor, no entanto, chama a atenção para o fato de que “nem todas as palavras transmissíveis do outro poderiam – uma vez fixadas na escrita – ser colocadas entre aspas”, ou seja, na forma de discurso direto e indireto. Segundo ele, essa formalização da transmissão sintática do discurso do outro admite uma série de variações na maneira de introduzir, formatar e destacar a palavra alheia.

A concepção de discurso citado de Volochínov privilegia não a forma da citação, mas a interação que se dá entre o discurso citante e o discurso citado. Em todo e qualquer discurso sempre está presente a palavra do outro, seja parafraseada, repetida, reelaborada ou apenas aludida. A heterogeneidade discursiva, portanto, não é apenas enunciativa, mas constitutiva.

As formas de transmissão do discurso alheio e suas variações são tratadas por Volochínov na terceira parte de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. O ensaio Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas: tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos é dividido em quatro capítulos: Capítulo 8, “Teoria da enunciação e problemas sintáticos”; Capítulo 9, “O ‘discurso de outrem’”; Capítulo 10, “Discurso indireto, discurso direto e suas variantes”; Capítulo 11, “discurso indireto livre em francês, alemão e russo”.

O título do ensaio causa estranhamento, segundo Castro (2009, p. 119), pois a concepção de sintaxe adotada nos quatro capítulos não corresponde ao que é ensinado na formação escolar e acadêmica tradicionais. O autor explica que os processos de citação devem ser compreendidos como “elementos estruturantes da comunicação, o que está na base de sua argumentação”. Sob essa perspectiva, no ensaio de Volochínov, a sintaxe deve ser compreendida como sintaxe enunciativa.

A citação é, para Volochínov, um problema específico de sintaxe. Segundo ele, “ninguém foi capaz de discernir nessa questão de sintaxe à primeira vista secundária os problemas de enorme significado que ela coloca para a linguística” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 149).

O oitavo capítulo da obra, “Teoria da enunciação e problemas sintáticos” é dividido em quatro seções: Significação dos problemas sintáticos; Categorias sintáticas e enunciações completas; Problema dos parágrafos; Problema das formas de transmissão do discurso de outrem. Nele, Volochínov ressalta que as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos atos da fala, e, portanto, são importantes para a compreensão da língua e de sua evolução. No entanto, são vistas pelos linguistas pelas mesmas lentes das formas fonéticas e morfológicas. Isso acontece porque a posição do linguista se torna tão menos segura quanto mais ele se afasta da unidade frasal e mais se aproxima da enunciação completa, já que nenhuma categoria linguística compreende o todo do enunciado.

Para compreendermos o posicionamento de Volochínov quanto aos problemas sintáticos, e no que ele difere da concepção tradicionalmente empregada, recuperamos a definição de sintaxe de duas populares gramáticas brasileiras.

No capítulo introdutório da *Moderna Gramática Portuguesa*, seção “Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto”, Bechara assim define sintaxe:

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas “formas”) e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de “formas”, ainda que seja combinação com zero ou ausência de “formas”; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma “forma” (na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). (BECHARA, 2009, p. 54)

Cunha e Cintra (2007) definem sintaxe na primeira seção “A frase e sua constituição” do capítulo “Frase, oração, período” da *Nova Gramática do português contemporâneo*:

A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar frases denomina-se sintaxe. (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 133)

Para esses gramáticos, o sistema linguístico é a base do estudo da língua, ficando o sentido relegado a segundo plano. Volochínov, ao contrário, acreditava que o estudo da sintaxe só era possível fora dessa análise tradicional abstrata:

os problemas de sintaxe são da maior importância para a compreensão da língua e de sua evolução, considerando-se que, de todas as formas da língua, as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos *atos da fala*. Todas as análises sintáticas do discurso constituem análises do corpo vivo da enunciação; portanto, é ainda mais difícil trazê-las a um sistema abstrato da língua. (...) Mas, como também já deixamos claro, um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria da enunciação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 144)

Pelas categorias gramaticais não chegamos à enunciação completa ou, sequer, “às unidades dentro de uma enunciação monológica com alguma pretensão a serem consideradas unidades completas” (2009, p. 147), como, por exemplo, o parágrafo. A definição de parágrafo como “pensamento completo” não é linguística e, portanto, não pode ser aceita.

A partir do capítulo “O ‘discurso de outrem’”, Volochínov busca “dotar de uma orientação sociológica o fenômeno de transmissão da palavra de outrem” (2009, p. 149). Ele discute a questão em cinco seções: Apresentação do problema; Determinação do discurso de outrem; Problema da apreensão ativa do discurso vinculado ao problema do diálogo, Dinâmica da inter-relação do contexto narrativo e do discurso citado; O “estilo linear” em matéria de transmissão do discurso de outrem em relação ao “estilo pictórico”.

A frase de abertura do capítulo resume o posicionamento do autor sobre o valor do discurso do outro no interior do contexto narrativo:

O discurso citado é o *discurso no discurso*, a *enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação*. (grifo do autor) (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 150)

Ao tomar o discurso citado não apenas como um discurso que se insere em um contexto narrativo, mas também como um discurso que diz algo sobre

esse contexto, Volochínov insiste no caráter valorativo da seleção e da forma de integrar o discurso citado ao contexto narrativo.

Bakhtin também discute o caráter não mecânico do processo de transmissão do discurso de outrem que, ao ser incluído no contexto narrativo, se submete a transformações de significado e sofre a influência do discurso citante. Discurso citado e discurso citante sofrem, portanto, um processo de influência mútua.

Por isso, ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolivelmente ao outro (BAKHTIN, 1998, p. 141).

A pesquisa linguística deve se debruçar sobre a interação que se dá entre o discurso a transmitir e o discurso que serve para transmiti-lo, ou seja, o discurso citado e o contexto de transmissão. A dinâmica dessa interação “reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 154).

No processo de apreensão do discurso do outro, o narrador pode tanto manter a integridade do discurso citado, isolando-o do contexto narrativo, como dissolvê-lo em suas impressões, réplicas e comentários. Tomando os termos emprestados da crítica de arte, Volochínov chama o primeiro caso de estilo linear e o segundo, de estilo pictórico.

No estilo linear, a integridade e autenticidade do discurso citado são conservadas, impedindo as intervenções do narrador de se fundirem ao discurso. No estilo pictórico, a voz do narrador se infiltra no discurso citado, apagando as fronteiras que o separam do discurso narrativo. Segundo o autor, essa orientação é caracterizada pelo discurso indireto sem sujeito aparente e pelo discurso indireto livre, “forma última de enfraquecimento das fronteiras do discurso citado” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 159).

Volochínov cita duas variedades de tipos de estilo pictórico. Em uma delas, as fronteiras são deliberadamente apagadas pelo narrador, que imprime no discurso suas próprias marcas. Em outra, o discurso citado assume posição de domínio sobre o discurso narrativo, dissolvendo-o e minando sua objetividade.

Quanto mais forte for o sentimento de imanência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por

tendências exteriores de réplica e comentário.
(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 159)

O discurso citado pode ser apreendido com grau máximo de autenticidade e integridade, mantendo sua estrutura primitiva e sendo delimitado por marcas linguísticas, tais como aspas, itálico, recuo etc. Pode também ser inserido no contexto narrativo entremeado pela percepção valorativa do narrador, que apaga as fronteiras entre os discursos.

Volochínov faz referência tanto ao gênero literário, em que o discurso do outro é o discurso do narrador e dos personagens, quanto aos gêneros do cotidiano, narrativa, processos legais, polêmica científica etc. Nesses contextos, o outro sempre é tomado na alteridade. Seu discurso é apreendido para ser criticado, para corroborar o que se diz etc., mas ao leitor final, independentemente do estilo mais linear ou mais pictórico, fica sempre em evidência que se trata de diferentes vozes:

A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 151)

Volochínov caracteriza os esquemas de transmissão do discurso de outrem e suas principais variantes, tomando como princípio que “o esquema só se realiza sob a forma de uma variante específica” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 161). Entre o esquema de transmissão e suas variantes não existe uma fronteira definida, de forma que as variantes ficam entre os esquemas gramaticais e os estilísticos.

Com o passar do tempo, as variações acumulam modificações que acabam se estabilizando, dando lugar a novas representações linguísticas da transmissão do discurso do outro. Para delimitar a caracterização dos esquemas de transmissão do discurso do outro, Volochínov se detém no aspecto metodológico dos discursos direto e indireto que, segundo ele, não apresentam diferença notável na língua russa (2009, p. 162).

Começando pelo esquema menos elaborado na língua russa, Volochínov caracteriza duas orientações a partir das quais é possível analisar o discurso indireto. Na primeira orientação o discurso indireto transpõe de maneira objetiva exata o que o falante disse, “a enunciação de outrem pode ser apreendida como uma *tomada de posição com conteúdo semântico preciso por parte do falante*”, ou seja, no plano temático. Essa variante distancia o narrador das palavras citadas, sendo um instrumento para a transmissão do discurso do outro em estilo linear. Volochínov chama essa variação de *discurso indireto analisador do conteúdo* (2009, p. 167). Nessa orientação, a personalidade do falante não existe para o transmissor. A segunda orientação integra no discurso indireto não só as palavras do outro, mas também seu modo de dizer, sua subjetividade e estilo. As características do outro ficam bem distanciadas do discurso do falante, e vêm normalmente entre aspas. Volochínov chama essa variação de *discurso indireto analisador da expressão* (2009, p. 168). Segundo ele, ao mesmo tempo em que as citações ganham relevo, elas se “acomodam aos matizes da atitude do autor – sua ironia, humor etc.” (2009, p. 169). Nessa orientação a individualidade do falante se apresenta de maneira subjetiva, implicando um julgamento de valor do autor sobre esse modo.

O discurso direto, bastante elaborado na língua russa, apresenta grande diversidade de variantes. Dentre elas, Volochínov detém-se nos casos em que o discurso narrativo e o discurso citado trocam entoações, e apresenta cinco orientações, das quais destacamos três. A primeira, chamada *discurso direto preparado*, caracteriza-se pelo fato de, mesmo antes de ser enunciado, o discurso citado já ser preparado pelo discurso indireto. É o caso, por exemplo, do discurso direto que emerge do indireto, sem modificações. Como a característica do discurso indireto livre é ser tanto narrativo quanto transmissor da palavra o outro, ele antecipa os temas do discurso direto, enfraquecendo as fronteiras do discurso citado. A segunda variação consiste no *discurso direto esvaziado*, e também emerge do discurso indireto. Segundo Castro, “a caracterização objetiva no interior do contexto narrativo antecipa seus contornos e sua entonação de maneira que o discurso citado se aproxima quase do desnecessário” (CASTRO, 2009, p. 128).

Outra variação é o *discurso antecipado e disseminado oculto*, em que o contexto narrativo é tão colorido pela preparação do discurso citado e pela antecipação do tema e de seus valores, que acaba se assemelhando à citação. Nesses casos, “praticamente cada epíteto, cada definição ou julgamento de valor poderiam também estar entre aspas, como se tivessem saído da consciência de uma ou outra das personagens” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 173).

Os diferentes tipos de discurso citado e suas variações se destacam do contexto narrativo por marcas linguísticas ou enunciativas, sem as quais a voz do outro não pode ser percebida. Seja no estilo linear ou pictórico, as vozes do discurso são evidenciadas ao leitor final.

Como tratar os casos em que o narrador omite as marcas da inserção do discurso citado no seu próprio, fazendo-os, conscientemente, passar como seus? Nesses casos, o apagamento das marcas do discurso alheio não se enquadra no continuum que vai do discurso do outro interiorizado e constitutivo da cadeia responsiva do diálogo social, ao discurso citado. Temos, portanto, a cópia, que será tratada no próximo item.

3.3 Da citação ao plágio

Corroborando com Volochínov (2009), Compagnon adverte para a pouca importância dada ao trabalho da citação pelos pesquisadores, cujos trabalhos costumam se prender à questão formal, categorizando os tipos de citação sem se preocupar com as diferentes funções que desempenham.

Segundo o autor, todo processo de escrita é, por si só, um processo de citação. Enquanto operador trivial da intertextualidade, ela “apela para a competência do leitor, estimula a máquina da leitura, que deve produzir um trabalho, já que numa citação, se fazem presentes dois textos cuja relação não é de equivalência nem de redundância” (COMPAGNON, 2007, p. 59).

Citar envolve um processo de extração, mutilação e desenraizamento:

Há um objeto primeiro, colocado diante de mim, um texto que li, que leio; e o curso de minha leitura se interrompe numa frase. Volto atrás: re-leio. A frase relida torna-se fórmula autônoma dentro do texto. A releitura a desliga do que lhe é anterior e do que lhe é posterior. O fragmento escolhido converte-se ele mesmo

em texto, não mais fragmento de texto, membro de frase ou de discurso, mas trecho escolhido, membro amputado. (COMPAGNON, 2007, p. 13)

Ao mesmo tempo em que o trecho selecionado adquire autonomia, tornando-se um texto, e não mais um fragmento de texto, também remete à totalidade do texto original. Apesar dessa relativa autonomia, Compagnon lembra que “a citação não tem sentido em si, porque ela só se realiza em um trabalho, que a desloca e que a faz agir.” (p. 47). É preciso, portanto, que o trecho citado entre em diálogo com o texto citante, componha a totalidade do texto de maneira a não soar como objeto estranho, desprovido de sentido.

Há algumas marcas do texto, como as aspas e o itálico, que marcam a inserção do autor. Nas aspas encontramos a saída de cena do escritor para dar voz a outro, estratégia basicamente usada em duas situações: para evocar a voz de autoridade do outro ou para que o autor se exima da responsabilidade do que traz ao leitor. No itálico, o escritor reforça sua voz no texto.

As aspas podem representar diferentes situações discursivas: “o que as aspas dizem é que a palavra é dada a um outro, que o autor renuncia à enunciação em benefício de um outro; as aspas designam uma re-enunciação, ou uma renúncia ao direito de autor” (COMPAGNON, 2007, p. 52). Elas também podem não remeter a um sujeito preciso, omitindo a origem de onde a citação é tomada e permitindo uma esquiva do autor: “uma hesitação, um grau de liberdade no texto, por onde o autor foge, e o leitor o segue, em busca de paternidade” (p. 53).

Algumas combinações acompanham as citações, como as referências ou notas de rodapé. Elas são usadas não pela lógica, já que são equivalentes, mas com função ética e ideológica: “a citação, prova de sua referência ao apoio, autentica um indivíduo pela sua enunciação, consagra-o como autor” (COMPAGNON, 2007, p. 126). A nota garante a autenticidade do texto, seu acabamento.

Além da citação, há um modo menos explícito de recuperar a voz do outro no discurso. A paráfrase, segundo Hilgert (2010), é uma atividade linguística de reformulação “por meio da qual se estabelece entre um enunciado de origem e um enunciado reformulador uma relação de equivalência semântica, responsável

por deslocamentos de sentido que impulsionam a progressividade textual” (p. 117).

De acordo com suas possibilidades de produção, a paráfrase pode ser de dois tipos: autoparáfrase, em que o falante parafraseia algo anteriormente formulado por ele próprio; heteroparáfrase, em que o interlocutor parafraseia o enunciado de outrem. Interessa-nos neste trabalho o segundo tipo.

A paráfrase retoma, em maior ou menor grau, a dimensão significativa do enunciado que a origina. Entre paráfrase e matriz, portanto, existe uma equivalência semântica que pode ser mínima, necessitando de conhecimentos extratextuais para ser reconhecida, ou máxima, consistindo em pura repetição. De acordo com a gradação, Hilgert nomeará tais situações como *equivalência fraca* e *equivalência forte*, respectivamente (2010, p. 139-140). A partir desses graus de equivalência, o autor conclui que o ato de parafrasear é, no nível semântico, um *deslocamento de sentido*, que ora se manifesta do geral para o específico, ora do específico para o geral. No primeiro caso, a paráfrase recupera menos traços do que apresentados na matriz; no segundo, a paráfrase recupera traços da matriz com expressões semanticamente mais abrangentes.

As paráfrases tendem a seguir uma estrutura formal de acordo com a função que exercem em relação a sua matriz, podendo ser expansivas, redutoras ou paralelas (HILGERT, 2010, p. 142). As *paráfrases expansivas* ocorrem quando há deslocamento de sentido do geral para o específico, de forma que a paráfrase se expande, em termos sintáticos e lexicais, em relação à matriz. A função desse tipo de paráfrase é “dar explicações definidoras de matrizes constituídas por noções abstratas” (p. 144). Há *paráfrases redutoras* quando o deslocamento de sentido se dá do específico para o geral, havendo uma condensação sintático-lexical da paráfrase. Sua função é “explicitar, precisando ou especificando, informações contidas nas matrizes” (p. 144). As paráfrases redutoras têm duas funções: conferir uma denominação mais simples ou abrangente a uma reformulação complexa ou muito específica da matriz; resumir suas informações. As *paráfrases paralelas* mantêm a mesma dimensão textual, ou seja, a mesma simetria sintática da matriz, diferindo dela apenas por variações de léxico.

Vimos que tanto a citação quanto a paráfrase podem adquirir graus diferenciados de “fidelidade” em relação ao enunciado que a deu origem. Há, no entanto, uma fronteira, muitas vezes tênue, que separa o discurso citado da cópia.

Se a escrita é sempre uma reescrita, mecanismos sutis de regulação, variáveis segundo as épocas, trabalham para que ela não seja simplesmente uma cópia, mas uma tradução, uma citação. (COMPAGNON, 2007, p. 42)

Em épocas de escrita digital, e com a facilidade de efetuar buscas na Internet, a questão do plágio vem ganhando destaque, reflexo das queixas de professores que, cada vez mais, recebem de seus alunos trabalhos copiados.

A palavra plágio vem do grego *plágios*, que significa oblíquo, que não está em linha reta; por extensão de sentido, pode ser considerado um meio oblíquo para se alcançar determinado resultado.

Referente à questão do plágio, Barbastefano & Souza (2007) relacionam sete causas de mau uso de fontes nos trabalhos acadêmicos: a. facilidade de acesso à informação, considerando não somente a diversidade de fontes de pesquisa na Internet como também sites especializados em comercializar trabalhos acadêmicos; b. falta de capacidade para parafrasear; c. pouco valor que os alunos dão ao próprio trabalho; d. falta de análise crítica de trabalhos e confusão em relação à propriedade na Internet; e. incentivo ao plágio nos níveis fundamental e médio, uma vez que é considerado pesquisa nesses níveis de ensino, a apresentação de recortes e colagens de diferentes fontes de informação ; f. facilidade de acesso a programas de tradução, que dificulta, inclusive, o rastreamento da fonte; g. desconhecimento de regulamentações, não só da legislação vigente como do uso correto de citações e paráfrases.

Romancini (2007) e Nery et al. (2010) abordam os limites da diferenciação entre citação e plágio e sistematizam esses conceitos. Segundo Romancini, *a citação é uma atribuição da fonte a uma ideia ou conteúdo*, feita de duas maneiras: transcrição literal com uso de aspas ou outro sinal demarcador, ou com paráfrase. Já *o plágio é a falsa atribuição de autoria, apropriação indevida do trabalho de um autor por outro indivíduo* e pode se manifestar pela apropriação de trechos de obras sem a citação da fonte, por falsa paráfrase (a fonte é indicada, mas não há formatação especial no texto para delimitar as palavras do autor), dentre outras formas.

Para Nery et al., o plágio, ao violar direitos autorais, configura um crime, com implicações cíveis e penais⁹. E completa: “o ‘desconhecimento da lei’ não serve de desculpa, pois a lei é pública e explícita.” (2010, p. 1). Os autores discriminam três tipos de plágio: integral, quando um trabalho é copiado palavra por palavra, sem menção da fonte; parcial, “quando o trabalho é um ‘mosaico’ formado por cópias de parágrafos e frases de autores diversos, sem mencionar suas obras”; conceitual, quando há a “utilização da ideia do autor escrevendo de outra forma, porém, novamente, sem citar a fonte original”.

No plágio o discurso do outro é apropriado pelo narrador como discurso próprio, sem marcas linguísticas ou enunciativas para delimitar suas fronteiras. Quando Volochínov descreve que o discurso citado conserva sua integridade linguística, refere-se ao discurso inserido em um texto autoral. No caso da cópia, não podemos falar da autonomia estrutural do discurso alheio, pois ele é tomado como próprio.

⁹ **Código Civil Art. 524:** “a lei assegura ao proprietário o direito de usar, gozar e dispor de seus bens, e de reavê-los do poder de quem quer que, injustamente, os possua”. **Código Penal:** Crime contra o Direito Autoral, previsto nos Artigos 7, 22, 24, 33, 101 a 110, e 184 a 186 (direitos do Autor formulados pela Lei 9.610/1998) e 299 (falsidade ideológica). **Art. 7** define as obras intelectuais que são protegidas por lei: considerando como obras intelectuais “as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro”; **Art. 22 a 24** regem os direitos morais e patrimoniais da obra criada, como pertencentes ao seu Autor; **Art. 33** diz que ninguém pode reproduzir a obra intelectual de um Autor, sem a permissão deste; **Art. 101 a 110** tratam das sanções cíveis aplicáveis em casos de violação dos direitos autorais, sem exclusão das possíveis sanções penais; **Art. 184** configura como crime de plágio o uso indevido da propriedade intelectual de outro; **Art. 299** define o plágio como crime de falsidade ideológica, em documentos particulares ou públicos. (NERY, et al., 2010, p. 3)

CAPÍTULO 4

DA TEORIA À PRÁTICA:
NÍVEIS DE LINGUAGEM

CAPÍTULO 4

DA TEORIA À PRÁTICA: *NÍVEIS DE LINGUAGEM*

A análise do conteúdo é extremamente difícil, e em geral não se pode escapar a uma certa dose de subjetividade, que é condicionada pela própria existência do objeto estético; porém, o cuidado científico do pesquisador sempre pode mantê-lo nos devidos limites e levá-lo a recusar o que há de subjetivo na sua análise.

Mikhail Bakhtin

O objetivo deste capítulo é descrever e analisar o conteúdo de Língua Portuguesa de uma aula *online* do curso de graduação da IES. Nesta primeira unidade, a finalidade é situar o aluno na norma culta que envolve a produção de gêneros da esfera acadêmica.

Cada unidade de conteúdo é formada por uma série de seções cuja ordem de navegação/leitura não é linear. Entretanto, geralmente, a leitura se desenvolve sequencialmente, seguindo a ordem em que as seções são dispostas na tela.

Com o objetivo de explicitar “o que” se ensina na aula *online* e “como” se ensina, escolhemos analisar as seções não na sequência em que são apresentadas na unidade, mas em dois eixos: seções que contemplam os conteúdos linguístico e gramatical, e seções que promovem a interação e

avaliação dos alunos. A divisão evidenciará que o foco da aula recai sobre o primeiro eixo, ou seja, o conteúdo.

Antes disso, no entanto, convém detalharmos a seção de abertura, cujo intuito é motivar o aluno para a leitura da unidade.

4.1 *Motivação Inicial*

A introdução da unidade procura despertar o interesse do aluno pelo conteúdo abordado. Usando o texto verbo-visual, constrói ficcionalmente duas personagens, Fernanda e Suzana. A primeira é uma aluna dedicada que passa a apresentar e problematizar questões referentes ao uso da linguagem. Suzana é tutora de um dos cursos de Língua Portuguesa.

Figura 7: Seção *Motivação Inicial*

O diálogo organizado em quatro telas, apresenta algumas marcas conversacionais. Durante a conversa entre as personagens, ocorrem as seguintes interações:

[Fernanda] Nossa Suzana, você acabou de sair do auditório também?

[Suzana] Ah sim Fernanda, eu estava assistindo à palestra do professor Charles, que veio como convidado de outra Universidade. O que você achou?

[Fernanda] Bem, para te falar a verdade, eu praticamente não entendi nada do que ele disse...

[Suzana] Talvez você não tenha compreendido pelo tipo de linguagem que o professor usou durante a palestra.

[Fernanda] Será que foi isso? Eu me senti péssima! Parecia que estava ouvindo outro idioma. Aliás, a minha mãe diz a mesma coisa quando me vê conversando pela Internet.

[Suzana] Pois é Fernanda, os níveis de linguagem, bem como outros elementos facilitam e melhoram o processo de comunicação, seja este pessoal ou profissional. Assisti a uma excelente aula de Língua Portuguesa sobre esse tema nesta semana, não gostaria de explorar o material comigo? Creio que daí tudo ficará mais claro para você.

[Fernanda] Ok, topo, quero entender como são essas coisas para me comunicar melhor, afinal de contas eu comecei a namorar há um mês e a trabalhar faz uma semana e quero me sair o melhor possível nas duas situações.

[Suzana] Combinado, vamos lá para a Biblioteca.

[Instrução ao aluno:] Explore o material para ver a importância da comunicação, níveis de linguagem, modalidades e variantes com o intuito de atentar para essas questões em todas as situações.

Na tentativa de motivar o aluno a se interessar pelo conteúdo estudado, o texto recupera preocupações como falar bem no trabalho ou impressionar o parceiro afetivo. Os diálogos oferecidos têm como objetivo que o aluno se identifique com Fernanda, a jovem interessada em se expressar bem.

Ao analisar o diálogo entre Suzana e Fernanda, nota-se certa simplicidade, no entanto, a proposta é discutir com os alunos a dificuldade de usar a linguagem nas situações formais (como no exemplo da palestra) e de se

compreender diferentes tipos de linguagem, levando o aluno *online* a reconhecer as várias realidades do cotidiano que não devem servir de vergonha a ninguém.

A tutora é representada visualmente com um estereótipo da professora da década de 1950 ou 1960: uma jovem vestida de saia na altura dos joelhos, que usa blusa, sapatos altos, tem cabelos longos, brincos e colar de pérolas e traz um dos braços na cintura, o que indica a posição de quem tem algo a dizer. Se a imagem distancia, pela linguagem há uma tentativa de aproximar-se dos alunos. No balão de texto, há expressões próximas do texto escrito, como “bem como”, “seja este” e “creio”, porém, há também procedimentos linguísticos que buscam uma aproximação com a aluna. No momento em que a tutora se coloca na posição de aprendiz, ao dizer que recentemente assistiu a uma aula de Língua Portuguesa, busca uma relação de proximidade não só com Fernanda, mas com todos os alunos que estão acessando essa aula *online*.

Se analisarmos o problema da compreensão (mote para a conversa entre as personagens) o palestrante utilizou um tipo de linguagem diferente do usado no cotidiano, outro *nível de linguagem*. Essa mudança na maneira de se expressar é que cria dificuldade de compreensão de Fernanda.

No diálogo, a tutora explica que os níveis de linguagem são “elementos que facilitam e melhoram o processo de comunicação”. As dificuldades de compreensão apresentadas pela aluna podem ser por duas razões: ou o palestrante não foi bem sucedido em sua comunicação, uma vez que os alunos da graduação não o entenderam, ou os alunos não tinham competências linguísticas necessárias para o entendimento do discurso do palestrante. Para a tutora, a dificuldade é da aluna, que desconhece o nível de linguagem utilizado, e não do palestrante. Para Fernanda, a possibilidade de estudar os diferentes níveis de linguagem é um caminho para solucionar suas dificuldades.

O convite feito pela tutora à Fernanda vale também ao aluno *online*, que passa a explorar a “excelente aula de Língua Portuguesa”.

4.2 Níveis de linguagem, modalidade oral e escrita, variante padrão e não padrão

A análise do *Conteúdo Teórico* será feita sob duas perspectivas. Primeiro exploraremos o material oferecido ao aluno de ensino superior procurando recuperar suas possíveis impressões ao término da leitura. Na sequência, lançaremos um olhar crítico, analisando o processo de produção do texto.

4.2.1 Conteúdo Teórico

O texto do *Conteúdo Teórico* é o primeiro contato efetivo do aluno com a especificidade da Língua Portuguesa. Em formato PDF, com doze páginas, o texto verbal desenvolve conceitos em torno dos níveis de linguagem.

A proposta exige do aluno uma profunda capacidade de leitura, com a identificação de diferentes conceitos, a comparação de elementos da linguagem oral e escrita e as variantes padrão e não padrão.

O texto é organizado em quatro seções, intituladas *Níveis de Linguagem*, *Modalidade Oral e Escrita*, *Variante Padrão e Não Padrão* e *Colocando em Prática*. Apresenta também uma *Introdução* e as *Considerações Finais*. Os créditos são atribuídos ao “Núcleo de Professores e tutores do Campus Virtual”, tornando a autoria institucional. Ao não explicitar seu autor empírico, a instituição chama para si a responsabilidade pelo texto e pelos valores éticos e estéticos que o circundam e fundamentam. Dentre as cinco unidades da disciplina, somente a Unidade 3 – Coesão e Coerência Textuais revela o nome de seus autores responsáveis.

O texto critica a tradicional separação entre fala e escrita recuperando autores que defendem a não dicotomização dessas duas modalidades, como Mac-Kay e Koch. Também traz à tona o fato de as gramáticas normalmente adotarem a escrita como parâmetro, associando a fala a um dos seus níveis de realização – o informal, que fortalece a polarização destas duas modalidades e exclui a possibilidade da existência de níveis de formalidade. Enfatiza que nenhuma língua (oral ou escrita) se sobrepõe à outra em importância, mas elege a língua escrita como “mais bem elaborada”, “modalidade que mantém a unidade

linguística de um povo, além de ser a que faz o pensamento atravessar o espaço e o tempo”. Ao privilegiar os graus de formalidade e as diferenças entre fala e escrita, o texto não se aprofunda na ideia de fala e escrita como modos heterogêneos de enunciação.

A seção sobre variante padrão e não padrão tenta desmistificar a relação certo/errado atribuída aos níveis formal/informal, culto/popular, pois “o que se fala no Brasil é uma gama de variações de uma mesma língua”, ao mesmo tempo em que ressalva a importância de dominar a variante considerada de maior prestígio na sociedade: a norma padrão. Para sintetizar as questões de linguagem, o texto incentiva o abandono dos preconceitos linguísticos e orienta que na escrita acadêmica, em redações para concursos e textos profissionais prevaleça a variante padrão, sendo aconselhado evitar o uso de gírias, regionalismos e outros elementos típicos da linguagem coloquial, tais como repetições desnecessárias, cacoetes, abreviações e clichês.

Dada a complexidade da Sociolinguística Variacionista, a princípio poderíamos supor que em uma aula de LP comum a todos os cursos da graduação, não seriam aprofundadas questões teórico-metodológicas dos conceitos envolvidos. No entanto, a recorrente referência a gramáticos e linguistas, por meio de citações que estão entre aspas, paráfrases ou transcrições de trechos de obras, pode ser considerada como uma tentativa de aproximação a tais conhecimentos.

Esse texto é norteador da unidade, de modo que as citações de linguistas e gramáticos recorrem à palavra de autoridade do outro conferindo ar de legitimidade ao discurso enunciado, reiterando a qualidade das informações trazidas à discussão. Em 39% dos parágrafos do texto, sem considerar a seção *Colocando em Prática*, existem citações, seja na forma de transcrição ou de paráfrase. Esse recurso aparece de diferentes maneiras, tal como esquematizado no quadro a seguir.

Quadro 2: Recorrência à citação do outro no discurso

§	Introdução	Níveis de Linguagem	Modalidade Oral e Escrita	Variante Padrão e Não Padrão	Considerações finais
1	Nas grandes civilizações... (PRETI, 2003)	Dentre os estudiosos...	Segundo Mac-Kay (2000)...	É fato irrefutável...	Vimos até aqui... (Preti, 2003)
2	Ainda segundo o autor...	O nível culto...	Koch...	Nesse sentido...	Ainda segundo o autor...
3	Segundo Bechara (2001)...	Pretti (2003)...	Conforme observa a autora...	Assim...	Em síntese...
4	Assim...	O autor...	Em síntese, Koch	Segundo Pretti (2003)...	
5	Para se fazer entender...	Não raro...	Fávero, Andrade e Aquino (2002, apud Mac-May)...	Por outro lado...	
6	Assim...	Por outro lado...	Tais condições...	Em síntese...	
7		Também acrescentamos...	Na fala...		
8		Contudo, Pretti (2003)...	Na escrita...		
9		Essa posição...	A língua escrita...		
10		O autor...	Se por um lado...		
11		Em rigor...	Por outro lado...		
12		Portanto...	Outro aspecto...		
13		O importante...	Só para ilustrar... Evanildo Bechara		

A leitura atenta do *Conteúdo Teórico* indica dificuldades de compreensão decorrentes do processo de construção do texto, porque o agrupamento de trechos é extraído de diferentes fontes. Os problemas apresentados pelo texto podem ser reunidos em três grupos: incoerência, repetição e ausência de contexto. Nas análises a seguir, as letras entre parênteses correspondem a parágrafos retirados do *Conteúdo Teórico*. As obras originais utilizadas na comparação estão indicadas nas figuras.

Incoerência

No primeiro exemplo, os parágrafos nomeados (A) e (B) retomam o conceito de linguagem de E. Bechara na *Moderna Gramática Portuguesa* (2001) e estão relacionados pelo uso de um conectivo “assim”, o que indica “uma relação de meio e fim, de causa e efeito, de razão e consequência” (MAINGUENEAU, 1997, p. 177). Como conectivo ilustrativo, o “assim” introduz fatos ou razões que supostamente apoiam a afirmação antecedente.

(A) Segundo Bechara (2001), “entende-se por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar idéias e sentimentos, isto é, os conteúdos da consciência”.

(B) Assim, a linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual, *glossa* = línguas), que são denominadas tradicionalmente como línguas e utilizadas pelo homem para elaborar mensagens, para se comunicar. Mas, como cada falante é único, a língua nunca é usada de forma homogênea. Em todos os idiomas haverá variação de época, região, classe social, entre outras.

A relação que o parágrafo (B) estabelece com o parágrafo (A) parece não atender nem à função conectiva nem à ilustrativa. Recorrendo ao texto original de onde os trechos foram retirados, identificamos que o parágrafo (A) abre a seção de Bechara “1: Linguagem”, enquanto o parágrafo (B) abre a seção “3: Atos linguísticos”. Ao conectar ambos os trechos, o texto não mantém a relação de sentido que está estabelecida na obra original, mas cria outro sentido a partir da justaposição das seções inicialmente formuladas pelo autor.

TEORIA GRAMATICAL

A) Linguagem: suas dimensões universais

“dizer as coisas como são”

Platão

1 – LINGUAGEM

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Figura 8: Bechara (2009, p. 28)

“Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va!* repetiu, batendo as sílabas com o dedo” [MA.1, 88].

“Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiiira!... Mentiiiiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado” [HC.1, 32].

3 – ATOS LINGÜÍSTICOS

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissolavelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

Figura 9: Bechara (2009, p. 30)

No parágrafo (B), a sequência de orações subordinadas com a repetição dos pronomes relativos “que se”, “que são”, “e [*que são*]” cria um encadeamento extenso, o que dificulta o entendimento ao apresentar diferentes informações em um mesmo período, como pode ser observado na reprodução simplificada da sequência de argumentação:

A linguagem humana se realiza por atos linguísticos
que se
 organizam em sistemas de isoglossas
que são
 denominadas línguas
e (que são)
 utilizadas para a comunicação.

Outro problema de coerência pode ser observado na relação entre os parágrafos seguintes (C) e (D).

(C) Para se fazer entender, qualquer pessoa precisa estar em sintonia com o seu interlocutor e isto é facilmente observável na maneira como nos dirigimos, por exemplo, a uma criança, a um colega de trabalho, a uma autoridade. Escolhemos palavras, modos de dizer, para cada uma dessas situações. Tentar adaptar a própria linguagem à do interlocutor já é realizar um ato de comunicação. Pode-se dizer que o nível da linguagem deve se adaptar à situação.

(D) Assim, o uso que cada falante faz da língua varia segundo o seu grau de instrução, a idade, a região em que vive e a situação em que ocorre o ato da fala. Por exemplo, uma mesma pessoa, dependendo do meio em que se encontra, das pessoas com quem se comunica, usará diferentes níveis de linguagem.

Em (C), o trecho sublinhado corresponde à síntese do primeiro parágrafo, que explicita que o falante adapta o nível de linguagem à situação. O exemplo dado em (C) enfatiza que escolhemos palavras e modos de dizer de acordo com a situação comunicativa. Inserido pelo conectivo “assim”, (D) se caracteriza como uma ilustração de (C). Aponta, no entanto, que os níveis de linguagem variam segundo grau de instrução do falante, idade, região e situação. Em (C) e (D) parte-se, portanto, do específico para o geral (o trecho sublinhado em (D) traz mais elementos – grau de instrução, idade e situação – do que havia sido exposto no trecho sublinhado de (C) – situação), sem que essa passagem seja explicitamente formulada. A segunda afirmação (cf. D) parece se contrapor à primeira (cf. C), abrindo espaço a uma interpretação equivocada. Como a leitura do aluno é feita sem o acompanhamento direto do professor, o material didático *online* deve evitar esse tipo de situação, o que poderia ser mais facilmente contornado na sala de aula presencial.

A estrutura simplificada da relação entre os parágrafos (C) e (D) aparece na relação abaixo. As palavras em negrito evidenciam na segunda frase, em relação à primeira, o significativo aumento do número de fatores que interferem no nível de linguagem do falante.

Pode-se dizer que o nível de linguagem deve se adaptar à **situação**.

ASSIM

O uso que cada falante faz da língua varia segundo o seu **grau de instrução, a idade, a região em que vive E a situação** em que ocorre o ato da fala.

Os exemplos dados em (C) e (D) trazem a mesma relação específico-geral sem estruturação explícita, dificultando novamente a compreensão do texto. A ideia do parágrafo (C) é que o nível de linguagem varia de acordo com as pessoas com quem falamos, enquanto no parágrafo (D), o nível varia de acordo com o meio e as pessoas:

Escolhemos palavras e modos de dizer para falar com **uma criança, um colega de trabalho, uma autoridade** [pessoas].

ASSIM

Usamos diferentes níveis de linguagem dependendo **do meio E das pessoas** com quem nos comunicamos.

No parágrafo (E), extraído da seção 1: Níveis de Linguagem, notamos uma estrutura inversa da encontrada nos parágrafos (C) e (D). A explicação, aqui, se dá do geral para o específico.

(E) Dentre os estudiosos da língua, encontramos várias definições de níveis de linguagem, mas a maioria deles considera que a língua está dividida em dois níveis: o coloquial e o culto, sendo esses determinados pela cultura e formação escolar dos falantes, pelo grupo social a que eles pertencem e pela situação concreta em que a língua é utilizada. Um falante adota modos diferentes de falar dependendo das circunstâncias em que se encontra: conversando com amigos, expondo um tema histórico na sala de aula ou dialogando com colegas de trabalho.

Enquanto no primeiro trecho sublinhado os níveis de linguagem são determinados pela cultura e formação escolar dos falantes, pelo grupo social a que eles pertencem e pela situação concreta em que a língua é utilizada, no segundo trecho sublinhado os níveis variam de acordo com as circunstâncias em que o falante se encontra, ou seja, a situação comunicativa. Nos parágrafos (C e D) e (E) são adotadas diferentes estratégias, que se não forem bem interpretadas, podem prejudicar a compreensão. Não julgamos aqui a melhor prática discursiva: partir do exemplo geral para o específico ou do específico para o geral, mas que a relação seja dada de maneira clara e não desperte no leitor qualquer dúvida ou estranhamento.

Podemos reproduzir a estrutura simplificada de (E) na seguinte relação:

O nível de linguagem é determinado **pela cultura e formação escolar dos falantes, pelo grupo social a que eles pertencem E pela situação concreta** em que a língua é utilizada.

O nível de linguagem depende das **circunstâncias** [situação concreta] em que o falante se encontra.

No parágrafo (F), recuperou-se uma situação explícita de falta de coerência.

(F) O nível culto é utilizado em ocasiões formais. É uma linguagem mais obediente às regras gramaticais da norma culta. O nível culto segue a língua padrão, também chamada norma culta ou norma padrão. (p. 2)

(...)

Assim, a variante padrão ou língua padrão, que na sociolinguística anglófona se denomina *standard language*, é a variedade culta formal do idioma. Há quem tome o termo norma culta, indevidamente, como sinônimo de língua padrão. Ocorre que a língua culta, isto é, a das pessoas com nível elevado de instrução, pode ser formal ou informal. A língua padrão é a culta, sim, mas limitada à sua vertente formal. É, pois, necessário distinguir os dois conceitos. (p. 8)

Na página 2 do texto, a língua padrão é considerada também norma culta. Como não há nenhum comentário contrário a essa associação, entendemos que ambos os conceitos (língua padrão e norma culta) podem ser tomados corretamente como sinônimos. Na página 8, o texto afirma que “há quem tome o termo norma culta, indevidamente, como sinônimo de língua padrão”, contradizendo o que foi posto na página 2. O trecho não assume a correspondência dos conceitos como correta, o que poderia justificar seu posicionamento contrário mais adiante. No entanto, seis páginas separam a primeira referência da segunda. O ideal seria, portanto, concentrar a discussão acerca da língua padrão e sua relação com conceitos correlatos em um mesmo período, evitando-se, desta maneira, a assimilação de conceitos que serão negados posteriormente.

Repetição

Outro fator que dificulta o entendimento do texto são as repetições, como essas encontradas nas páginas 2 e 3:

(G) Pretti (2003) trata do assunto como *dialeto social culto*, uma vez que “se prende mais às regras da gramática tradicionalmente considerada normativa, veiculada pela escola, aos exemplos da linguagem literária, muito mais conservadora, ao passo que o *dialeto social popular* é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo. (p. 2)

(...)

O autor acrescenta que, em geral, “pode-se dizer que o *dialeto social culto*, em razão das características apontadas, se prende

mais às regras da gramática tradicionalmente considerada normativa, aos exemplos da linguagem escrita, muito mais conservadores, ao passo que o *dialeto social popular* é mais aberto às transformações da linguagem oral”. (p. 3)

Embora não se trate de uma repetição literal como a do parágrafo (G), no parágrafo (H) vemos a recorrência a um assunto já abordado na página 5 e que é novamente recuperado na página 7, com maior ênfase explicativa:

(H) As autoras (ibidem: 273) sinalizam para o fato de que, “na verdade, tanto a fala como a escrita abarcam um continuum que vai do nível mais informal aos mais formais, passando por graus intermediários”, e demonstram essa variação em dependência com as condições de produção do texto. (p. 5)

(...)

Outro aspecto a considerar é que tanto a fala como a escrita podem variar quanto ao grau de formalidade. Há uma gradação que pode ir da fala mais descontraída (Oi, tá tudo bem?) à fala mais formal, planejada e próxima da escrita (Caros ouvintes, boa tarde.); e da escrita mais informal (Tô chegando aí. Favor adiar o início por alguns minutos.) à mais formal (Chegaremos ao local da cerimônia com um pequeno atraso em relação à programação anteriormente estabelecida. Solicitamos que as atividades sejam adiadas por alguns minutos.). (p. 7)

As repetições e recuperações de conceitos costumam ser um importante recurso utilizado pelo autor na tentativa de manter a coerência ao longo do texto. Mas essa não parece ter sido a estratégia adotada nos parágrafos (G) e (H). Os trechos “o autor acrescenta” (cf. G) e “outro aspecto a considerar” (cf. H) pressupõem que uma nova ideia será enunciada, algo que ainda não foi trazido no texto. Como se tratam de ideias repetidas, causam a sensação de que o texto está estagnado e, o autor, andando em círculos.

Ausência de contexto

O texto faz referência a duas situações que geram estranhamento ao leitor, como pode ser conferido no parágrafo (I):

(I) (...) Uma dona de casa, ao participar de uma entrevista, expressou sua opinião sobre a atuação dos jogadores na Copa utilizando alguns clichês típicos da linguagem informal como: “fiquei em cima do muro” e “pelo andamento da carruagem”. Além

disso, sua fala apresentava elementos típicos da oralidade como o “né?” e expressões curiosas como: “na dura força”. Percebia-se também deslizos na concordância: “veio duas amigas...”

Também acrescentamos que a **gíria** é outra variedade da língua. São palavras criadas, inventadas por determinado grupo social. Às vezes, quando muito utilizada, pode migrar para a linguagem coloquial e, tempos depois, até para a linguagem formal. O surfista que também participou da entrevista ao telejornal usou muitas gírias: pô, véio, sacar, beleza, curtir, massa, “mermão”.

Até este ponto da leitura não foi feita menção a qualquer entrevista. Quando o texto se refere a “Uma dona de casa, ao participar de uma entrevista” e depois ao “surfista que também participou da entrevista ao telejornal” não é possível estabelecer qualquer relação com as situações trazidas à tona. Os exemplos acabam gerando no leitor um truncamento de sequência, como se tivesse perdido ou “pulado” alguma informação relevante.

No parágrafo (J), retirado da seção 3 – Variante Padrão e Não Padrão é feita referência à “sociolinguística anglófona” sem explicação do que isso vem a ser.

(J) Assim, a variante padrão ou língua padrão, que na sociolinguística anglófona se denomina *standard language*, é a variedade culta formal do idioma. Há quem tome o termo norma culta, indevidamente, como sinônimo de língua padrão. Ocorre que a língua culta, isto é, a das pessoas com nível elevado de instrução, pode ser formal ou informal. A língua padrão é a culta, sim, mas limitada à sua vertente formal. É, pois, necessário distinguir os dois conceitos.

Associado a ela, o termo *standard language* não contribui para a elucidação do assunto, já que ambas as expressões não fazem parte do vocabulário do aluno. Sem contribuir para a compreensão do conceito, o adendo prejudica o entendimento do aluno.

Após analisar o texto como foi oferecido ao aluno, com seus problemas de incoerência, repetição e ausência de contexto, partimos para a investigação do discurso citado, explorando em maior profundidade a maneira como as inserções das vozes do outro foram concebidas e articuladas no *Conteúdo Teórico*.

Com o intuito de comparar as citações feitas no texto às obras originais citadas nas referências bibliográficas, recorreremos a duas fontes de pesquisa:

livros impressos e sites de busca na Internet. O resultado da investigação mostrou que o texto é composto por uma colagem de trechos extraídos de diferentes obras e sites, organizados segundo um molde de texto acadêmico-científico.

A imagem a seguir ilustra essa situação. O texto apresenta uma série de citações e paráfrases de obras que constam nas referências bibliográficas. No entanto, elas estão contidas em trechos que foram copiados de diferentes fontes, mas que, devido à ausência de marcas linguísticas, se passam por texto de autoria.

Figura 10: Ilustração do primeiro e segundo níveis do discurso citado

Os sites da Internet parecem ser fonte primeira (senão única) de consulta do autor, encobertas pela omissão das fontes. O leitor apreende no texto somente as marcas formais de citação, acreditando terem sido recuperadas das obras originais, diretamente pelo autor do *Conteúdo Teórico*.

Se em princípio as marcas de discurso citado estão identificadas linguisticamente, após a pesquisa às fontes, notamos que essas citações e paráfrases estão contidas em trechos copiados de outros autores, sendo, portanto, citação de citação.

Utilizando as definições de citação e plágio (Romancini, 2007, p. 46-47) e o modo como podem aparecer no discurso, categorizamos cada um dos parágrafos do *Conteúdo Teórico*, com exceção da seção “Colocando em prática”.

Quadro 3: Incidência de citação e plágio segundo Romancini (2007)

§	Introdução	Níveis de Linguagem	Modalidade Oral e Escrita	Variante Padrão e Não Padrão	Considerações finais
1	Nas grandes civilizações... (PRETI, 2003)	Dentre os estudiosos...	Segundo Mac-Kay (2000)...	É fato irrefutável...	Vimos até aqui... (Preti, 2003)
2	Ainda segundo o autor...	O nível culto...	Koch...	Nesse sentido...	Ainda segundo o autor...
3	Segundo Bechara (2001)...	Pretti (2003)...	Conforme observa a autora...	Assim...	Em síntese...
4	Assim...	O autor...	Em síntese, Koch...	Segundo Pretti (2003)...	
	Mas, como cada falante...			Além disso...	
5	Para se fazer entender...	Não raro...	Fávero, Andrade e Aquino (2002, apud Mac-May)...	Por outro lado...	
6	Assim...	Por outro lado...	Tais condições... Assim, na língua...	Em síntese...	
7		Também acrescentamos...	Na fala...		
8		Contudo, Pretti (2003)...	Na escrita...		
9		Essa posição...	A língua escrita...		
10		O autor...	Se por um lado...		
11		Em rigor...	Por outro lado...		
12		Portanto...	Outro aspecto...		
13		O importante...	Só para ilustrar...		
		Um padre...	Evanildo Bechara

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

O resultado mostrou que 16% do texto não é constituído de plágio. Desse total, 11% são textos inéditos e 5% citações com indicação da fonte. 11% são falsas paráfrases, em que a fonte é citada, porém o texto é transcrito como se fosse de autoria própria. 73% restantes correspondem à transcrição de trechos de diferentes fontes de pesquisa, sem qualquer indicação da verdadeira autoria.

Figura 11: Percentual de trechos originais e citação e plágio segundo Romancini (2007)

Para compor o texto apresentado aos alunos, foram selecionados trechos com citação de pesquisadores renomados, como Andrade, Aquino, Bechara, Fávero, Koch, Mac-Kay, Preti e Silva. Ao eleger o discurso de autoridade, o autor imprime um caráter de maior cientificidade ao que afirmou. Essas escolhas (quando apagar as marcas da voz do outro e quando deixá-las explícitas) são pensadas pelo autor visando convencer seu leitor da verdade do que está sendo dito. De acordo com Bakhtin, nenhuma escolha discursiva é neutra de significado e reflete, pois, uma ideologia: “Realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e portanto também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social determinados” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 45). As escolhas do autor marcam seu posicionamento ético e estético diante da sua área disciplinar, do seu público leitor e do seu próprio ato de autoria.

Na sequência, analisamos alguns trechos do *Conteúdo Teórico* comparando-os com suas respectivas fontes. Para facilitar a comparação, todos os trechos copiados foram numerados sequencialmente. No Apêndice B – Análise do *Conteúdo Teórico* pode ser conferida a relação completa entre os trechos copiados e suas fontes originais, cuja numeração corresponde a dos trechos do *Conteúdo Teórico*.

Na Introdução, (1) corresponde à transcrição literal do texto original de Preti (2003, p.12). Pela ausência do uso de aspas ou marca de recuo do parágrafo, (1) pode ser considerada como paráfrase. Ainda que o nome do autor e o ano da estejam indicados, trata-se de uma situação de plágio, pois o autor faz crer que são suas as palavras de Preti:

(1) Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual, que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária (Preti, 2003)

O plágio só é evidenciado quando comparamos o trecho (1) à obra original.

Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária.

Figura 12: Preti (2003, p. 12)

O segundo parágrafo, ao iniciar com “ainda segundo o autor” (cf. 2), cria a expectativa de um discurso indireto, no entanto, trata-se novamente de uma situação de plágio, com transcrição quase literal do original e sem indicação da fonte:

(2) Ainda segundo o autor, pode ser entendida como um sistema que faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação. Acredita-se, hoje, que seu papel seja cada vez mais importante nas relações humanas, razão pela qual seu estudo já envolve modernos processos científicos de pesquisa, interligados às mais novas ciências e técnicas, como, por exemplo, a própria cibernética.

Comparando o trecho (2) com o texto original, vemos que o autor empreendeu algumas modificações a partir do trecho copiado. Primeiro, para fazer parecerem suas as palavras de Preti, omitiu a primeira frase e a substituiu por “Ainda segundo o autor”. Também suprimiu a informação que define a língua como um sistema de *signos convencionais*, deixando-a somente como um “sistema”. Preti, no original, explica em nota de rodapé que “não se vão discutir

aqui (*na obra*) as especulações em torno desta afirmativa”. Talvez para não entrar no mérito do que sejam signos convencionais (uma vez que nem Preti o fez) é que o autor tenha omitido parte da definição de língua.

1. A SOCIOLINGÜÍSTICA E O FENÔMENO DA
DIVERSIDADE NA LÍNGUA DE UM GRUPO SOCIAL
DIALETOS SOCIAIS E NÍVEIS DE FALA OU REGISTROS

O caráter social de uma língua já parece ter sido fartamente demonstrado. Entendida como um sistema de *signos* convencionais¹ que faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação, acredita-se, hoje, que seu papel seja cada vez mais importante nas relações humanas, razão pela qual seu estudo já envolve modernos processos científicos de pesquisa, interligados às mais novas ciências e técnicas, como, por exemplo, a própria cibernética.

Figura 13: Preti (2003, p. 11)

A introdução começa tratando do conceito de língua (cf. 1 e 2) e passa, na sequência, a discutir o conceito de linguagem (cf. 3 e 4). Nenhuma relação, no entanto, foi estabelecida entre ambos os conceitos.

Ao contrário de (1), em (3) há uma das poucas situações que a citação se deu de maneira adequada, com o trecho citado entre aspas e a correta indicação do autor e ano da obra, ainda que sem a indicação da página:

(3) Segundo Bechara (2001), “entende-se por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar idéias e sentimentos, isto é, os conteúdos da consciência”.

(4) Assim, a linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em sistemas de isoglossas (*isos* = igual, *glossa* = línguas), que são denominadas tradicionalmente como línguas e utilizadas pelo homem para elaborar mensagens, para se comunicar. Mas, como cada falante é único, a língua nunca é usada de forma homogênea. Em todos os idiomas haverá variação de época, região, classe social, entre outras.

O trecho (4) parece ser um trecho de autoria própria, ou, ainda que sem indicação de fonte, uma paráfrase de Bechara. A comparação com a obra original, no entanto, revelou a cópia quase literal do texto. Novamente o autor empreendeu

algumas modificações no trecho copiado, como a inserção dos trechos sublinhados e a substituição da última frase de Bechara por outra (aparentemente) de autoria própria.

3 – ATOS LINGUÍSTICOS

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissolavelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Figura 14: Bechara (2009, p. 30)

Diversos trechos na sequência parecem terem sido copiados da Internet. A pesquisa deles em sites de busca mostrou que os mesmos são bastante conhecidos do público que estuda/pesquisa os níveis de linguagem e, por isso mesmo, largamente referenciados. Esse fato nos levantou a questionar se, de fato, o autor do texto didático tinha copiado textos da Internet, ou se apenas tinha citado, por acaso, os mesmos trechos que outros autores. Algumas coincidências, no entanto, nos levaram à conclusão de se tratar, de fato, de cópia dos sites. Passemos a elas.

Dentre as fontes *online* selecionadas para pesquisa teórica, três são blogs. O primeiro¹⁰ se chama “wappy publicidade e propaganda” e não traz nenhuma indicação de autoria. A descrição do site que aparece no buscador Google é: “site de comunicação social publicidade e propaganda e marketing. Social Media Day. Lista de agencias e produtoras de áudio e produtoras de filmes”. A página apresenta nas partes superior, direita e inferior diversos links de anúncios relacionados ao tema propaganda. No menu esquerdo são disponibilizados links agrupados pelas categorias “aulas de pesquisa”, “aulas de história da arte”, “aulas de português” (onde se encontra o *post* do qual foi copiado parte do *Conteúdo Teórico*), “aulas de mídias” e “teorias e legislação”. Não conseguimos depreender, navegando pelo site, qual seu objetivo, o sentido das “aulas” disponibilizadas e a origem dos seus textos ou autores.

¹⁰ Disponível em: <http://wappyblog.blogspot.com/2008/06/nveis-de-linguagem.html>. Acesso em: 17/04/2011.

O segundo blog¹¹ se chama “Gestar Bahia” e pertence a “Flor de Lis”, pseudônimo indicado no perfil da escritora (pela URL do blog presume-se que seu nome real seja Nilma). O blog se destina a registrar a experiência de “Flor de Lis” no projeto Gestar – Programa Gestão da Aprendizagem Escolar, voltado para professores de Língua Portuguesa e de Matemática das redes estadual e municipais. Os *posts* parecem retratar o conteúdo trabalhado em cada uma das aulas do projeto. O *post* copiado no *Conteúdo Teórico* se chama “Materiais utilizados nas oficinas”, o que leva a crer que tenha sido disponibilizado aos alunos pelos professores do programa Gestar. Esse *post* contém diversos links (que funcionam como leitura complementar) que remetem ao site do PEAD (Português Ensino a Distância), site este que também foi fonte de cópia no *Conteúdo Teórico*. Possivelmente foi por esses links que o autor do *Conteúdo Teórico* chegou ao site do PEAD.

O terceiro blog¹² se chama “25 linhas em branco” e pertence a Janaína Pietroluongo, em cujo perfil há a descrição “Teacher and translator”. A autora descreve seu blog como “Um blog sobre literatura, leitura e redação”. O *post* que serviu de base para a cópia se chama “Língua escrita e oral” e é uma explicação da autora a partir de sua prática docente. O mote para o desenvolvimento do texto é explicitado na primeira frase do *post*: “Freqüentemente, sinalizo nas redações o seguinte: apropriado para a linguagem oral. O que exatamente quero dizer com isso?”. Após discorrer sobre as modalidades oral e escrita, a autora indica um texto homônimo ao *post* de autoria de Alfredina Nery, “Professora universitária, consultora pedagógica e docente de cursos de formação continuada para professores na área de língua/linguagem/leitura”. O texto copiado no *Conteúdo Teórico* foi retirado do texto de Janaína, e não do texto da professora.

Com exceção dos três blogs citados, as demais fontes *online* selecionadas pelo autor do texto didático são relativamente mais confiáveis, ou por estarem vinculadas à esfera acadêmica ou por serem artigos assinados por pesquisadores da área de Letras.

¹¹ Disponível em <http://nilmagestar.blogspot.com/2009/11/materiais-utilizados-nas-oficinas.html>. Acesso em: 17/04/2011.

¹² Disponível em: <http://25linhasembranco.blogspot.com/2008/09/Ingua-escrita-e-oral.html>. Acesso em: 17/04/2011.

Um exemplo é o site do PEAD (Português Ensino a Distância), formado por pesquisadores/professores de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Segundo o grupo, o objetivo do site é “disponibilizar textos que auxiliem na atualização de conhecimentos sobre a língua e sugerir atividades didáticas que ajudem o professor na sua atividade de ensino da língua portuguesa”¹³. Trata-se, portanto, de um site escrito por especialistas da língua e que carregam o nome de uma instituição nacionalmente reconhecida e respeitada no meio acadêmico.

Outra fonte que parece segura é o site do Colégio Impacto, que disponibiliza na seção “Planos de aula”¹⁴ materiais preparatórios para vestibulares, ou o site destinado a reunir informações sobre concursos públicos, PCI Concursos. Na seção “aulas” são disponibilizados diversos conteúdos separados por tema, dentre eles, níveis de linguagem.

Quanto aos textos assinados, o autor se utiliza de dois artigos publicados nos anais do VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, realizado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro de 23 a 27 de agosto de 2004¹⁵. Caso também do artigo disponibilizado no site Artigonal¹⁶, que possibilita a publicação gratuita de artigos. Seu autor se descreve como “atuante em escritório de Advocacia em São Paulo - Capital; colunista de diversos sites, jornais e revistas locais”.

Voltando a atenção para as análises, o trecho (5) do *Conteúdo Teórico* é exatamente o mesmo que aparece no site da UFRJ. No original, é explicado que a variação linguística pode ser do tipo dialetal ou de registro. O primeiro tipo compreende as variações regionais, sociais, de faixa etária e de profissão; o segundo, as variações derivadas do grau de formalismo, modalidade de uso e sintonia. No *Conteúdo Teórico* (cf. 5) somente a variedade de registro é mencionada, e mesmo assim, o autor recorreu somente a sua explicação, sem

¹³ Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~pead/index.html>. Acesso em: 17/04/2011.

¹⁴ Disponível em: http://www.portalimpacto.com.br/09/planos_materias_vest.html. Acesso em: 17/04/2011.

¹⁵ Disponíveis em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno04-04.html> e <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno10-09.html>. Acesso em: 17/04/2011.

¹⁶ Disponível em: <http://www.artigonal.com/recursos-humanos-artigos/a-importancia-da-lingua-portuguesa-e-suas-implicacoes-428700.html>. Acesso em: 17/04/2011.

mentonar o tipo de variação. A transcrição é feita palavra por palavra. O trecho (6), que pretende estabelecer com (5) uma relação de ilustração, também foi retirado integralmente de um blog:

(5) Para se fazer entender, qualquer pessoa precisa estar em sintonia com o seu interlocutor e isto é facilmente observável na maneira como nos dirigimos, por exemplo, a uma criança, a um colega de trabalho, a uma autoridade. Escolhemos palavras, modos de dizer, para cada uma dessas situações. Tentar adaptar a própria linguagem à do interlocutor já é realizar um ato de comunicação. Pode-se dizer que o nível da linguagem deve se adaptar à situação.

(6) Assim, o uso que cada falante faz da língua varia segundo o seu grau de instrução, a idade, a região em que vive e a situação em que ocorre o ato da fala. Por exemplo, uma mesma pessoa, dependendo do meio em que se encontra, das pessoas com quem se comunica, usará diferentes níveis de linguagem.

De todos os trechos encontrados na Internet, o mais crítico é a transcrição total da seção 1 – Níveis de Linguagem do *Conteúdo Teórico* (cf. 7), que pode ser encontrada na Internet em um resumo pré-vestibular de uma escola do Pará.

(7) Dentre os estudiosos da língua, encontramos várias definições de níveis de linguagem, mas a maioria deles considera que a língua está dividida em dois níveis: o coloquial e o culto, sendo esses determinados pela cultura e formação escolar dos falantes, pelo grupo social a que eles pertencem e pela situação concreta em que a língua é utilizada. Um falante adota modos diferentes de falar dependendo das circunstâncias em que se encontra: conversando com amigos, expondo um tema histórico na sala de aula ou dialogando com colegas de trabalho.

Parte do *Conteúdo Teórico* foi retirado da Internet, sem qualquer referência, comentários ou paráfrase. Outra hipótese levantada foi que o autor do texto pré-vestibular tivesse se apropriado do texto do *Conteúdo Teórico*. A aula *online* é disponibilizada no ambiente virtual da instituição e acessível somente mediante senha de acesso, assim, a segunda hipótese pareceu menos factível. Não é impossível, no entanto, que um aluno, professor, profissional da equipe de desenvolvimento ou o próprio autor do *Conteúdo Teórico* seja também o autor do material pré-vestibular, ou tenha fornecido seu texto a terceiros.

Conferindo as propriedades do arquivo em formato PDF do *Conteúdo Teórico*, obtemos sua data de criação: 25/02/2010. A data de criação do arquivo em PDF disponibilizado no site é 10/10/2009, anterior à criação do *Conteúdo*

Teórico. O que impressiona é o volume de informações coincidentes, sem qualquer referência ou tentativa de descaracterização ou complementação do texto original da Internet.

O trecho (8), que finaliza o longo trecho copiado, é um exemplo de uso dos diferentes níveis de linguagem. Se o texto do *Conteúdo Teórico* é quase todo constituído de cópias, as exemplificações poderiam ser o momento de autoria, aproximando a teoria à realidade do público leitor. No entanto, ela também é cópia de um site voltado à preparação de concursos públicos.

(8) Um padre não fala com uma criança como se estivesse rezando uma missa, assim como uma criança não fala como um adulto. Um engenheiro não usará o mesmo discurso, ou um mesmo nível de fala, para colegas e para pedreiros, assim como nenhum professor utiliza o mesmo nível de fala no recesso do lar e na sala de aula.

Um trecho em especial pareceu evidenciar que nem todas obras de referência (listadas nas Referências Bibliográficas) foram consultadas, ao cometer um equívoco teórico e creditá-lo a Koch (1997).

No início da seção 2 – Modalidade Oral e Escrita, o *Conteúdo Teórico* traz uma visão dicotômica entre linguagem oral e escrita, atribuindo a autoria a Koch. Vale ressaltar que esse é um dos poucos trechos inéditos do texto:

Em síntese, Koch ilustra que as mais freqüentes diferenças entre fala e escrita podem ser apontadas, sendo a fala não planejada, mais fragmentada e incompleta, pouco elaborada, com predominância de frases curtas e simples; enquanto a escrita é mais planejada, não é fragmentada e apresenta-se mais completa, melhor elaborada e com predominância de frases mais complexas, entre outras características. (p. 4-5)

Na obra original a autora, de fato, menciona uma série de diferenças entre fala e escrita:

78 Foi com base na visão dicotômica acima mencionada que se estabeleceu, inicialmente, as diferenças entre fala e escrita, entre as quais as mais freqüentemente mencionadas são as seguintes:

Fala	Escrita
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
redundante	condensada
não-planejada	planejada
predominância do "modus pragmático"	predominância do "modus sintático"
fragmentada	não-fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas, com subordinação abundante
pequena freqüência de passivas	emprego freqüente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

Figura 15: Koch (2010, p. 78)

Na sequência, porém, Koch contesta tal visão dicotômica, opondo-se a elas:

Na realidade, porém, o que ocorre é que:

1. Nem todas essas características são exclusivas de uma ou outra das duas modalidades.
2. Tais características foram sempre estabelecidas tendo por parâmetro o ideal da escrita (isto é, costuma-se olhar a língua falada através das lentes de uma gramática projetada para a escrita), o que levou a uma visão preconceituosa da fala (descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem nenhum planejamento), que chegou a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à das crianças em fase de aquisição...

79

Figura 16: Koch (2010, p. 79)

O autor não recorreu ao texto original, mas o recuperou de segunda-mão. Os trechos (9) e (10) que antecedem a síntese equivocada creditada a Koch foram retirados, na verdade, de MacKay, que cita Koch. A primeira citação é feita corretamente, com texto copiado entre aspas e referência do autor e ano da obra, porém sem indicação da página:

(9) Segundo Mac-Kay (2000), “na linguagem, as modalidades oral e escrita se completam, guardando cada uma suas propriedades. O fato de possuírem formas características não pode nos levar à falsa noção de que são modalidades destituídas de pontos de integração”.

Na linguagem, as modalidades oral e escrita se completam, guardando cada uma suas propriedades e o fato de possuírem formas características diferentes não pode nos levar à falsa noção de que são destituídas de pontos de integração. Fala e escri-

Figura 17: MacKay (2001, p. 15)

O trecho (10) parece trazer uma paráfrase, devido à ausência de marcas de citação e indicação de página. Trata-se, no entanto, de transcrição, porém, não de Koch (1997), mas de MacKay (2001). A ausência de "apud" apaga a indicação da citação indireta, fazendo crer que o autor cita Koch quando, na verdade, copia MacKay. A segunda parte do trecho ("Conforme observa a autora") reforça a aparente escrita do autor e encobre novamente a cópia:

(10) Koch no livro *O texto e a construção de sentidos* (1997) ressalta que os textos podem apresentar-se de várias formas, ou seja, ora se aproximando do pólo da fala (por exemplo: os bilhetes domésticos, os bilhetes de casais, e-mails entre amigos e textos de humor), ora se aproximando do pólo da escrita (por exemplo: os discursos de posse de cargo, as conferências, as entrevistas especializadas e propostas de produtos de alta tecnologia por vendedores especialmente treinados).

Admitindo o princípio de *continuum*, Koch no livro *O texto e a construção dos sentidos* ressalta que os textos podem apresentar-se ora se aproximando do pólo da fala (por exemplo: os bilhetes domésticos, os bilhetes dos casais, cartas familiares e textos de humor), ora se aproximando do pólo da escrita (por exemplo: os discursos de posse de cargo, as conferências, as entrevistas especializadas e propostas de produtos de alta tecnologia por vendedores especialmente treinados).

Conforme observa a autora, fala e escrita constituem duas possibilidades de uso da língua que utilizam o mesmo sistema lingüístico e que, apesar de possuírem características próprias, não devem ser vistas de forma dicotômica. Em síntese, Koch (1997: 62) oferece um esquema da visão dicotômica, que ilustra as mais freqüentes diferenças entre fala e escrita apontadas na literatura, e que apresentamos a seguir:

Figura 18: MacKay (2001, p. 16)

O trecho (11) é um dos mais interessantes. Em princípio, imaginamos que o autor, pela primeira vez, tenha seguido corretamente as regras de citação, consultando MacKay, que por sua vez cita Fávero, Andrade e Aquino. A construção "Fávero, Andrade e Aquino (2002, apud Mac-Kay)" estaria, do ponto de vista citação, correta.

No entanto, a troca do verbo "ressaltam" da obra original de MacKay por "observam" e a inserção do trecho "As autoras (ibiden: 273) sinalizam para o fato de que" levantou a suspeita de que (11) não havia sido consultado da obra original de MacKay, o que se confirmou com a busca, na Internet, da construção utilizada. Todo o trecho foi, na verdade, copiado de um site, naturalmente, sem indicação da referência:

(11) Fávero, Andrade e Aquino (2002, apud Mac-May) observam o fato de as gramáticas adotarem como parâmetro a escrita e associarem a fala a um dos seus níveis de realização – o informal – e que essa posição fortalece o enfoque que polariza as duas modalidades por não incluir a possibilidade da existência de níveis de formalidade. As autoras (ibiden: 273) sinalizam para o fato de que, "na verdade, tanto a fala como a escrita abarcam um continuum que vai do nível mais informal aos mais formais, passando por graus intermediários", e demonstram essa variação em dependência com as condições de produção do texto.

No site copiado, no entanto, não aparece o trecho “(2002, apud Mac-May)”, e sim “(1994)”, o que sugere que o autor teve o trabalho de adaptar o trecho copiado às obras indicadas nas Referências Bibliográficas. O uso da forma “apud” mostra ainda que o autor tinha conhecimento das normas de citação, e que poderia tê-lo usado no trecho (10) se sua intenção não fosse dar a entender que consultou Koch. Um último detalhe que chama atenção em (11) é a forma errônea de citar MacKay como Mac-May. Em outros trechos do *Conteúdo Teórico* o autor também fez referência a MacKay como Mac-Kay (cf. p. 4) e a Preti como Pretti (cf. p. 2, 3 e 8).

Em (18) temos uma situação única de intervenção do autor para simplificar o texto. O trecho "diatópicos, diacrônicos ou diastráticos" é substituído por "extensão geográfica do Brasil; as diferenças regionais; a diversidade de colonização; a acentuada diferença sócio-econômica; entre outras":

(18) É fato irrefutável que no Brasil o que se fala não é só uma Língua Portuguesa. As línguas são heterogêneas. O que se fala no Brasil é uma gama de variações de uma mesma língua, variações estas influenciadas por diversos fatores, sejam eles a extensão geográfica do Brasil; as diferenças regionais; a diversidade de colonização; a acentuada diferença sócio-econômica; entre outras.

É fato irrefutável que no Brasil o que se fala não é só uma Língua Portuguesa. As línguas são heterogêneas. O que se fala no Brasil é uma gama de variações de uma mesma língua, variações estas influenciadas por diversos fatores, sejam eles diatópicos, diacrônicos ou diastráticos. Esta última espécie de variação, diastrática, que é uma variação no âmbito econômico, social e cultural da língua, é de importância sumária para o desenvolvimento desta pesquisa.

Figura 19: A variante estigmatizada e seu preconceito interno

Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno04-04.html>.

Data: ago/2004. Acesso em: 17/04/2011

Na última seção, o trecho (19) é copiado de Silva (2010, p. 12) que, ao contrário dos demais autores, não consta das referências bibliográficas e não é citada em nenhum momento do texto.

As considerações finais do *Conteúdo Teórico* também são copiadas usando o recurso de falsa paráfrase (cf. 23). O autor recupera a introdução da seção “Variedades devido à situação” de Preti para servir de resumo da totalidade do *Conteúdo Teórico*. No entanto, o *Conteúdo Teórico* não tratou somente da

variedade devido à situação, mas abordou uma série de outros conceitos que ficam esquecidos nas considerações finais do texto.

(23) Vimos até aqui que as variedades são provenientes diretamente dos usuários ou falantes da língua. Mas é possível estudar o problema sob o enfoque do uso que o mesmo falante faz da língua e de suas variedades, em função da situação, entendendo-se como tal as influências extra verbais que cercam o ato da fala. Assim, a presença física do ambiente em que o diálogo ocorre pode ocasionar um nível de linguagem fora dos hábitos normais do falante. (Preti, 2003).

Ainda segundo o autor, os chamados fatores situacionais não dizem respeito diretamente ao falante, mas apenas às circunstâncias criadas pela própria ocasião, lugar e tempo em que os atos de fala se realizam, e também às situações que unem falante e ouvinte no momento do diálogo.

Variedades devidas à situação

Vimos até aqui as variedades provenientes diretamente dos *usuários* ou falantes da língua. Mas é possível estudar o problema sob o enfoque do *uso* que um mesmo falante faz da língua e de suas variedades, em função da *situação*, entendendo-se como tal as influências determinadas pelas condições extraverbais que cercam o ato da fala. Assim, a presença física do *ambiente* em que o diálogo ocorre pode ocasionar um *nível* de linguagem formal, fora dos hábitos normais do falante.

Os chamados fatores *situacionais* não dizem respeito diretamente ao falante, mas apenas às circunstâncias criadas pela própria ocasião, lugar e tempo em que os atos de fala se realizam, e também às relações que unem falante e ouvinte no momento do diálogo. A propósito do *grau de intimidade* entre os falantes, fator importante na análise das variações de linguagem, veja-se o estudo que fazemos mais adiante sobre o diálogo alencariano (Cap. 4).

Figura 20: Preti (2003, p. 37)

Como o texto é dirigido para alunos ingressantes na graduação e de diferentes áreas do conhecimento, o autor deveria buscar um texto não muito denso, tendendo para a linguagem coloquial. Nesse sentido, a escolha lexical, o apelo para exemplificações e uso de recursos de linguagem para prender a atenção do leitor deveriam ser utilizados para ajudar na transmissão de conteúdos científicos de maneira mais didática.

Partimos agora para a análise da última seção, *Colocando em Prática*, que propõe ao aluno três atividades com a finalidade de “sistematizar todos os conceitos” estudados na aula. Cada proposta indica um link para um vídeo do *Youtube* e contém comentários que recomendam ao aluno os pontos a que ele deverá se ater em cada vídeo.

O vídeo da primeira proposta se chama “Variação Lingüística”, tem 7min32seg e é composto por seis entrevistas. É pedido ao aluno que observe as diferenças no uso da linguagem dos entrevistados. Para ajudá-lo, os autores fazem um breve resumo do vídeo, enfatizando as características do falar do entrevistado em cada uma das situações.

1) <http://www.youtube.com/watch?v=EWnANT3Cpbw&feature=related>

Nesse vídeo podemos assistir a seis entrevistas e em cada uma delas podemos observar diferentes questões de língua e linguagem. Na primeira há uma alemã que está vivendo na cidade de Curitiba. Ao transmitir sua visão sobre nosso país, além de perceber seu sotaque, observamos que deve ter feito algum curso de português para estrangeiros, uma vez que responde às questões utilizando um nível culto da língua, apesar de seu olhar denunciar a consulta a algum texto escrito para dar suas respostas.

Do mesmo modo, a segunda entrevista, sobre o comportamento dos consumidores, denota um falante culto, usando a variante padrão língua e comentando o assunto com total segurança e clareza.

Por outro lado, na entrevista com as duas crianças percebemos todas as marcas da língua oral que comentamos no item 2 dessa unidade, com a ausência de frases com estrutura mais elaborada e muitas delas inacabadas, pausas, titubeios e o uso de gírias típicas dessa faixa etária (Ex.: alguma parada assim). Nas três últimas entrevistas já podemos observar a presença de um nível de língua bastante popular e a variante não padrão que, nesse caso, denotou o baixo nível de instrução dos falantes e a ausência de concordância verbal na maior parte do tempo (Ex.: todo mundo que tava sentado levantô a mão, vamo, nós ia).

Figura 21: Primeira proposta da seção *Colocando em Prática* do *Conteúdo Teórico*

Visitando a página do *Youtube*, encontramos 14 comentários do vídeo, alguns deles feitos por alunos da disciplina *Língua Portuguesa*.

Figura 22: Parte dos comentários do vídeo “Variação Lingüística”

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=EWnANT3Cpbw&feature=related>.

Acesso em: 02/10/2011.

Os comentários suscitam discussões sobre diferentes aspectos relacionados à variedade linguística, como a diferença de ponto de vista entre a gramática e a linguística, o preconceito linguístico ao caracterizar a língua de alguns entrevistados como “desprestigiada”, o combate ao “português errado”, diferenças regionais etc. Todas essas questões são levantadas e debatidas pelos comentaristas de maneira espontânea, a partir da vontade de expressar sua opinião e trocar impressões com outros usuários do *Youtube*. Essa discussão poderia perfeitamente ter sido levantada no ambiente virtual entre os alunos da disciplina *online*. No entanto, ao contrário, a proposta da atividade é que os alunos somente assistam ao vídeo, sem qualquer trabalho crítico ou argumentativo.

O vídeo da segunda proposta se chama “Biodiesel no Jornal Nacional” e tem duração de 5min42seg. É pedido ao aluno que se atente para o fato de o repórter utilizar a variante padrão da língua. A proposta lança uma questão sobre a variação do nível de linguagem de um mesmo falante em diferentes situações comunicativas e, na sequência, já responde ao questionamento.

2) <http://www.youtube.com/watch?v=6KPdnhxWE7E>

Nessa reportagem do Jornal Nacional sobre o biodiesel, o repórter Júlio Mosquera nos transmite as informações utilizando a variante padrão da língua. Podemos entender tudo com muita clareza, como se estivéssemos lendo um texto, notando cada vírgula e ponto final das frases.

Por outro lado, lanço a seguinte questão: Será que o Júlio Mosquera comentaria esse assunto com um amigo usando esse mesmo nível de linguagem? Não, certamente contaria isso tudo usando uma linguagem coloquial e com muita informalidade. Afinal, estará apenas batendo papo com um amigo.

Figura 23: Segunda proposta da seção *Colocando em Prática do Conteúdo Teórico*

O uso do advérbio de modo “certamente” não indica certeza absoluta, mas demonstra que o enunciador considera altamente provável que o repórter utilizasse a linguagem coloquial com os amigos. Essa seria uma oportunidade para discutir com os alunos a questão da adaptação dos falantes da língua de acordo com seu ouvinte.

Na página do Youtube, havia vinte comentários, mas, ao contrário do vídeo da primeira proposta, nenhum dos comentários evidenciou se tratar de aluno da disciplina *online*. A discussão se deu unicamente em torno da temática do biodiesel.

A terceira e última proposta ressalta, antes de informar o link para o vídeo, a importância de utilizar a linguagem adequada ao interlocutor e à situação de comunicação. Na sequência, indica o link para o vídeo “INTERNET PORTUGUÊS”, com 2min22seg de duração. A proposta pede para que o aluno veja a reportagem exibida no Jornal da Band sobre uso do “internetês” e preste

atenção aos comentários do jornalista e do professor. Na página do *Youtube*, esse vídeo não tem comentários.

3) Como mencionamos em vários momentos, é muito importante que o falante utilize a linguagem adequada ao seu interlocutor e à situação de comunicação. Nessa reportagem do Jomal da Band de 15/12/2007, discute-se o uso do popular “internetês” comum nos chats. Veja a reportagem e preste atenção aos comentários do jornalista e do professor.

<http://www.youtube.com/watch?v=6XqY-LsPb6Y&feature=related>

Figura 24: Terceira proposta da seção *Colocando em Prática do Conteúdo Teórico*

O uso do *Youtube* como mote para a atividade tenta aproximar a teoria da realidade cotidiana do aluno. No entanto, a potencialidade da mídia é desperdiçada quando a proposta subutiliza a possibilidade de comentar, interagir com outros usuários e publicar seus próprios vídeos. A proposta da seção, que num primeiro momento soa inovadora, entra no material como mero pretexto ilustrativo dos conceitos tratados no *Conteúdo Teórico*.

4.2.2 Apresentação PowerPoint com Áudio

A seção consiste em uma apresentação de slides acompanhada por locução. O nome causa uma ruptura no padrão de nomenclatura adotado pelas demais seções da unidade, ao privilegiar a ferramenta em que o material foi produzido (software PowerPoint da Microsoft). Isso também se repete na seção *Apresentação Power Point em PDF para impressão* das Unidades II, III e VI. O formato do material parece se sobrepôr, em importância, ao seu conteúdo, no entanto, no âmbito escolar, o termo “apresentação em PowerPoint” se popularizou tanto que é utilizado por alunos e professores no lugar de “apresentação de slides”, que remete muito mais aos antigos retroprojetores. A escolha do nome da seção, portanto, parece não ser ingênua, mas uma tentativa de trazer, ao ambiente virtual, elementos do cotidiano da sala de aula, aumentando, assim, a empatia dos alunos frente à familiarização com o material de estudo fornecido na sala de aula *online*.

Com relação à sua estrutura, a apresentação recupera os mesmos temas do *Conteúdo Teórico* (Níveis de Linguagem, Modalidade Oral e Escrita e Variante Padrão e Não Padrão), mas de maneira mais informal, com uso de exemplos, ilustrações retiradas de banco de imagem e da Internet, ícones, indicação de outras fontes de pesquisa e até mesmo erros gramaticais (no slide 7 “modálide”, e no slide 9 “variante parão”). Todos esses elementos são característicos das apresentações de slides preparadas pelos professores para serem exibidas em sala de aula.

Em escala de importância, a seção encontra-se abaixo do *Conteúdo Teórico*, não só por seu posicionamento inferior na página da unidade como pelo caráter mais resumido do texto apresentado, que serve mais para ilustrar e exemplificar os conceitos apresentados no *Conteúdo Teórico*. A narração do último slide evidencia essa relação: “não deixe de ler o texto do Conteúdo Teórico para ampliar ainda mais tudo o que estudamos agora”.

Pela primeira vez há menção aos objetivos de aprendizagem da unidade. Segundo a apresentação, o aluno deveria “entender alguns aspectos que podem melhorar sua comunicação nos âmbitos pessoal e profissional”. As duas incidências do verbo “poder” parecem uma tentativa de mostrar uma possibilidade, não uma certeza. A locução “possa entender” em vez de “entenda” e “podem melhorar” em vez de “melhorarão”, de certa maneira eximem o material da responsabilidade de garantir competências comunicativas que, de fato, dependem de outros fatores além da disponibilização de material de estudo.

Na visão do material, portanto, compreender sobre níveis de linguagem, modalidade oral e escrita e variante padrão e não padrão levará o aluno a uma comunicação mais eficiente. Nas conclusões deste trabalho recuperaremos esses objetivos contrastando-os com as propostas didáticas e situações de interação proporcionadas no ambiente virtual.

Para motivar o aluno e aproximá-lo do conteúdo teórico, a proposta usa a imagem da professora que explica o conteúdo dos slides em primeira pessoa, como aconteceria em uma aula expositiva presencial. A voz feminina da narração “lê” o conteúdo dos slides e complementa as informações apresentadas na tela.

Figura 25: Seção Apresentação PowerPoint com Áudio

4.2.3 Material Complementar e Referências Bibliográficas

A seção *Material Complementar* indica material inédito para consulta, ao contrário da última seção da unidade, *Referências Bibliográficas*, que recupera as mesmas indicações já oferecidas na seção *Conteúdo Teórico* (ênfase para Gramática, Linguística Textual, Análise da Conversação e Fonética e Fonologia).

Referências Bibliográficas

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.O.; AQUINO, Z. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MAC-KAY, Ana Paula M.G. *Atividade Verbal: processo de diferença e integração entre fala e escrita*. São Paulo: Plexus, 2000.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Edusp, 2003.
- SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2003.

Figura 26: Seção Referências Bibliográficas

O material indica uma reportagem *online* da revista *Veja* publicada na edição 2025 de 12/09/2007, em que a língua é discutida como fator de ascensão profissional.

Primeiramente, podemos questionar a indicação da revista como fonte de consulta acadêmica, mais ainda, o posicionamento de que a língua se tornou fator

de ascensão profissional nos tempos globalizados, como se já não o fosse nos períodos históricos anteriores.

Figura 27: Detalhe do *Material Complementar*

Na época de veiculação, discutia-se sobre as consequências da possível reforma ortográfica. O texto verbo-visual da reportagem é formado por diferentes elementos: depoimentos, entrevista, infográfico que relaciona as chances de ascensão profissional ao número de palavras que uma pessoa domina, lista com os dez principais erros cometidos na Língua Portuguesa e que “comprometem a vida social e as pretensões profissionais de qualquer um”, discussão sobre o modo como a Internet vem mudando a ortografia e, por fim, um quadro-resumo com as principais mudanças propostas pelo Acordo Ortográfico.

A reportagem é aberta com depoimento polêmico de uma personalidade nacional bem conhecida do grande público, o professor Pasquale Cipro Neto: “Sou contra o acordo.”. Outra figura popular, o músico e escritor Tony Bellotto e algumas talvez desconhecidas de grande parte dos alunos, mas que figuram em destaque no cenário linguístico brasileiro também opinam sobre a Reforma. É o caso do escritor João Ubaldo Ribeiro, do gramático Evanildo Bechara (que, inclusive, compõe as referências bibliográficas da unidade) e da escritora Lya Luft.

Ao longo da reportagem, ao considerar também a opinião de personalidades populares do grande público – e não especialistas da língua, a revista incorre em inconsistências. Em seu depoimento, Tony Bellotto diz que “a unificação do português tem um sentido político positivo”. Aqui, a ideia que se tem é de que a Reforma Ortográfica irá homogeneizar a língua, quando na verdade trata-se de uma unificação ortográfica. A aula *online*, ao sugerir a reportagem como material de estudo complementar, dá voz a esse material, legitimando-o. Junto com a indicação da leitura da reportagem não há nenhuma ressalva quanto ao seu conteúdo, nenhum comentário adicional direcionando o olhar do aluno

para uma leitura crítica. O máximo que é dito é que se trata de uma “interessante reportagem”.

4.3 Ortografia, acentuação e reforma ortográfica

Dentre as seções que se prestam a oferecer conteúdos de estudo ao aluno, o *Conteúdo Gramatical* é a única a abordar gramática. O nome da seção cria uma dicotomia em relação ao *Conteúdo Teórico*, cuja importância em relação à gramática é visível em diversos aspectos: na extensão do texto (o *Conteúdo Teórico* tem doze páginas e o *Conteúdo Gramatical* apenas três); no assunto tratado no *Conteúdo Teórico*, que dá nome às unidades; no fato de o *Conteúdo Teórico* servir de subsídio para o desenvolvimento da principal atividade da unidade, de produção textual.

4.3.1 *Conteúdo Gramatical*

A seção é composta de três páginas de texto em formato PDF e é organizada em três seções: 1. Ortografia e Acentuação; 2. Outras considerações sobre o tema; 3. Reforma Ortográfica e o Computador. (ver Apêndice A)

No primeiro parágrafo, há o seguinte comentário:

Ao tratar desse tema [ortografia e acentuação], não podemos deixar de comentar a recente **reforma ortográfica** de nossa língua. Você está atualizado(a) sobre esse assunto? (*grifos do autor*) (p. 1)

Ao iniciar o parágrafo com “ao tratar do tema”, a seção leva o aluno a entender que a questão da reforma ortográfica será um assunto tratado além dos temas da ortografia e acentuação. Ao longo da descrição, no entanto, não há menção a outros temas, centralizando todo o conteúdo na questão da reforma.

Na primeira seção, o destaque é para as tentativas de unificação da Língua Portuguesa até a (então) recente reforma ortográfica. Para comentar sobre as principais mudanças na ortografia é indicado o endereço eletrônico da

reportagem “Veja o que muda na Língua Portuguesa com a reforma ortográfica” veiculada na Folha de S. P.

No título da segunda seção, *Outras considerações sobre o tema*, uma nota de rodapé indica se tratar de trechos extraídos de matéria publicada no site <www.universia.com.br>. A seção é formada por três parágrafos.

Das nove linhas que constituem o primeiro, sete referem-se a um discurso entre aspas de uma professora universitária e diretora de uma escola de Língua Portuguesa. No texto, a professora considera positiva a extinção de regras obsoletas e a inclusão das letras no alfabeto, mas aponta o gasto na reedição dos materiais já publicados como ponto negativo.

Os segundo e terceiro parágrafos expõem a situação da Abralivros, para quem o prazo para adaptação às novas regras da reforma ortográfica eram inviáveis. Na época, a Abralivros pretendia discutir a possibilidade de prolongamento do prazo com o ministério. Ambos os parágrafos apresentam trechos entre aspas, que são atribuídos a “Beatriz”. No texto, no entanto, não é explicitado qual sua posição na instituição. Outra questão é que o material não traz nenhuma explicação ao aluno sobre a Abralivros, tomando como pressuposto que eles conheçam a Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares. A seção termina sem articular as duas visões e sem adotar um posicionamento quanto à reforma. A última seção do conteúdo gramatical inicia com uma situação de cumplicidade com o aluno, ao comentar “utilizamos computadores para desenvolver grande parte de nossas atividades e os corretores ortográficos, eu sempre apresentaram problemas, agora estarão em desvantagem ainda maior” (p. 2-3).

Com esse posicionamento, o material assume que os alunos utilizam com frequência os aplicativos de correção ortográfica para corrigir problemas da língua, o que, de fato, é verdadeiro. Ao enfatizar o problema dos corretores, no entanto, o material não alerta para esses problemas, mas se sensibiliza com o aluno pelo fato de os corretores ficarem ainda piores com o Acordo.

O material indica algumas alternativas de corretores ortográficos *online* enquanto a Microsoft não atualizava o corretor do pacote Office. O texto alerta, no entanto, que os corretores ainda apresentavam problemas quanto ao uso do

hífen. Por fim, o texto comenta sobre a data de atualização dos dicionários Aurélio e Houaiss.

Nesse capítulo, analisamos as seções que tratam os conteúdos linguísticos e gramaticais de Língua Portuguesa, constituindo, assim, “o que” se ensina na aula *online*. Este conteúdo é, sob determinado ponto de vista, o mesmo que é ensinado nas aulas presenciais. O que diferenciara ambas as modalidades será, então, o “como” se ensina. É o que será tratado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 5

EM BUSCA DA PRÁTICA NA SALA DE AULA
ONLINE: NÍVEIS DE LINGUAGEM

CAPÍTULO 5

EM BUSCA DA PRÁTICA DA SALA DE AULA *ONLINE*: NÍVEIS DE LINGUAGEM

Fora da relação com o conteúdo, ou seja, com o mundo e os seus momentos, mundo como objeto do conhecimento e do ato ético, a forma não pode ser esteticamente significativa, não pode realizar suas funções fundamentais.

Mikhail Bakhtin

A partir deste ponto, veremos como foram construídas as relações de sentido entre a teoria e as seções práticas da aula *online*.

Dando suporte às diversas situações ao longo da unidade está a ferramenta *Avisos*, já descrita anteriormente. O primeiro uso dos avisos foi para guiar a navegação do aluno no ambiente da disciplina. No primeiro aviso, um “roteiro de estudo” indica, passo a passo, o que os alunos deverão fazer ao longo da unidade. Ouve-se no aviso a voz do tutor, embora a mensagem venha sem assinatura e o ambiente virtual exiba como autor “Blackboard Administrator”.

O texto é uma mensagem-padrão, previamente elaborada e disponibilizada pelo administrador do ambiente virtual a cada início de turma. Não é possível apontar com certeza seu autor, mas na comparação com os outros quatro avisos publicados no período de vigência da primeira aula, algumas

marcas linguísticas revelam que a autoria do roteiro da aula não é do professor tutor.

A começar pela saudação. O primeiro aviso inicia com a interjeição “Olá”, nos demais avisos, de autoria do tutor, a saudação utilizada será sempre “Caros alunos”. O tom mais formal do tutor se repete também nas despedidas. A “Boa aula!”, com entonação exclamativa, é bem diferente do “Bom trabalho a todos”, “Boa sorte a todos” e “Obrigado”, todos sucedidos pela assinatura do tutor, que marcam os desfechos dos demais avisos. O uso da primeira pessoa do plural e o tom mais informal, dois recursos bastante recomendados na elaboração de materiais de cursos a distância, podem ser conferidos no primeiro aviso, ao contrário dos demais: “vamos refletir”, “nosso roteiro de estudo” e “sobre o qual vamos discutir”.

Outra particularidade que só aparece nas mensagens-padrão é o uso do termo “aula” para se referir à unidade.

Unidade I - Níveis de Linguagem ▼

Olá,

Nesta unidade, vamos refletir um pouco sobre alguns usos da **LINGUAGEM** e nosso roteiro de estudo começa pelo texto de **conteúdo temático**, que abordará os Níveis de Linguagem; a Modalidade Oral e Escrita; e as Variantes Padrão e Não Padrão da língua.

Além disso, o **conteúdo gramatical** dessa unidade discutirá as questões de *ortografia e acentuação* da Reforma Ortográfica implantada esse ano. Veja o material disponibilizado e fique atualizado(a) sobre o assunto.

Na pasta de **material complementar** você também encontrará uma interessante reportagem publicada na edição 2025 (12/09/2007) da Revista Veja comentando sobre a importância do bom uso da língua para o crescimento pessoal e profissional.

Em seguida, participe do **Fórum de Discussão**, escreva seus comentários e conheça as opiniões de seus colegas. E só para dar um toque de curiosidade, também há um vídeo muito divertido para assistir e sobre o qual vamos discutir.

Para finalizar, você também deve realizar as **atividades de sistematização** dessa unidade. Assim poderá colocar em prática os conteúdos e acompanhar seu aproveitamento através das atividades de autocorreção.

Boa aula!

Link do curso [/Material Didático/Unidade I - Níveis de Linguagem](#)

Publicado por: Blackboard Administrator
Publicado em: Sexta-feira, 26 de Fevereiro de 2010

Figura 28: Primeiro aviso da Unidade I – roteiro de estudo

A ferramenta *Avisos* continuará a ser utilizada em outras situações, que serão detalhadas adiante.

5.1 Atividade de Sistematização

Constituída de seis exercícios com alternativas de múltipla escolha, após iniciada, a atividade deve ser concluída em até 2h. Os exercícios intercalam questões referentes aos níveis de linguagem (questões 2, 4 e 6) e à ortografia (questões 1, 3 e 5).

As do primeiro tipo pedem para que os alunos identifiquem, em fragmentos e frases, qual o nível, norma e variante utilizadas. As frases parecem terem sido criadas especialmente para fins didáticos, e os fragmentos não apresentam as fontes. Por meio de buscas em sites de pesquisa, no entanto, foi possível recuperar a origem do fragmento da segunda questão.

Ele compõe entrevistas concedidas em dezembro de 2004 na ocasião do trabalho de campo realizado na zona rural do município de Mossâmedes por Linhares. Nesse trabalho, o autor trata da linguagem caipira como manifestação cultural preterida pelas instituições oficiais de ensino, e busca

contrapor a concepção errônea e preconceituosa dessa linguagem, bem como ressaltar a importância da mesma como um elemento marcante da identidade cultural caipira e, por extensão, como um valioso patrimônio da nossa cultura regional. (LINHARES, 2004)

O tratamento dado ao tema das variações e preconceito linguísticos é meramente formal, exigindo dos alunos competências de identificação e classificação.

Atividade de Sistematização (AAC)

O item já não está disponível. Esteve disponível em 17/03/2010 02:00.

Aqui, você encontrará atividades de autocorreção para viver concretamente os conceitos relacionados a esta unidade. A atividade é composta de 6 exercícios com o valor total de **0,3 pontos**, após iniciado, tem um período de 2 horas para sua conclusão.

Fique atento! O prazo limite para a realização da atividade é **15 de Março**. Somente a inicie após o estudo do material da unidade. Observe que há duas tentativas para a realização desta atividade. Assim, se ocorrer algum problema na realização da primeira tentativa você pode realizá-la novamente.

Observação: Se ocorrer algum problema na atividade durante a sua realização encaminhe uma mensagem (botão esquerdo "Mensagens") ao seu professor tutor informando o ocorrido e solicitando uma nova tentativa. Não se esqueça de colocar todos os seus dados na mensagem, ok?

Figura 29: Descrição da Atividade de Sistematização (AAC)

Pré-visualizar teste: AAC_I

Instruções
Nome AAC_I
Descrição
Instruções
Várias tentativas Este Teste permite 2 tentativas. Esta é a tentativa número 2.
Conclusão de Força Este Teste deve ser concluído agora.

Status do teste/pesquisa

Salvar todas as respostas
Salvar e Enviar

Pergunta 1
0,05 pontos
Salvar resposta

A alternativa que apresenta palavra grafada incorretamente é?

- ☐ a. exceção, discussão, concessão
- ☐ b. cessão, cassação, excurção
- ☐ c. fixação, rendição, paralisação
- ☐ d. seção, compreensão, presunção

Pergunta 2
0,05 pontos
Salvar resposta

Leia o fragmento abaixo:
Bom, aqui sempre nos domingo, eu vó na casa de uma vizinha que tem aqui perto: lá, às vez tá passano um filme assim q'eu interesso, eu vó assisti junto com as menina; e também uma vez por ano nós vai no Rio Vermelho, vai toda minha família, e lá é onde nós diverte mais. E às vez tem uma festa na Igreja, a gente vai, passa o dia todo na reunião da modidade, batismo, alguma coisa assim.

Com relação ao fragmento, quais as características desse texto?

- ☐ a. Nível de linguagem culto, informal e na variante padrão da língua.
- ☐ b. Nível de linguagem popular, formal e na variante não padrão da língua.
- ☐ c. Nível de linguagem culto, informal e na variante não padrão da língua.
- ☐ d. Nível de linguagem popular, informal e na variante não padrão da língua.

Pergunta 3
0,05 pontos
Salvar resposta

Leia o fragmento abaixo:
Não sei se isso acontece com vocês, mas eu ando meio cansado de rótulos, das pessoas acharem que eu sou o que eu não sou. Em um ano de vestibular, a gente já tem muita preocupação, não dá para levar em conta o que os outros esperam da gente, o que os outros acham que a gente é, ou deve ser. E olha que em nenhum lugar as pessoas são tão rotuladas como num ambiente de estudo.

Com relação ao fragmento, quais as características desse texto?

- ☐ a. Nível de linguagem culto, informal e na variante padrão da língua.
- ☐ b. Nível de linguagem popular, formal e na variante não padrão da língua.
- ☐ c. Nível de linguagem culto, informal e na variante não padrão da língua.
- ☐ d. Nível de linguagem popular, informal e na variante não padrão da língua.

Pergunta 4
0,05 pontos
Salvar resposta

Veja as frases abaixo:
Estou preocupado.
Tô preocupado.
Tô grilado.

Temos respectivamente:

- ☐ a. Norma culta, norma culta e gíria.
- ☐ b. Norma culta, língua popular e gíria.
- ☐ c. Língua popular nas três frases.
- ☐ d. Norma culta nas três frases.

Pergunta 5
0,05 pontos
Salvar resposta

Você é craque em ortografia? Qual alternativa apresenta erro ortográfico?

- ☐ a. O assessor chegou à exaustão.
- ☐ b. A fatura e a escassez são problemáticas.
- ☐ c. O garoto apareceu enxarcado na sala.
- ☐ d. Aceso o fogo, uma tabareda ascendeu ao céu.

Pergunta 6
0,05 pontos
Salvar resposta

Dentre as alternativas abaixo, marque aquela em que as palavras estejam escritas de acordo com as novas regras ortográficas.

- ☐ a. pára, pêlo, pode
- ☐ b. holandês, matéria, está
- ☐ c. polo, creem, autoescola
- ☐ d. vôo, assembléia, lingüística

Salvar e Enviar

Salvar todas as respostas
Salvar e Enviar

Figura 30: Perguntas da Atividade de Sistematização (AAC)

Na descrição, a atividade aparece como sendo de autocorreção, o que significa que o próprio ambiente virtual tem a possibilidade de comparar a resposta dada pelo aluno com um gabarito previamente informado, bem como fornecer ao aluno retorno imediato sobre sua avaliação. No entanto, a correção dos exercícios não foi feita na sequência, mas postada pelo tutor da disciplina em um fórum específico para esse fim. Na primeira unidade, trata-se do fórum *Retorno da atividade de sistematização da Unidade I*.

O motivo para essa escolha possivelmente foi evitar que os alunos, ao visualizarem os gabaritos, passassem as respostas corretas aos demais alunos da turma.

No prazo estipulado, o tutor utilizou a ferramenta *Avisos* para informar aos alunos que o retorno das atividades enviadas para correção já estava disponível no fórum correspondente.

Figura 31: Quarto aviso da Unidade I – retorno da atividade

Conforme planejado, o fórum de retorno da atividade de sistematização foi utilizado pelo tutor para disponibilizar aos alunos as respostas corretas da *Atividade de Sistematização*. O objetivo era que cada aluno comparasse as respostas fornecidas com aquelas respondidas anteriormente e fizessem uma autoavaliação. Trata-se, portanto, de um espaço destinado exclusivamente ao compartilhamento do gabarito da atividade nesse espaço.

No decorrer do tempo, no entanto, dez alunos enviaram mensagens nesse espaço, sugerindo que a proposta do fórum de retorno da atividade não havia sido bem compreendida. Alguns alunos chegaram, inclusive, a enviar novamente suas atividades.

Data	Linha de Discussão	Autor	Situação	Mensagens Não Lidas	Total de Mensagens
01/04/10 18:21	Retorno da atividade de sistematização da Unidade I	prof_CHS	Publicado	11	20
05/04/10 20:33	unidade de ambientação		Publicado	2	2

Figura 32: Fórum de retorno da atividade da Unidade I

Para contornar a situação, o tutor disponibilizou um aviso aos alunos reiterando o caráter estritamente de consulta daquele fórum.

Retorno das atividades I

Atenção alunos:

O fórum retorno das atividades é apenas para consulta. Não se trata de uma atividade que vale nota. Serve para confrontar as respostas que vocês deram na AACCC I com as respostas corretas e eliminar possíveis dúvidas que tenham ficado.

Por favor, não publiquem nada lá nem enviem textos para serem avaliados, só postem participações nos fóruns adequados e enviem textos (quando houver necessidade) por meio dos links constantes nos enunciados que orientam as atividades.

Obrigado.

Publicado por: prof_CHS

Publicado em: Quarta-feira, 7 de Abril de 2010

Figura 33: Quinto aviso da Unidade I – orientação

5.2 Atividade Reflexiva

Na segunda atividade da unidade, *Atividade Reflexiva – Produção textual*, a proposta é para o aluno assistir a um vídeo disponibilizado no *Youtube* retratando um esquete cômico que satirizava alguns problemas com a Língua Portuguesa. Na proposta inicial da atividade o aluno participaria de um fórum de discussão norteado pelas seguintes questões: Em que elementos se encontra a comicidade do esquete? Como você classificaria a variante utilizada pelos policiais e a variante utilizada pelo assaltante?

Embora os alunos tivessem que utilizar o espaço do fórum de discussão para entregar sua atividade, as perguntas propostas não suscitavam debate. O fórum, aqui, foi utilizado apenas como repositório de entrega.

PT_I

O item já não está disponível. Esteve disponível em 04/05/2010 01:00.

Em 2008, a Cia. de Comédia os Melhores do Mundo, um grupo teatral sediado em Brasília e com repertório cômico, criou e produziu o esquete "O Assalto" satirizando alguns "probleminhas" com a língua portuguesa.

Assinta ao vídeo "Os Melhores do Mundo - Sequestrador (Pleonasmo)", disponível em :
<http://www.youtube.com/watch?v=VRHYNyWtlk&feature=related>

Refleta sobre o seu conteúdo em relação ao conteúdo teórico de que tratamos nesta unidade e participe do nosso fórum, respondendo às questões:

Em que elementos se encontra a comicidade do esquete?

Como você classificaria a variante utilizada pelos policiais e a variante utilizada pelo assaltante?

Figura 34: Proposta inicial da Atividade Reflexiva - Produção Textual

No decorrer do curso, ao perceber que no fórum de discussão os alunos poderiam ver as respostas um dos outros, o tutor alterou a dinâmica da atividade, de modo que os alunos respondessem às questões em um documento de texto e as enviassem para correção. Na figura, vemos as modificações implementadas no enunciado da atividade:

PT_I

O item já não está disponível. Esteve disponível em 16/03/2010 22:00.

Em 2008, a Cia. de Comédia os Melhores do Mundo, um grupo teatral sediado em Brasília e com repertório cômico, criou e produziu o esquete "O Assalto" satirizando alguns "probleminhas" com a língua portuguesa.

Assinta ao vídeo "Os Melhores do Mundo - Sequestrador (Pleonasmo)", disponível em :
<http://www.youtube.com/watch?v=VRHYNyWtlk&feature=related>

Refleta sobre o seu conteúdo em relação ao conteúdo teórico de que tratamos nesta unidade e produza um texto, respondendo às questões:

Em que elementos se encontra a comicidade do esquete?

Como você classificaria a variante utilizada pelos policiais e a variante utilizada pelo assaltante?

Para isso, elabore um arquivo do WORD e salve-o com o nome "meuPrimeiroNome_999999", onde meuPrimeiroNome corresponde ao seu primeiro nome e 999999 é o número de Usuário que você utiliza para acessar o Blackboard.

Faça o envio do arquivo do WORD, realizando os procedimentos:

- selecione o link acima, denominado "PT_I";
- faça o anexo do seu arquivo WORD selecionando o arquivo e pressionando o botão "Adicionar outro arquivo";
- se desejar escreva algum comentário ao seu professor tutor no quadro "Comentários";
- pressione o botão "Enviar".

Cuidado! Ao pressionar ao botão "Enviar" você poderá encaminhar o exercício somente mais uma vez, ou seja, você tem duas tentativas, ok! Se ocorrer algum tipo de problema no envio da atividade para na segunda tentativa encaminhe uma mensagem ao seu professor tutor informando o ocorrido e solicitando uma nova tentativa. Não se esqueça de colocar todos os seus dados na mensagem, ok?

Fique atento! O prazo limite para entrega da atividade é **16 de março**.

Figura 35: Proposta reformulada da Atividade Reflexiva - Produção Textual

Para comunicar aos alunos a alteração do enunciado, o tutor utilizou a ferramenta Avisos. Nesse comunicado, ele orientou os alunos quanto ao procedimento correto para a entrega do exercício e informou a prorrogação do prazo de entrega. Além disso, o tutor reiterou o caráter colaborativo do fórum de

discussão: “A natureza do fórum de dúvidas é esclarecer quaisquer questões acerca do conteúdo” e complementou: “fiquem à vontade para usá-lo para fazer perguntas desse tipo que eu o visito com muita frequência”.

Unidade I - Atividade de Produção Textual ▼

Caros alunos:

Alguns de vocês, motivados por um enunciado pouco claro, estão respondendo as questões sobre o esquete do grupo "Os Melhores do mundo" no Fórum de Dúvidas da Unidade I.

Solicito que, a partir desta data, todos sigam as instruções, que agora estão mais claras: acessem o link que aparece no alto da página para enviar as atividades (PT_I: [webapps/blackboard/execute/uploadAssignment?content_id= 49283_1&course_id= 4657_1&mode=cpview](#)) e anexem o arquivo em formato word com as respostas.

Os alunos que já enviaram as respostas serão avaliados pela postagem do Fórum, assim não serão prejudicados tendo que refazer a operação. A partir desta data, porém, os que enviarem as respostas pelo fórum, para serem avaliados, serão convidados a reenviarem o trabalho via link próprio.

A natureza do fórum de dúvidas é esclarecer quaisquer questões acerca do conteúdo e fiquem à vontade para usá-lo para fazer perguntas desse tipo que eu o visito com muita frequência.

Comunico, ainda, que a data de entrega das atividades de conteúdo desta Unidade foi prorrogada para **15 de março de 2010**, pois o conteúdo entrou no sistema com atraso. Já quanto às **atividades de ambientação**, que estavam no sistema e tinham data até **08 de março de 2010**, continuam inalteradas.

Bom trabalho a todos.

Publicado por:

prof_CHS

Publicado em: Sexta-feira, 5 de Março de 2010

Figura 36: Segundo aviso da Unidade I

Recuperando o objetivo da seção das atividades de produção de texto na seção *Informações Didáticas* da área *Informações da Disciplina*, temos a seguinte descrição: “As atividades de Produção Textual têm por objetivo promover a aplicação dos conceitos teóricos trabalhados na Unidade. Elas podem ser: produção de texto, fórum de discussão e trabalho de pesquisa.”.

A *Atividade Reflexiva*, no entanto, não pode ser enquadrada em nenhuma das três categorias apresentadas. Ao responder às perguntas propostas, o aluno não chega a redigir um texto. Não se trata de uma atividade de discussão, ainda que seja utilizado o espaço do fórum, tão pouco um trabalho de pesquisa.

No aviso, o tutor encorajou os alunos a postarem dúvidas no fórum, mas a baixa complexidade da proposta não suscitou qualquer manifestação dos alunos nesse sentido. Veremos, no item seguinte, que com exceção da proposta inicial de entrega dessa atividade, o espaço do fórum não foi utilizado.

Os alunos que deixaram para entregar a atividade no último dia de prorrogação do prazo tiveram problemas. Por desconhecer as regras de data/hora do ambiente virtual *Blackboard*, o tutor havia definido o dia 15 de março para a entrega final. No entanto, o ambiente considera que, a partir da zero hora, tem início um novo dia. Dessa maneira, os alunos que tentaram enviar a atividade no último dia do prazo não conseguiram fazê-lo. O tutor, caso conhecesse o ambiente virtual, teria programado a atividade para ficar disponível até o horário máximo do dia 15, 23h30.

Em uma tentativa de contornar o problema, o tutor novamente utilizou a ferramenta de Avisos, postando um terceiro comunicado. Nele, o tutor trata a questão como um erro do ambiente virtual: “Vou encaminhar o erro para análise do NEAD¹⁷, pois entendo que seja um problema do programa.”. Para não prejudicar os alunos, o tutor prorrogou o prazo mais uma vez.

Por acreditar que o sistema apresentasse falhas, o tutor se despediu dos alunos com “Boa sorte” e não “Bom trabalho”, como no aviso anterior. Na passagem “de forma que aqueles que tiveram problemas... possam entrar e *tentar* fazer pelo modo correto”, ao usar a locução “tentar fazer” em vez de somente “fazer” o tutor mostrou novamente sua reticência em relação ao bom funcionamento do ambiente virtual.

Atividades da unidade I ▾

Caros alunos:

Os que deixaram para a última hora para fazer as atividades tiveram problemas, pois eu havia programado a data final para dia 15/03, até o final do dia, e o sistema bloqueou às 0h do dia 15. Vou encaminhar o erro para análise do NEAD, pois entendo que seja um problema no programa.

Contudo, para que vocês não fiquem prejudicados, deixei o link até dia 16, às 22h de forma que aqueles que tiveram problemas e enviaram pelo módulo mensagem ou pelo fórum possam entrar e tentar fazer pelo modo correto, pois não tenho como atribuir nota se não for pelo link correto, o sistema não abre campo para isso.

Quanto a problemas de acesso, não tenho como interferir. Procurem fazer as atividades em um local cuja conexão seja estável e podem pedir ajuda nos laboratórios para os funcionários.

Boa sorte a todos.

[Link do curso /Material Didático/Unidade I - Níveis de Linguagem/Atividade Reflexiva - Produção Textual](#)

Publicado por: [Redacted]
 prof_CHS
 Publicado em: Terça-feira, 16 de Março de 2010

Figura 37: Terceiro aviso da Unidade I

¹⁷ NEAD: Núcleo de Educação a Distância.

5.3 *Sanando Dúvidas*

Na disciplina *online* Língua Portuguesa, a interação entre os participantes se dá pela seção *Sanando Dúvidas*, presente em cada uma das unidades de conteúdo e que permite aos alunos esclarecer dúvidas da unidade através de discussões no fórum. O resumo do *Fórum de Dúvidas* da Unidade I pode ser conferido na figura a seguir. O alto número de Linhas de Discussão provavelmente se deve ao fato de se tratar da primeira unidade de conteúdo da disciplina, em que os alunos ainda não estavam familiarizados com o uso da ferramenta.

A primeira linha concentrou a maior parte da participação dos alunos, no entanto, mesmo se referindo ao mesmo tema, outros alunos criaram suas próprias discussões, em vez de fazerem suas postagens em uma discussão já criada previamente. Na maior parte desses casos, a linha de discussão fica sem resposta (somente com uma mensagem) ou com duas mensagens, mostrando que o tutor respondeu ao aluno.

Participaram deste fórum 53 alunos, além do tutor, totalizando 131 participações. Analisando o caráter das postagens, verificamos que 39% consistiram em entrega da atividade *Atividade Reflexiva – Produção textual* (dinâmica que posteriormente foi substituída por entrega direta ao tutor). 22% das postagens foram feitas pelo tutor da disciplina, normalmente orientando os alunos sobre problemas em suas respostas.

Como visto no item anterior, durante o período de entrega da atividade o tutor pediu para que os alunos não mais postassem as respostas no fórum, mas sim por outra ferramenta do *Blackboard*. Como alguns alunos tiveram dificuldade para entregar a atividade pela nova metodologia, utilizaram o fórum para relatar o problema com o ambiente virtual, totalizando 16% das postagens. 11% das participações foram respostas do tutor a esses problemas.

Mesmo após a mudança da atividade, alguns alunos, além de relatarem os problemas, continuaram a enviar suas atividades pelo fórum, somando 8% das contribuições. Comentários diversos e resposta de aluno a outro aluno totalizaram 3% e 1% das mensagens, respectivamente.

Figura 38: Caráter da participação no fórum *Sanando Dúvidas* da Unidade I

Ainda que num primeiro momento o fórum tenha sido utilizado como ambiente de entrega de atividades, notamos que em nenhuma ocasião os alunos buscaram esse espaço para tirar dúvidas que não fossem sobre funcionalidades do ambiente virtual. A proposta inicial deste espaço, segundo a seção *Informações Didáticas* da área *Informações da Disciplina*, dizia: “Este fórum deve ser utilizado por você para sanar suas dúvidas relativas ao conteúdo teórico da unidade e às atividades avaliativas.”. A proposta de interação entre alunos e professor tutor, no entanto, não se concretiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho optamos por empreender uma análise transversal da disciplina *online* Língua Portuguesa. Aprofundamos em uma de suas seis unidades e a percorremos na horizontalidade, descobrindo (no sentido de revelar) sua estrutura e concepção fundamentais. Tal escolha se justifica pela necessidade, tanto do ponto de vista profissional, quanto acadêmico, de lançarmos um olhar crítico à totalidade do objeto aula *online* de Língua Portuguesa, e não somente a um de seus aspectos constitutivos.

Adotamos o princípio metodológico de Análise dialógica do discurso, que traz contribuições significativas para o entendimento da sociedade e sua cultura em determinado momento histórico, uma vez que a reflete e refrata. Esse método considera a materialidade do objeto de pesquisa em conjunto com os fatores extra-verbais (situação da escrita, dados sobre o autor etc.), sendo esses considerados não exteriores ao objeto, mas constitutivos de qualquer material que nasce e vive em um meio social organizado, sendo, portanto, ideológico.

A aula *online* de Língua Portuguesa foi analisada em sua totalidade, (conteúdo, material e forma), considerando suas esferas de circulação, produção e recepção. Enquanto gênero discursivo, a aula sofre as imposições da Internet, esfera que exige agilidade de produção, equipe multidisciplinar e atendimento a um número cada vez maior e mais heterogêneo de usuários. Segundo nossa análise, tais exigências resultaram em pouca rigidez na concepção dos materiais oferecidos.

As unidades didáticas que compõem a disciplina *online* Língua Portuguesa mostram a preocupação com a formação do aluno universitário que

irá operar, ao longo da vida, com a leitura e produção de gêneros tanto acadêmicos quanto profissionais. Nesse sentido, a disciplina procura instrumentalizar o aluno para que seja bem sucedido em ambos os espaços sociais. Pelo tema, a unidade selecionada era a que menos demonstrava caráter instrumental. No entanto, se os assuntos propostos na unidade são atuais e relevantes, foram sub-aproveitados nas propostas didáticas.

Pensando no “o quê” que se ensina, o caráter sociolinguístico do *Conteúdo Teórico* trata as variedades da língua para que sejam “aplicadas” às diferentes situações. Assume, portanto, a concepção de adequação da linguagem. Essa perspectiva é questionável se considerarmos que os sentidos não estão prontos para serem usados, pelo contrário, estão em constante adequação no curso da enunciação (CORRÊA, 2001).

Recuperamos os aspectos desejados na preparação do material didático de disciplinas *online*, fazendo um contraponto com a unidade analisada da disciplina Língua Portuguesa. Analisamos, aqui, o “como” se ensina:

a) *a linguagem deve ser coloquial, clara e objetiva para motivar o aluno:* uma das bases fundantes da teoria de Bakhtin e o Círculo é a orientação da palavra em função do interlocutor: “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116). O interlocutor da aula *online* é real e definido (alunos ingressantes na graduação). Assim, a escolha lexical, o apelo para exemplificações, explicações e o uso de recursos de linguagem e midiáticos são estratégias que poderiam ter sido utilizadas para prender a atenção do aluno e facilitar a compreensão dos conceitos. No entanto, encontramos a infantilização de alguns materiais, baseados em estereótipos, o plágio, e a proposta de atividades que não levam os alunos a desenvolverem uma visão crítica da realidade.

b) *o material deve ser organizado de maneira a considerar o conhecimento prévio do aluno e a incentivar sua autonomia na busca de novas aprendizagens:* as propostas de atividade não requeriam do aluno a necessidade de pesquisas ou mesmo a motivação para buscar novos conhecimentos

relacionados ao tema tratado. Devido ao baixo grau de exigência dos exercícios, os alunos provavelmente não precisaram consultar o material-base para respondê-los. Caso contrário, certamente teriam dificuldades de compreensão, que seriam expressas nos fóruns.

c) *deve ser promovida a interação entre professor e aluno e entre aluno e material didático*: enquanto no Youtube os alunos comentam e discutem sobre o material, no ambiente virtual da disciplina o texto engessado nas citações e paráfrases plagiadas, e as propostas de atividade que sub-utilizam os fóruns de discussão não permitem qualquer possibilidade de interação, seja com o material ou com os demais alunos da disciplina.

d) *devem ser trabalhadas diferentes estratégias metodológicas e recursos midiáticos*: em relação aos recursos utilizados na disciplina, vemos a tentativa de fornecer ao aluno diferentes possibilidades de texto verbo-visuais. A *Motivação Inicial*, por exemplo, tem formato de ilustração e apresenta uma situação de conversa simulada face a face que explora a linguagem informal neste tipo de interação. No entanto, os estereótipos usados nas propostas verbo-visuais da aula infantilizam o papel do aluno e não permitem a construção de uma visão e posicionamento críticos.

A aula *online* traz diferentes vozes discursivas que circulam nas seções: a voz institucional, a voz do professor tutor, a voz que administra o funcionamento do ambiente virtual. Não circulam, no entanto, as vozes do professor e dos alunos. Quem é, afinal, o professor da aula *online*? Seria o tutor, cuja participação se resume a ministrar um material pré-elaborado e seguir o roteiro formulado e definido em concordância com o calendário da disciplina? Será o autor do material didático, que escreveu os conteúdos de gramática e de teoria e se ausenta de posicionamento valorativo/ideológico recorrendo ao plágio? E que espaço é reservado para a voz do aluno?

Recuperamos o objetivo da disciplina apresentada no *Mapa Conceitual da Unidade de Ambientação*: “desenvolver novas atitudes, habilidades e competências do Profissional do Século XXI, fundamentadas em Teorias de Aprendizagem numa concepção dialógica e reflexiva” e a proposta da unidade

analisada: “entender alguns aspectos que podem melhorar sua comunicação [dos alunos] nos âmbitos pessoal e profissional”.

Notamos uma disparidade entre o esperado e o efetivamente proposto ao aluno ao longo das propostas didáticas. O material objetiva leitura e produção de texto para sucesso profissional e pessoal, mas o conteúdo-base apresentado é plagiado. Que profissional está sendo formado?

Após a análise do objeto de pesquisa, concluímos que a hipótese inicialmente formulada não se confirmou “que o meio de circulação Internet promovesse, comparativamente às aulas presenciais, maior acesso a informações em diferentes formatos, como hipertexto, áudio, vídeo, animações etc. e maior interação dos alunos com o professor tutor e com os materiais didáticos disponibilizados”. A aula *online* de Língua Portuguesa não faz uso das potencialidades da mídia *online* (diferentes formatos, maior interação, maior autonomia do usuário), nem explora o caráter colaborativo da Internet.

Vemos no Apêndice A o resumo dos elementos que compõem as unidades da disciplina. Ainda que as demais unidades não tenham sido analisadas, notamos que todas são compostas pelas mesmas seções. Essa estabilidade, no entanto, é de nível estrutural. A maneira de tratar os temas linguísticos varia de unidade para unidade, de acordo com o professor conteudista responsável. Como analisamos somente uma das cinco unidades da disciplina, não generalizamos nossas impressões à disciplina como um todo.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

ALVES, João Roberto. A história do EAD no Brasil. In: LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 9-13.

ARAÚJO JUNIOR, Carlos Fernando de; MARQUESI, Sueli Cristina. Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade. In: LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 358-368.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – ABED. *Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância – AbraEAD 2008*. 4. ed. São Paulo: Instituto Monitor; ABED, 2008. Disponível em: http://www.abraead.com.br/anuario/anuario_2008.pdf. Acesso em: 11/10/2010.

_____. *CensoEAD.br. 2009 – Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

BAJTIN, Mijail Mijáilovich. (MEDVEDEV, Pavel Nikolaievich). Los elementos de la construcción artística. In: *El método formal em los estudios literários: introducción crítica a una poética sociológica*. Trad. de Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1994 (1928). p. 207-224.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 (1963).

_____. O Problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. In: _____. *Questões de Literatura e Estética (A Teoria do Romance)*. 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998 (1924). p. 13-70.

_____. O Discurso no Romance. In: _____. *Questões de Literatura e Estética (A Teoria do Romance)*. 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998 (1934-1935). p. 71-210.

_____. O autor e a personagem. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (1979) [1952-53]. p. 3-90.

_____. O problema do autor. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (1979) [1952-53]. p. 173-192.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (1979) [1952-53]. p. 261-306.

_____. O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (1979) [1952-53]. p. 308-335.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009 (1929).

_____. Discurso na vida e discurso na arte: sobre a poética sociológica. In: *Freudianism: a marxist critique*. Trad. de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza para fins didáticos. New York: Academic Press, 1976 (1926) (Trad. do russo de I. R. Titunik).

BARBASTEFANO, Rafael Garcia; SOUZA, Cristina Gomes de. Plágio em trabalhos acadêmicos: uma pesquisa com alunos de graduação. *XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção*. Foz do Iguaçu (PR), out. 2007. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2007_TR660482_9513.pdf. Acesso em: 22/10/2011.

BARZOTTO, Valdir Heitor. Prefácio. In: GHIRALDELO, Claudete Moreno (org.). *Língua portuguesa no ensino superior*: experiências e reflexões. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 11-14.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDARRA, José. Aprendizagem multimídia interativa. In: MIRANDA, Guilhermina Lobato (org.). *Ensino online e aprendizagem multimídia*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2009. p. 352-384.

BRASIL. *Decreto Presidencial nº 5.622 de 19 dezembro de 2005*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm. Acesso em: 23/10/2010.

_____. Ministério da Educação. *Portaria nº 4.059 de 10 de dezembro de 2004*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf. Acesso em: 23/10/2010.

_____. Ministério da Educação. *Indicadores de qualidade para cursos de graduação a distância*. Brasília, 2000. Disponível em http://www.pr5.ufrj.br/curso_distancia/legislacao/Indicadores_de_Qualidade_do_ME.pdf. Acesso em: 23/10/2010.

_____. Ministério da Educação. *Referenciais de qualidade para educação superior a distância*. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>. Acesso em: 23/10/2010.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Fernando de; OLIVEIRA, Ivan Carlos Alcântara de; TARCIA, Rita Maria Lino. *Proposta didático-pedagógica para desenvolvimento de disciplinas de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade a distância*. São Paulo, mai. 2007a. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/58200721503PM.pdf>. Acesso em: 23/10/2010.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; TARCIA, Rita Maria Lino; OLIVEIRA, Ivan Alcântara; CERRI, Stella Aok. *O uso de protótipos pedagógicos para implantação das disciplinas online em cursos de graduação*. São Paulo, mai. 2007b. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/2462009175329.pdf>. Acesso em: 23/10/2010.

CASTRO, Gilberto de. Formas sintáticas de enunciação: o problema do discurso citado no círculo de Bakhtin. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 117-135

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. 1. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.

_____. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. In: *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas (SP), IEL-UNICAMP, v. 45, n. 2, 2006. p. 205-224.

_____. Reflexões sobre o trabalho de Bakhtin e sua relação com o ensino da escrita. In: OSORIO, Ester Myriam Rojas (Org.). *Mikhail Bakhtin: cultura e vida*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 11-20.

FILATRO, Andrea. *Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

FLORES Valdir do Nascimento (org.) et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

GHIRALDELO, Claudete Moreno (org.). *Língua portuguesa no ensino superior: experiências e reflexões*. São Carlos: Claraluz, 2006.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p.133-160.

HARMON, Stephen W.; JONES, Marshall G. Planning and Implementing Web-Based Instruction: tools for decision analysis. In: SPARKS, Kristin E.; SIMONSON, Michael (orgs.). *Proceedings of the 1998 International Conference of the Association of Educational Communication and Technology* (Arnes: Iowa State University, 1999). p. 423-427.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 7 ed. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 117-146.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 9 ed., 3 reimpr. São Paulo: Contexto, 2010.

LINHARES, Andrey Aparecido Caetano. Linguagem e identidade cultural caipira no município de Mossâmedes: por uma nova concepção acerca da linguagem caipira. *Revista da UFG*, v. 7, n.1, jun. 2004. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/T34_linguagem.html#Entre. Acesso em: 15/10/2011.

LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LITTO, Frederic Michael. O retrato frente/verso da aprendizagem a distância no Brasil 2009. *Ead – Porque não? ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.10, n.2, p. 108-122, jun. 2009. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2022/1843>. Acesso em: 11/10/2010.

MACKAY, Ana Paula Machado Goyano. *Atividade verbal: processo de diferença e integração entre fala e escrita*. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARQUESI, Sueli Cristina. Novas perspectivas no ensino de português para fins específicos: da sala de aula para o ensino via Internet. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina. *Língua portuguesa: pesquisa e ensino*, v. 2. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2007. p. 119-128.

MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria da Silva; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco (orgs.). *Interações virtuais: perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

MORAN, José Manuel. O ensino superior a distância no Brasil. *Educação & Linguagem*. v.12, n.19, p. 17-35, jan-jun. 2009. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/viewArticle/811>. Acesso em: 11/10/2010.

_____. Contribuições para uma pedagogia da educação *online*. In: SILVA, Marco (org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 39-50.

_____. *Modelos e avaliação do ensino superior a distância no Brasil*. ETD - Educação Temática Digital, v. 10, n. 2, p. 54-70, jun. 2009. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/issue/view/143/showToc>. Acesso em: 20/10/2010.

NEGRONI, María Marta García. Os modos de dizer do sujeito no discurso acadêmico. Trad. de Maria Eta Vieira. In: MICHELETTI, Guaraciaba (org.). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 92-121.

NERY, Guilherme (pres.) et al. *Nem tudo que parece é: entenda o que é plágio*. Comissão de Avaliação de Casos de Autoria (biênio 2008-2010) do Departamento de Comunicação Social – Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: <http://www.noticias.uff.br/arquivos/cartilha-sobre-plagio-academico.pdf>. Acesso em: 05/07/2011.

NUNES, Ivônio Barros. A história da EAD no mundo. In: LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). *Educação a Distância o Estado da Arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 2-8.

NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn. Estação *online*: a “ciberescrita”, as imagens e a EAD. In: SILVA, Marco (org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 107-134.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Competência discursiva: leitura, citação e paráfrase como atividades de produção em discurso segundo. *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filosofia*, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 2, t. 2, ago. 2010. p. 1986-2004. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1986-%202004.pdf. Acesso em: 05/07/2011.

PIMENTEL, Mariano Gomes; ANDRADE, Leila Cristina Vasconcelos de. *Educação a Distância: Mecanismos para Classificação e Análise*. Anais do VII Congresso Internacional de Educação a Distância – ABED. São Paulo, agosto de 2000. Disponível em: http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=38. Acesso em: 20/10/2010.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 9 ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

RAMAL, Andrea Cecília. Educação com tecnologias digitais: uma revolução epistemológica em mãos do desenho instrucional. In: SILVA, Marco (org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 183-198.

RESENDE, Flávia Amaral. Educação Especial e a EAD. In: LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). *Educação a Distância o Estado da Arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 129-140.

ROMANCINI, Richard. A praga do plágio acadêmico. *Revista Científica FAMEC/FAAC/FMI/FABRASP*. Ano 6, n. 6, 2007. p. 44-48. Disponível em: <http://www.wannydigiorgi.com.br/paginas/publi/revista2007.pdf>. Acesso em: 05/07/2011.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. Articulação de saberes na EAD *online*: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, Marco (org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 217-230.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

VAVASSORI, Fabiane Barreto; RAABE, André Luis Alice. Organização de aprendizagem utilizando ambientes virtuais: um estudo de caso. In: SILVA, Marco (org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 311-325.

ZANETTI, Alexsandra. *Elaboração de materiais didáticos para educação a distância*. Biblioteca Virtual do NEAD/UFJF. Disponível em: http://www.cead.ufjf.br/media/biblioteca/elaboracao_materiais.pdf. Acesso em: 23/10/2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DAS UNIDADES DE CONTEÚDO

Unidade I – Níveis de Linguagem		
SEÇÃO	FORMATO	PROPOSTAS/CONTEÚDOS TRABALHADOS
Motivação Inicial	Navegação interativa	-
Conteúdo Teórico	Arquivo PDF	Níveis de Linguagem Modalidade Oral e Escrita Variante Padrão e Não Padrão Colocando em Prática
Conteúdo Gramatical	Arquivo PDF	Conteúdos gramaticais: Ortografia e Acentuação Outras considerações sobre o tema Reforma Ortográfica e o Computador
Apresentação Power Point com Áudio	Apresentação com áudio	Reflexões sobre a linguagem Níveis de linguagem Modalidade oral e escrita Variante padrão e não padrão
Atividade de Sistematização (AAC)	Exercício de múltipla escolha	<p>1. Você é craque em ortografia? Qual alternativa apresenta erro ortográfico?</p> <ol style="list-style-type: none"> O assessor chegou à exaustão. A fartura e a escassez são problemáticas. O garoto apareceu enxarcado na sala. Aceso o fogo, uma labareda ascendeu ao céu. <p>2. Leia o fragmento abaixo: Bom, aqui sempre nos domingo, eu vô na casa de uma vizinha que tem aqui perto; lá, às veiz tá passano um filme assim q'eu interesse, eu vô assistí junto com as menina; e também uma veiz por ano nós vai no Rio Vermelho, vai toda minha família, e lá é onde nós diverte mais. E às veiz tem uma festa na igreja, a gente vai, passa o dia todo na reunião da mocidade, batismo, alguma coisa assim.</p> <p>Com relação ao fragmento, quais as características desse texto?</p> <ol style="list-style-type: none"> Nível de linguagem culto, informal e na variante padrão da língua. Nível de linguagem popular, formal e na variante não padrão da língua. Nível de linguagem culto, informal e na variante não padrão da língua. Nível de linguagem popular, informal e na variante não padrão da língua. <p>3. Dentre as alternativas abaixo, marque aquela em que as palavras estejam escritas de acordo com as novas regras ortográficas.</p> <ol style="list-style-type: none"> pára, pêlo, pode holandês, matéria, está polo, creem, autoescola vôo, assembléia, lingüística <p>4. Veja as frases abaixo: Estou preocupado. Tô preocupado. Tô grilado.</p> <p>Temos respectivamente:</p> <ol style="list-style-type: none"> Norma culta, norma culta e gíria. Norma culta, língua popular e gíria. Língua popular nas três frases. Norma culta nas três frases. <p>5. A alternativa que apresenta palavra grafada</p>

		<p>incorretamente é?</p> <p>b. exceção, discussão, concessão</p> <p>c. cessão, cassação, excurção</p> <p>d. fixação, rendição, paralisação</p> <p>e. seção, compreensão, presunção</p> <p>6. Leia o fragmento abaixo:</p> <p>Não sei se isso acontece com vocês, mas eu ando meio cansado de rótulos, das pessoas acharem que eu sou o que eu não sou. Em um ano de vestibular, a gente já tem muita preocupação, não dá para levar em conta o que os outros esperam da gente, o que os outros acham que a gente é, ou deve ser. E olha que em nenhum lugar as pessoas são tão rotuladas como num ambiente de estudo.</p> <p>Com relação ao fragmento, quais as características desse texto?</p> <p>a. Nível de linguagem culto, informal e na variante padrão da língua.</p> <p>b. Nível de linguagem popular, formal e na variante não padrão da língua.</p> <p>c. Nível de linguagem culto, informal e na variante não padrão da língua.</p> <p>d. Nível de linguagem popular, informal e na variante não padrão da língua.</p>
Atividade Reflexiva – Produção Textual	Fórum de discussão	<p>Em 2008, a Cia. de Comédia os Melhores do Mundo, um grupo teatral sediado em Brasília e com repertório cômico, criou e produziu o esquete "O Assalto" satirizando alguns "probleminhas" com a língua portuguesa.</p> <p>Assinta ao vídeo "Os Melhores do Mundo - Sequestrador (Pleonasmo)", disponível em : http://www.youtube.com/watch?v=VRHYNyWtllk&feature=related</p> <p>Reflita sobre o seu conteúdo em relação ao conteúdo teórico de que tratamos nesta unidade e produza um texto, respondendo às questões:</p> <p>Em que elementos se encontra a comicidade do esquete?</p> <p>Como você classificaria a variante utilizada pelos policiais e a variante utilizada pelo assaltante?</p>
Sanando Dúvidas	Fórum de discussão	Utilize o Fórum acima para sanar suas dúvidas sobre a Unidade I.
Material Complementar	Indicação de site	<p>Nos tempos globalizados, em que temos que ser cada vez mais eficientes, a língua também passou a ser um fator de ascensão profissional.</p> <p>Leia essa interessante reportagem publicada na edição 2025 (12/09/2007) da Revista Veja: http://veja.abril.com.br/120907/p_088.shtml</p>
Referências Bibliográficas	Texto	<p>BECHARA, E. <i>Moderna Gramática Portuguesa</i>. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001</p> <p>FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.O.; AQUINO, Z. <i>Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna</i>. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>KOCH, Ingedore. <i>O texto e a construção de sentidos</i>. São Paulo: Contexto, 1997.</p> <p>MAC-KAY, Ana Paula M.G. <i>Atividade Verbal: processo de diferença e integração entre fala e escrita</i>. São Paulo: Plexus, 2000.</p> <p>PRETI, Dino. <i>Sociolinguística: os níveis de fala</i>. São Paulo: Edusp, 2003.</p> <p>SILVA, Thaís Cristófar. <i>Fonética e Fonologia do Português</i>. São Paulo: Contexto, 2003.</p>

Língua Portuguesa - TURMA_1 Material Didático > Unidade I - Níveis de Linguagem O modo de edição é: ATIVAR

Unidade I - Níveis de Linguagem

Criar conteúdo **▼** Criar avaliação **▼** Adicionar ferramenta interativa **▼**

Motivação Inicial **▼**

Conteúdo Teórico **▼**
Ativado: Registro de Estatísticas

Conteúdo Gramatical **▼**
Ativado: Registro de Estatísticas

Apresentação Power Point com Áudio **▼**
Ativado: Registro de Estatísticas
Clique no Link acima para acessar o conteúdo.

Atividade de Sistematização (AAC) **▼**

Aqui, você encontrará atividades de autocorreção para viver concretamente os conceitos relacionados a esta unidade. A atividade é composta de 6 exercícios com o valor total de 0,3 pontos, após iniciado, tem um período de 2 horas para sua conclusão.
Fique atento! O prazo limite para a realização da atividade é **15 de Março**. Somente a inicie após o estudo do material da unidade. Observe que há duas tentativas para a realização desta atividade. Assim, se ocorrer algum problema na realização da primeira tentativa você pode realizá-la novamente.
Observação: Se ocorrer algum problema na atividade durante a sua realização encaminhe uma mensagem (botão esquerdo "Mensagens") ao seu professor tutor informando o ocorrido e solicitando uma nova tentativa. Não se esqueça de colocar todos os seus dados na mensagem, ok?

Atividade Reflexiva - Produção Textual **▼**

Leia as instruções disponíveis dentro desta pasta com bastante atenção para elaborar a atividade solicitada, ok?
Fique a tento!
A atividade possui valor máximo de 0,45 pontos.
O prazo limite para entrega da atividade é **16 de março**.

Sanando Dúvidas **▼**
Ativado: Registro de Estatísticas
Utilize o Fórum acima para sanar suas dúvidas sobre a Unidade I.

Material Complementar **▼**

Uma Última Reflexão sobre a Língua e Linguagem

Nos tempos globalizados, em que temos que ser cada vez mais eficientes, a língua também passou a ser um fator de ascensão profissional.

Leia essa interessante reportagem publicada na edição 2025 (12/09/2007) da Revista Veja:
http://veja.abril.com.br/120907/p_088.shtml

Referências Bibliográficas **▼**

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.O.; AQUINO, Z. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MAC-KAY, Ana Paula M.G. *Atividade Verbal: processo de diferença e integração entre fala e escrita*. São Paulo: Plexus, 2000.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Edusp, 2003.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2003.

Unidade II - Estratégias de Leitura		
SEÇÃO	FORMATO	PROPOSTAS/CONTEÚDOS TRABALHADOS
Motivação Inicial	Navegação interativa	-
Conteúdo Gramatical	Indicação de site	Concordância Nominal
Conteúdo Teórico	Arquivo PDF	O que é ler? Leitura Sob o Enfoque Cognitivo A importância dos conhecimentos prévios Estratégias de Leitura
Apresentação Power Point em PDF para impressão	Arquivo PDF	Estratégias de leitura Concordância nominal
Estratégias de Leitura - Apresentação com Áudio	Apresentação com áudio	Estratégias de leitura Concordância nominal
Atividade de Sistematização (AAC)	Exercício de múltipla escolha	<p>1. Leia o texto que se encontra no link abaixo e responda a questão. Nossa nova geração. Stephen Kanitz Artigo Publicado na Revista Veja, edição 1717, ano 34, nº36, 12 de Setembro de 2001. http://www.kanitz.com/veja/geracao.asp</p> <p>Assinale as alternativas que contém exemplos de conhecimentos importantes para a compreensão do texto. (obs.: pode haver mais de uma alternativa correta):</p> <ol style="list-style-type: none"> O sentido de direita e de esquerda na política; Onde fica a universidade de Harvard; O que são a Cruz Vermelha e Endeavour; O sentido da palavra <p>2. Das frases ...</p> <ol style="list-style-type: none"> Manifestava repulsa, aversão e ódio mortífero. Manifestava repulsa, aversão e ódio mortíferos. Terminamos um livro e uma revisão fastidiosa. Terminamos um livro e uma revisão fastidiosos. <p>Estão corretas...</p> <ol style="list-style-type: none"> Somente I e II Somente II e IV Somente II e III Todas Nenhuma <p>3. Leia o texto que se encontra no link abaixo e responda a questão. Nossa nova geração. Stephen Kanitz Artigo Publicado na Revista Veja, edição 1717, ano 34, nº36, 12 de Setembro de 2001. http://www.kanitz.com/veja/geracao.asp</p> <p>Segundo o texto:</p> <ol style="list-style-type: none"> A nova geração preocupa-se em mudar o mundo Luta para mudança de classe social Põe em prática o que prega Manifesta-se de forma irreverente Descarta a participação política

		<p>4. Indique se a palavra em vermelho está correta do ponto de vista da concordância: Elas mesmo resolveram todos os problemas da reforma, que ficou maravilhosa. () Verdadeiro () Falso</p> <p>5. Indique se a palavra em vermelho está correta do ponto de vista da concordância: Enviamos uma cópia anexa de seu pedido. () Verdadeiro () Falso</p> <p>6. Indique se a palavra em vermelho está correta do ponto de vista da concordância: A cada decepção por que passava, tinha menas confiança nas pessoas. () Verdadeiro () Falso</p>
Atividade Reflexiva – Fórum de Discussão	Fórum de discussão	<p>Fórum de discussão: sobre a importância do que lemos</p> <p>Leia o texto “A Leitura dos jornais nos torna estúpidos” de Rubem Alves, disponível na página: http://www.rubemalves.com.br/seraquealeiturosdojornaisostornaestupidos.htm</p> <p>Elabore uma reflexão dando sua opinião sobre a importância de selecionarmos nossas leituras. Procure estabelecer uma relação com a seguinte frase retirada do texto de Rubem Alves: O prazer da leitura, para mim, está não naquilo que leio mas naquilo que faço com aquilo que leio.</p> <p>Leia os textos de seus colegas e reflita também, fazendo comentários, a respeito das idéias deles.</p>
Sanando Dúvidas	Fórum de discussão	Utilize o Fórum acima para sanar suas dúvidas sobre a Unidade I.
Material Complementar	Indicação de site	<p>Para ampliar seus conhecimentos sobre leitura entre nas páginas</p> <p>http://www.rubemalves.com.br/lerprazer.htm http://www.rubemalves.com.br/seraquealeiturosdojornaisostornaestupidos.htm</p>
Referências Bibliográficas	Texto	<p>COLCIONI; PIOVESAN & STRONGOLI. <i>Livros e computador</i>. Palavras, ensino e linguagens. São Paulo: Iluminuras, 2001.</p> <p>EYSENCK & KEANE. <i>Psicologia Cognitiva</i>: um manual introdutório. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.</p> <p>FREIRE, P. <i>A importância do ato de ler</i>. São Paulo: Cortez, 1984.</p> <p>KOCH, I. <i>O texto e a construção de sentidos</i>. São Paulo: Contexto, 1997.</p>

Lingua Portuguesa - TURMA_1 Material Didático > Unidade II - Estratégias de Leitura O modo de edição é: **ATIVAR**

Unidade II - Estratégias de Leitura

Criar conteúdo Criar avaliação Adicionar ferramenta interativa

Motivação Inicial

Conteúdo Gramatical
Ativado: Registro de Estatísticas

Nesta unidade vamos relembrar um pouco algumas regrinhas de concordância nominal. Para o estudo a respeito desse assunto consulte o site:
<http://www.portrasdasletras.com.br/pdf2/sub.php?op=gramatica/docs/concnominal>

Conteúdo Teórico
Ativado: Registro de Estatísticas

Apresentação Power Point em PDF para impressão
Ativado: Registro de Estatísticas

Estratégias de Leitura - Apresentação com Áudio
Ativado: Registro de Estatísticas

Atividade de Sistematização (AAC)

Aqui, você encontrará atividades de autocorreção para viver concretamente os conceitos relacionados a esta unidade. A atividade é composta de 6 exercícios com o valor total de 0,3 pontos, após iniciado, tem um período de 2 horas para sua conclusão.

Fique atento! O prazo limite para a realização da atividade é **22 de Abril**. Somente a inicie após o estudo do material da unidade. Observe que há duas tentativas para a realização desta atividade. Assim, se ocorrer algum problema na realização da primeira tentativa você pode realizá-la novamente.

Observação: Se ocorrer algum problema na atividade durante a sua realização encaminhe uma mensagem (botão esquerdo "Mensagens") ao seu professor tutor informando o ocorrido e solicitando uma nova tentativa. Não se esqueça de colocar todos os seus dados na mensagem, ok?

Atividade Reflexiva - Fórum de Discussão

Leia as instruções disponíveis dentro desta pasta com bastante atenção para elaborar a atividade solicitada, ok?

Fique a tento!
A atividade possui valor máximo de 0,45 pontos.
O prazo limite para entrega da atividade é **22 de Abril**.

Sanando Dúvidas
Ativado: Registro de Estatísticas

Utilize o Fórum acima para sanar suas dúvidas sobre a Unidade I.

Material Complementar

Arquivos anexados [Material complementar da unidade II dot](#) (47 KB)

Para ampliar seus conhecimentos sobre leitura entre nas páginas
<http://www.rubemalves.com.br/leraprazer.htm>
<http://www.rubemalves.com.br/seraquealeitadadosjomaisnostornaestupidos.htm>

Referências Bibliográficas

COLCIONI; PIOVESAN & STRONGOLI. Livros e computador: Palavras, ensino e linguagens. São Paulo: Iluminuras, 2001.

EYSENCK & KEANE. Psicologia Cognitiva: um manual introdutório. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, I. O texto e a construção de sentidos. São Paulo: Contexto, 1997.

Unidade III - Coesão e Coerência Textuais		
SEÇÃO	FORMATO	PROPOSTAS/CONTEÚDOS TRABALHADOS
Motivação Inicial	Navegação interativa	-
Conteúdo Teórico	Arquivo PDF	Coesão e Coerências Textuais Estratégias de coesão A importância dos conectivos Metarregras para boa formação do texto
Conteúdo Gramatical	Indicação de site	Concordância Verbal
Coesão e Coerência - Apresentação com Áudio	Apresentação com áudio	Conceito de texto: tecido de palavras e ideias Microestrutura: encadeamento Texto sem coesão: um não-texto Mecanismos de coesão Macroestrutura: interpretabilidade Coerência: metarregras
Apresentação Power Point em PDF para impressão	Arquivo PDF	Conceito de texto: tecido de palavras e ideias Microestrutura: encadeamento Texto sem coesão: um não-texto Mecanismos de coesão Macroestrutura: interpretabilidade Coerência: metarregras
Atividade Reflexiva – Fórum de Discussão	Fórum de discussão	Eu descobri o que são Coesão e Coerência Textuais. A partir da leitura dos conceitos teóricos de coesão e coerência, você deverá discutir agora com seus colegas do ambiente virtual a importância da coesão e da coerência para a qualidade de um texto. Para tanto, tenha como ponto de partida as seguintes questões para nortear as reflexões: Você acredita que a coesão e a coerência sejam elementos vitais para um texto ter qualidade? Por quê? Você já presenciou algum episódio que a falta delas tenha causado algum transtorno ou situação constrangedora, inusitada? Se já, comente. Não se esqueça, o fórum é uma oportunidade de você expor as ideias, de ler as dos colegas e de refletir sobre o que for exposto. Por isso, não deixe de participar.
Atividade de Sistematização (ACC)	Exercício de múltipla escolha	<ol style="list-style-type: none"> Entende-se por coesão textual: <ol style="list-style-type: none"> utilização de mecanismos linguísticos que conferem beleza ao texto. uso de recursos que permitem a concisão textual. uso de elementos que possibilitam o encadeamento das ideias. correção gramatical. condição de interpretabilidade de um texto. Assinale o período que não apresenta nenhum erro de concordância. <ol style="list-style-type: none"> A natureza e o homem pedia bastantes favores às bondosas deusas e deuses. A natureza e o homem pediam bastantes favores aos bondosos deuses e deusas. A natureza e o homem pediam bastantes favores aos bondosos deuses e deusas. A natureza e o homem pedia bastantes favores aos bondosos deuses e deusas. A natureza e o homem pedia bastantes favores aos bondosos deuses e às bondosas deusas.

3. Leia o texto e escolha a alternativa correta.
 “A maioria dos adolescentes que estão em plena fase de descoberta do amor não levam a informação a sério, mas a cárie é sim uma doença contagiosa. De acordo com os dentistas, o beijo na boca é uma prática totalmente saudável.”

O texto viola a metarregra de:

- relação.
- não-contradição.
- repetição.
- progressão.
- informatividade.

4. Leia texto a seguir escolha a alternativa correta.

A Banana

A banana é uma coisa muito parecida com uma salsicha só que da salsicha se come a casca mas a mamãe não deixa a gente fazer o mesmo com a casca da banana. As salsichas a gente come elas deitadas mas as bananas se come é em pé. As salsichas o professor diz que dependem do engenho humano e as bananas nascem nos cachos mas ninguém conhece a máquina de colocar elas lá dentro das cascas.

As bananas pertencem ao reino vegetal, agora as salsichas nunca se sabe de onde é que vêm. Tem muita gente que não gosta de salsicha mas não tem pessoa nenhuma que não aprecie banana, exceto a que escorrega na casca de uma.

Texto de Millôr Fernandes, extraído de <http://www2.uol.com.br/millor/conpozis/016.htm>, em 15/07/2009.

O texto acima apresenta problemas de coesão. Pode-se dizer que o autor não utilizou os mecanismos de recuperação de sentido porque:

- o texto, sendo de conteúdo humorístico, é dirigido às classes populares e às crianças, e isso facilita a leitura.
- em um texto tão pequeno tornam-se desnecessários os mecanismos de coesão para que se entenda a mensagem.
- quer criar um efeito de sentido, que é a reprodução do discurso infantil, geralmente caracterizado pelo escasso repertório lexical.
- quer que as pessoas gravem bem a diferença entre a banana e a salsicha.
- quer mostrar que a ausência de mecanismos produz um texto totalmente sem sentido, inclusive no que diz respeito à progressão.

5. Um de nós não _____ qual dos dois meninos _____ o brinquedo recém-lançado, por isso ou eu ou ele _____ correr o risco de comprar o produto e dar o presente em duplicata para o aniversariante./>

Escolha a alternativa cujos verbos completam corretamente o período:

- sabia – comprara - ia.
- sabíamos – compraram – iríamos.
- sabia – comprara – iríamos.
- sabíamos – compraram – iria.
- sabia – comprara – iria.

		<p>6. “Os exercícios aeróbicos têm efeitos benéficos na redução de alguns sintomas da fibromialgia, segundo revisão de estudos realizada pela Universidade de Saskatchewan, no Canadá. A doença afeta cerca de 2% da população em geral e é marcada por dores crônicas nos músculos e ligamentos. O próximo passo da instituição será obrigar todos os habitantes do país a correrem duas vezes por dia durante pelo menos meia hora.”</p> <p>O texto anterior viola a metarregra de:</p> <ol style="list-style-type: none"> relação. não-contradição. repetição. progressão. informatividade.
Sanando Dúvidas	Fórum	Utilize o Fórum acima para sanar suas dúvidas sobre a Unidade III.
Material Complementar	Texto	<p>Para ampliar seus conhecimentos sobre coesão e coerência, indicamos algumas leituras que você pode encontrar na biblioteca da Universidade ou na própria Internet.</p> <p>BASTOS, Lúcia. K. X. <i>Coesão e Coerência em narrativas escolares escritas</i>. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 15-34, 1985.</p> <p>BECHARA, Evanildo. <i>Gramática Moderna Portuguesa</i>. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.</p> <p>COSTA VAL, M. G. <i>Redação e textualidade</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1991.</p> <p>MARTINS, Dileta Silveira. <i>Português Instrumental</i>. Porto Alegre: Atlas, 2007.</p> <p>FAVERO, Leonor L. <i>Coesão e coerência textuais</i>. São Paulo: Ática, 1991.</p> <p>KOCH, Ingedore V. <i>A coesão textual</i>. São Paulo: Contexto, 1989.</p> <p>_____. <i>A coerência textual</i>. São Paulo: Contexto, 1990.</p> <p>_____. <i>Desvendando os Segredos do Texto</i>. São Paulo: Cortez Editora, 2002.</p> <p>KOCH, Ingedore V. & Travaglia, L. C. <i>Texto e coerência</i>. São Paulo: Cortez, 1989.</p> <p>_____. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. <i>A Coerência Textual</i>. São Paulo: Contexto, 2004.</p> <p>www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=redacao/teoria/docs/coerenciaecoesao</p> <p>www.parabolaeditorial.com.br/releaselutarcompalavras.htm</p> <p>www.inep.gov.br/download/saeb/matrizes/3serie_medio_port/3_medio_portugues_topicoIV.pdf -</p>
	Indicação de site	<p>Coerência e coesão: um estudo aprofundado sobre os dois temas</p> <p>Lutar com palavras: Coesão & Coerência. Irandé Antunes</p> <p>Matriz de Leitura Portuguesa de 3ª série – Ensino Médio: Comentários sobre os Tópicos e Descritores</p>
Referências Bibliográficas	Texto	<p>GARCEZ, Lucília. <i>Técnicas de redação: o que é preciso saber para bem escrever</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 112-5.</p> <p>TERRA, Ernani. <i>Curso Prático de Gramática</i>. São Paulo. Editora Scipione, 1991.</p> <p>www.paratexto.com.br acesso em 22.01.09</p> <p>www.nead.ufpr.br/ acesso em 23.01.09</p> <p>http://ead1.unicamp.br/ acesso em 23.01.09</p>

Língua Portuguesa - TURMA_1 Material Didático Unidade III - Coesão e Coerência Textuais O modo de edição é: ATIVAR

Unidade III - Coesão e Coerência Textuais

[Criar conteúdo](#)
[Criar avaliação](#)
[Adicionar ferramenta interativa](#)

Motivação Inicial

Conteúdo Teórico
Ativado: Registro de Estatísticas

Conteúdo Gramatical
Ativado: Registro de Estatísticas

Nesta parte da unidade, trataremos de um mecanismo da língua por meio do qual as palavras alteram suas terminações para se adequarem harmonicamente na frase, no texto. Estamos falando especificamente da Concordância Verbal em que o verbo altera suas desinências para se ajustar em pessoa e número a seu sujeito.

Para aprofundar o conhecimento referente a esse tópico gramatical e relembrar outros já adquiridos, acesse o endereço <http://www.portrasdasletras.com.br/pdf2/sub.php?op=gramatica/docs/concverbal> e relembre o que aprendeu sobre Concordância Verbal.

ATENÇÃO: É muito importante que você acesse o endereço indicado para rever e aprofundar conhecimentos gramaticais. Um dos grandes problemas na produção de texto é a concordância verbal. A falta dela implica falta de clareza e até de coerência de um texto, além de deixar ao leitor uma imagem do produtor de texto de pouco comprometimento com o uso da língua.

Coesão e Coerência - Apresentação com Áudio
Ativado: Registro de Estatísticas

Apresentação Power Point em PDF para impressão
Ativado: Registro de Estatísticas

Atividade Reflexiva - Fórum de Discussão

Leia as instruções disponíveis dentro desta pasta com bastante atenção para elaborar a atividade solicitada, ok?

Fique a tento!
A atividade possui valor máximo de 0,45 pontos.
O prazo limite para entrega da atividade é **03 de maio**.

Atividade de Sistematização (AAC)

Aqui, você encontrará atividades de autocorreção para viver concretamente os conceitos relacionados a esta unidade. A atividade é composta de 6 exercícios com o valor total de 0,3 pontos, após iniciado, tem um período de 2 horas para sua conclusão.

Fique atento! O prazo limite para a realização da atividade é **03 de maio**. Somente a **inicie após o estudo do material da unidade**. Observe que há duas tentativas para a realização desta atividade. Assim, se ocorrer algum problema na realização da primeira tentativa você pode realizá-la novamente.

Observação: Se ocorrer algum problema na atividade durante a sua realização encaminhe uma mensagem (botão esquerdo "Mensagens") ao seu professor tutor informando o ocorrido e solicitando uma nova tentativa. Não se esqueça de colocar todos os seus dados na mensagem, ok?

Sanando Dúvidas

Utilize o Fórum acima para sanar suas dúvidas sobre a Unidade III.

Material Complementar

Para ampliar seus conhecimentos sobre coesão e coerência, indicamos algumas leituras que você pode encontrar na biblioteca da Universidade ou na própria Internet.

BASTOS, Lúcia. K. X. *Coesão e Coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 15-34, 1985.

BECHARA, Evanildo. *Gramática Moderna Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MARTINS, Dileta Silveira. *Português Instrumental*. Porto Alegre: Atlas, 2007.

FAVERO, Leonor L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

KOCH, Ingedore V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

KOCH, Ingedore V. & Travaglia, L. C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto, 2004.

www.portrasdasletras.com.br/pdf2/sub.php?op=redacao/teoria/docs/coerenciacoesao

www.parabolaeditorial.com.br/leaselutacompalavras.htm

www.inep.gov.br/download/saeb/matriz/3serie_medio_port/3_medio_portugues_topicoIV.pdf

Referências Bibliográficas

GARCEZ, Lucília. *Técnicas de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 112-5.

TERRA, Emani. *Curso Prático de Gramática*. São Paulo. Editora Scipione, 1991.

www.paratexto.com.br acesso em 22.01.09

www.nead.ufpr.br/ acesso em 23.01.09

<http://ead1.unicamp.br/> acesso em 23.01.09

Unidade IV - A Constituição do Parágrafo		
SEÇÃO	FORMATO	PROPOSTAS/CONTEÚDOS TRABALHADOS
Motivação Inicial	Navegação interativa	-
Conteúdo Teórico	Arquivo PDF	Estrutura do parágrafo Tópico frasal e desenvolvimento Tipos de tópico frasal Tipos de desenvolvimento de parágrafos
Conteúdo Gramatical	Indicação de site	Pronomes demonstrativos Pronomes relativos
Apresentação Power Point com Áudio	Apresentação com áudio	A constituição do parágrafo A estrutura do parágrafo Tópico frasal e desenvolvimento Tipos de tópico frasal Tipos de desenvolvimento
Sanando Dúvidas	Fórum	-
Atividade de Sistematização (AAC)	Exercício de múltipla escolha	<p>1. Quando pensamos na estrutura de um parágrafo devemos considerar que:</p> <ol style="list-style-type: none"> O parágrafo deve ser sempre curto e objetivo. Não é possível estabelecer uma regra única para constituição do parágrafo. A coesão e a coerência não participam diretamente da constituição do parágrafo por referir-se a outro tópico gramatical. O estilo individual do autor, os propósitos do texto e elementos contextuais podem interferir nas características de um parágrafo. O parágrafo deve, em geral, possuir uma ideia central, ou tópico frasal. <p>Está correto o que se diz em:</p> <ol style="list-style-type: none"> I, II, III, IV e V. I, III, IV e V. I, II e IV. I, II, III e V. II, IV e V. <p>2. Observe o parágrafo a seguir e escolha a alternativa que contém a afirmação correta a seu respeito:</p> <p>“Milhares de judeus, ciganos e outras minorias seriam mortos pelo nazismo, mas não na escala industrial do Holocausto. Sem ele, não teríamos tanta consciência sobre os direitos humanos. Ideias como racismo e totalitarismo não teriam sido tão desacreditadas. E a democracia seria bem menor: não estaria em 123 dos 203 países do mundo”. (Revista Superinteressante. Ed. 267. Julho/2009)</p> <ol style="list-style-type: none"> O parágrafo apresenta o tópico frasal por meio de uma definição e o desenvolvimento por motivo/explicação. O parágrafo apresenta o tópico frasal por definição e o desenvolvimento por meio de uma exemplificação. O parágrafo apresenta o tópico frasal por meio de uma declaração inicial e o desenvolvimento por motivo/explicação.

- d. O parágrafo apresenta o tópico frasal por meio de uma declaração inicial e o desenvolvimento por meio de uma exemplificação.
3. Assinale a alternativa que contém o uso INCORRETO do pronome relativo:
- "A vendedora que discuti foi muito mal educada".
 - "A casa a que cheguei era magnífica".
 - "A mala cuja chave perdi é vermelha".
 - "A causa pela qual luto é nobre".
4. Leia os parágrafos abaixo e assinale a alternativa que corresponde à ordem correta do texto:
- (1) Pois essa é uma bela aos pais que implicam quando o filho estuda curtindo um som. Que o digam aqueles que aprenderam música desde pequenos. Pesquisas canadenses provaram que crianças que estudam música precocemente têm desenvolvimento intelectual melhor do que as que não tiveram nenhum contato com ela.
 - (2) Uma vez que nosso organismo também tem um ritmo interno, ao entrar por nossos ouvidos, a música faz contato com este ritmo, interagindo com as atividades biológicas do nosso corpo. É assim que trabalha a musicoterapia, muito aplicada – e com bons resultados – no tratamento de pacientes com mal de Alzheimer, epilepsia, esquizofrenia e depressão, entre outras doenças. "Não existem indicações que comprovem que a música tenha o poder de curar alguém. Mas podemos dizer que ela está diretamente associada à promoção da saúde", afirma Luiz Celso. Isso significa que ainda não é possível prescrever um Mozart em jejum ou duas doses de Beethoven após as refeições. Feita essa ressalva, é certo que eles podem, sim, trabalhar na prevenção de uma doença que virou epidemia nos dias de hoje: estresse. Até porque está mais do que provado que música relaxa – e muito.
 - (3) Em 1999, uma pesquisa feita no Instituto de Psicologia da USP mostrou que crianças hiperativas conseguem atingir um grau de concentração muito maior se estiverem ouvindo música – e não estamos falando de jazz ou bossa-nova, mas de rock pesado. A trilha sonora da pesquisa, que acompanhou crianças entre 9 e 10 anos, era composta pelo guitarrista sueco Yngwie Malmsteen. Embora muitos roqueiros torçam o nariz para seu heavy metal melódico, é inegável que o cara faz um tanto de barulho.
 - (4) "A música é capaz de mudar a frequência das ondas cerebrais. Já foi provado, por exemplo, que clássicos de compositores como Bach, Beethoven e Mozart deixam as ondas cerebrais com o mesmo comportamento, ou seja, com o mesmo potencial elétrico, de um indivíduo em repouso", afirma Luiz Celso Vilanova, médico neurologista, professor da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). "Esse estado é chamado ritmo alfa e ocorre quando a pessoa está muito relaxada ou não está pensando em nada, como em algumas meditações."
 - (5) Não se culpe se você é daqueles que passam o dia todo com um fone de ouvido cantarolando por

aí. A música tem efeitos muito benéficos para a saúde física e mental. Já não é de hoje que os cientistas vêm estudando o fenômeno. Entre outras coisas, a música pode acalmar, estimular a criatividade e a concentração, além de ajudar na cura de uma porção de doenças.

- (6) Entre os clássicos citados, o austríaco Wolfgang Amadeus Mozart merece um destaque na sua discografia. O poder do compositor vem sendo alvo de diversas pesquisas. A Universidade da Califórnia em Los Angeles mostrou, no início da década de 1990, que a execução da Sonata para Dois Planos em Ré Maior aumenta o número de conexões dos neurônios e melhora o raciocínio matemático em estudantes.
5. Observe o parágrafo a seguir e assinale a alternativa que corresponde ao tópico frasal:
- “E se a Segunda Guerra Mundial não tivesse acontecido? Isso poderia mudar a sua vida mais do que parece. Vamos nos concentrar só no que poderia acontecer com o nosso país. Para começar, o Brasil e a Argentina poderiam ter se unido em torno de uma paixão em comum: o fascismo. O coronel argentino Juan Domingo Perón estenderia o tapete vermelho aos nazistas logo após tomar o poder, em 1943. Já o presidente Getúlio Vargas se aproximaria da Alemanha, embora sem aceitar sua tutela. No caso do Brasil seria namoro, não casamento. Bom, pelo menos no início. Mas, tão logo o nazismo fincasse o pé em Buenos Aires, a Alemanha tentaria laçar o Brasil por meio de acordos econômicos, cooperação militar, programas culturais e agentes infiltrados em sindicatos. A operação começaria pelos 3 estados da Região Sul, por sua grande comunidade germânica. Se desse certo, ela abriria a porta para uma grande federação fascista composta de Brasil e Argentina, além de Uruguai e Paraguai”. (Revista Superinteressante. Ed. 267. Julho/2009)
- a. Isso poderia mudar a sua vida mais do que parece.
- b. A operação começaria pelos 3 estados da Região Sul, por sua grande comunidade germânica.
- c. Se desse certo, ela abriria a porta para uma grande federação fascista composta de Brasil e Argentina, além de Uruguai e Paraguai.
- d. E se a Segunda Guerra Mundial não tivesse acontecido?
6. Escolha a alternativa que apresenta os pronomes demonstrativos adequados para preencher as lacunas:
- "O fumo é prejudicial à saúde; _____ já foi comprovado cientificamente".
- "Preste atenção a _____ palavras: O fumo é prejudicial à saúde".
- "O fumo é prejudicial à saúde; _____ deve ser preservada".
- a. esse, isso, esta.
- b. isso, essas, esses.
- c. este, essas, estes.
- d. d. isso, estas, essa.

Atividade de Produção Textual (PT)	Fórum de discussão	Escreva três tópicos frasais diferentes (declaração inicial, interrogação e alusão histórica) sobre o tema “O casamento no século XXI”. É importante que você discrimine cada tipo de tópico frasal utilizado. Escolha um deles e desenvolva o parágrafo completo a partir do tópico fraseal escolhido por você. Seu parágrafo deve conter entre 4 e 5 linhas.
Material Complementar	Indicação de site	Para conhecer um pouco mais sobre a constituição de parágrafo, visite os sites: http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=redacao/teoria/docs/topicofrasal http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/topico-frasal http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/paragrafo http://www.uff.br/lecha/Paragrafos.pdf
Referências Bibliográficas	Texto	CUNHA, C. & CINTRA, L. <i>Nova Gramática do Português Contemporâneo</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. FARACO, C. A. & TEZZA C. <i>Prática de Texto</i> - para estudantes universitários. FFLCH/ USP, 1993. FIGUEIREDO, L. C. <i>A Redação pelo Parágrafo</i> . Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. GARCIA, O. M. <i>Comunicação em Prosa Moderna</i> . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. VIANA, A. C. M. (Coord). <i>Roteiro de Redação</i> - lendo e argumentando. São Paulo, Editora Scipione, 1998.

Lingua Portuguesa - TURMA_1 Material Didático > Unidade IV - A Constituição do Parágrafo O modo de edição é: **ATIVAR**

Unidade IV - A Constituição do Parágrafo

Criar conteúdo Criar avaliação Adicionar ferramenta interativa

Motivação Inicial

Conteúdo Teórico

Conteúdo Gramatical

PRONOMES DEMONSTRATIVOS E RELATIVOS

Falaremos, aqui, a respeito de uma classe de palavras importante para estabelecer as referências no texto: são os pronomes. Você se lembra deles?

Classificam-se em: pessoais, de tratamento, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

Nesta unidade, abordaremos os demonstrativos e os relativos. Consulte um dos sites à sua escolha.

Para saber sobre pronomes demonstrativos:
<http://educacao.uol.com.br/portugues/pronomes-demonstrativos.ihtm>
<http://www.gramaticaonline.com.br/gramaticaonline.asp?menu=1&cod=39>

Para saber sobre pronomes relativos:
<http://educacao.uol.com.br/portugues/pronomes-relativos.ihtm>
<http://www.gramaticaonline.com.br/gramaticaonline.asp?menu=1&cod=36>

Após a leitura de cada um dos conteúdos, faça as atividades da unidade.
 Bom trabalho!

Apresentação Power Point com Áudio

Sanando Dúvidas

Atividade de Sistematização (AAC)

Aqui, você encontrará atividades de autocorreção para viver concretamente os conceitos relacionados a esta unidade. A atividade é composta de 6 exercícios com o valor total de 0,3 pontos, após iniciado, tem um período de 2 horas para sua conclusão.

Fique atento! Somente a inicie após o estudo do material da unidade. Observe que há duas tentativas para a realização desta atividade. Assim, se ocorrer algum problema na realização da primeira tentativa você pode realizá-la novamente.

Observação: Se ocorrer algum problema na atividade durante a sua realização encaminhe uma mensagem (botão esquerdo "Mensagens") ao seu professor tutor informando o ocorrido e solicitando uma nova tentativa. Não se esqueça de colocar todos os seus dados na mensagem, ok?

Prazo para esta atividade: 16/05/2010.

Atividade de Produção Textual (PT)

Leia as instruções disponíveis dentro desta pasta com bastante atenção para elaborar a atividade solicitada, ok?

Fique a tento!
 A atividade possui valor máximo de 0,45 pontos.

Prazo: 16/05/2010.

Material Complementar

Referências bibliográficas

GERENCIAMENTO DO CURSO

▼ Painel de controle

Unidade V - Gêneros Textuais Acadêmico-Científico		
SEÇÃO	FORMATO	PROPOSTAS/CONTEÚDOS TRABALHADOS
Motivação Inicial	Navegação interativa	-
Conteúdo Teórico	Arquivo PDF	O que é um resumo? O que é resenha?
Conteúdo Gramatical	Arquivo PDF	Regência nominal e verbal
Apresentação Power Point com Áudio	Apresentação com áudio	O que é um resumo acadêmico? Características do gênero resumo O que é o gênero resenha? Como se estrutura uma resenha? Função do pôster Estrutura do pôster Artigo científico Regência verbal e nominal
Apresentação Power Point em PDF para impressão	Arquivo PDF	O que é um resumo acadêmico? Características do gênero resumo O que é o gênero resenha? Como se estrutura uma resenha? Função do pôster Estrutura do pôster Artigo científico Regência verbal e nominal
Atividade de Sistematização (AAC)	Exercício de múltipla escolha	<p>1. Leia os enunciados abaixo:</p> <p>I. Um dos objetivos da metodologia científica é preparar o aluno para expressar-se com clareza e objetividade, a partir de regras que facilitam a leitura, a interpretação de textos e a elaboração de textos.</p> <p>II. A iniciação científica auxilia na preparação do aluno para a vida acadêmica.</p> <p>III. As instituições de ensino superior devem incentivar a pesquisa, oferecendo não apenas equipamentos, como computadores, mas principalmente investindo na formação linguística e científica dos alunos.</p> <p>Assinale a alternativa correta:</p> <p>a. Apenas I está correta.</p> <p>b. Apenas II está correta.</p> <p>c. I e II estão corretas.</p> <p>d. Todas estão corretas.</p> <p>2. Em qual das alternativas ocorre um erro de regência verbal?</p> <p>a. Simpatizei com a nova diretora e com as novas orientações</p> <p>b. Assisti ao concerto de que você tanto falou.</p> <p>c. Prefiro a cidade ao campo.</p> <p>d. A firma toda não se simpatizou com as novas propostas.</p> <p>3. O objetivo do resumo é:</p> <p>a. Destacar as informações mais importantes do texto lido.</p> <p>b. Reduzir o texto cortando algumas palavras.</p> <p>c. Copiar algumas palavras do texto.</p> <p>d. Elaborar um comentário sobre o texto.</p> <p>4. Os trabalhos desenvolvidos na universidade exigem um método de estudo, de pesquisa e de divulgação dos resultados da pesquisa. É por meio da ciência que se descobre e se inventa, e o método representa, portanto,</p>

		<p>uma forma de pensar para se chegar à natureza de um determinado problema, quer seja para estudá-lo, quer seja para explicá-lo.</p> <ol style="list-style-type: none"> Esse enunciado é falso porque nem todos os alunos realizam uma pesquisa na universidade. Esse enunciado é falso porque para realizar uma pesquisa científica não há necessidade de elaborar nem resumos ou resenhas como etapas preliminares. Esse enunciado é verdadeiro porque estudar não exige método. Esse enunciado é verdadeiro porque todo conhecimento necessita de sistematização para o desenvolvimento da pesquisa. <p>5. Assinale a alternativa que contém as respostas certas:</p> <ol style="list-style-type: none"> Visando apenas os próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família. Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a empresa a aceitar qualquer ajuda do sogro. Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde. Namorava uma garota de cujo perfume gostava muito. <ol style="list-style-type: none"> II – III – IV I – II – III I – III – IV I – III <p>6. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas correspondentes.</p> <p>A arma _____ se feriu desapareceu.</p> <p>Aqui está a foto _____ me referi.</p> <p>Encontrei um amigo de infância _____ nome não me lembrava.</p> <p>Passamos por um fazenda _____ se criam búfalos.</p> <ol style="list-style-type: none"> que – de que – cujo - que com que – que – cujo qual – onde com que – a que – de cujo – onde d. com a qual – de que – do qual – onde
Atividade Reflexiva – Produção Textual	Atividade para o tutor	<p>Você leu o texto "A importância da disciplina de metodologia científica no desenvolvimento de produções acadêmicas de qualidade no nível superior, de Rosane Tolentino Maia". O texto se encontra em http://www.urutagua.uem.br/014/14maia.htm</p> <p>Agora, elabore um parágrafo de aproximadamente cinco linhas, apresentando as ideias principais do texto.</p>
Sanando Dúvidas	Fórum de discussão	Utilize o Fórum cima para sanar suas dúvidas sobre a Unidade V.
Material Complementar	Arquivo PDF	*
Referências Bibliográficas	Texto	<p>SEVERINO, A. J. <i>Metodologia do trabalho científico</i>. 21ª Ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 2001.</p> <p>TERRA, Ernani. <i>Curso Prático de Gramática</i>. São Paulo: Editora Scipione, 1991.</p> <p>http://www.ucb.br/prg/comsocial/cceh/normas_organinfo_resumo_critico.htm</p>

*Durante o período de consulta aos dados da disciplina as seções não estavam disponíveis para visualização.

Lingua Portuguesa - TURMA_1 Material Didático > Unidade V - Gêneros Textuais Acadêmico-Científico O modo de edição é: **ATIVAR**

Unidade V - Gêneros Textuais Acadêmico-Científico

Criar conteúdo ▾ Criar avaliação ▾ Adicionar ferramenta interativa ▾

Motivação Inicial ▾

Conteúdo Teórico ▾

Conteúdo Gramatical ▾

Apresentação Power Point com Áudio ▾

Apresentação Power Point em PDF para impressão ▾

Atividade de Sistematização (AAC) ▾

Aqui, você encontrará atividades de autocorreção para viver concretamente os conceitos relacionados a esta unidade. A atividade é composta de 6 exercícios com o valor total de 0,3 pontos, após iniciado, tem um período de 2 horas para sua conclusão.
Fique atento ao prazo limite para a realização da atividade.
Somente a inicie após o estudo do material da unidade. Observe que há duas tentativas para a realização desta atividade. Assim, se ocorrer algum problema na realização da primeira tentativa você pode realizá-la novamente.
Observação: Se ocorrer algum problema na atividade durante a sua realização encaminhe uma mensagem (botão esquerdo "Mensagens") ao seu professor tutor informando o ocorrido e solicitando uma nova tentativa. Não se esqueça de colocar todos os seus dados na mensagem, ok?
 Prazo: 16/05/2010.

Atividade Reflexiva - Produção Textual ▾

Leia as instruções disponíveis dentro desta pasta com bastante atenção para elaborar a atividade solicitada, ok?
 A atividade possui valor máximo de 0,45 pontos.
Fique Atento ao prazo limite para entrega da atividade, 16/05/2010

Sanando Dúvidas ▾

Utilize o Fórum cima para sanar suas dúvidas sobre a Unidade V.

Material Complementar ▾

Referências Bibliográficas ▾

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 21ª Ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 2001.
 TERRA, Ernani. Curso Prático de Gramática. São Paulo: Editora Scipione, 1991.
http://www.ucb.br/prg/comsocial/cceh/normas_organinfo_resumo_critico.htm

GERENCIAMENTO DO CURSO

▼ Painel de controle

Unidade VI - Gêneros Técnicos Profissionais		
SEÇÃO	FORMATO	PROPOSTAS/CONTEÚDOS TRABALHADOS
Conteúdo Teórico	Arquivo PDF	Carta comercial E-mail profissional Tipos de correspondência
Conteúdo Gramatical	Indicação de site	Colocação pronominal Emprego de pronomes Pronomes de tratamento
Apresentação Power Point com Áudio	Apresentação com áudio	*
Apresentação Power Point em PDF para impressão	Arquivo PDF	*
Atividade de Sistematização (AAC)	Exercício de múltipla escolha	<ol style="list-style-type: none"> Assinale a forma correta de informar o encaminhamento de um documento. <ol style="list-style-type: none"> em anexo anexo anexo a presente anexo segue por anexo Relacione o tipo de correspondência aos seus tipos (Particular/social; Comercial; Oficial) <ul style="list-style-type: none"> () cartão-postal () procuração () bilhete () ata () carta comercial () acórdão () e-mail profissional () alvará () cartão de natal Assinale o pronome de tratamento que deve ser usado com o reitor de uma Universidade: <ol style="list-style-type: none"> Vossa Senhoria Vossa Magnificência Vossa Santidade Vossa Paternidade Vossa Excelência Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal: <ol style="list-style-type: none"> Eu não devia calar-me. Não lhe darei qualquer aviso do horário de encerramento. O médico não o atendeu. Se mostrar-lhe os exames, faço-o discretamente. Todos querem aconselhá-lo. Assinale a opção em que houve erro no emprego do pronome pessoal em relação ao uso culto da língua: <ol style="list-style-type: none"> Maria entregou um livro para mim ler. Para mim, a leitura está fácil. Isto é para eu levar embora. Não compre sem mim. Entre mim e ele há uma grande disputa.

		<p>6. Coloque (F) para falso e (V) para verdadeiro nas frases a seguir.</p> <p>() As pessoas (destinatários) querem ler as suas cartas comerciais, por isso você deve detalhar tudo, cobrir todos os pormenores possíveis.</p> <p>() Você deve usar uma linguagem clara, do dia-a-dia. Nas cartas comerciais não se deve usar gírias, mas também não se deve usar linguagem pomposa, exagerada e burocrática.</p> <p>() A correspondência comercial documenta situações da empresa, especialmente, constrói as relações públicas (pessoais e empresariais) e promove a imagem da companhia.</p> <p>() Usar algumas palavras antigas e expressões em latim impressionam o leitor e fazem com que ele perceba o quanto a nossa empresa é especial.</p> <p>() As cartas comerciais devem dar a impressão de organização e competência.</p>
Atividade Reflexiva – Fórum de Discussão	Fórum de discussão	<p>“A noção do que seja uma boa redação está mudando (...) Lembro-me de perguntar (a um alto executivo) o que ele achava do seu pessoal utilizar pronomes na primeira pessoa.</p> <p>Eu: Alguns de seus funcionários sentem que eles não deveriam utilizar a primeira pessoa – eu, nós – na redação deles porque pareceria que estariam dando suas opiniões pessoais. O que você acha?</p> <p>Ele: Eu contrato as pessoas para terem suas próprias opiniões! Pronomes pessoais são uma excelente forma de elas expressarem suas opiniões – para mim e para qualquer outra pessoa.”</p> <p>Edward P. Bailey</p> <p>Relacione o conteúdo da frase acima com o que você aprendeu sobre o gênero técnico-profissional. Expresse sua opinião, eu quero ouvir você.</p>
Sanando Dúvidas	Fórum de discussão	-
Material Complementar	Indicação de site	*
Referências Bibliográficas	Texto	<p>GENTLE, R. <i>Leia Isto!</i> – a redação comercial que funciona. Trad. Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2002.</p> <p>http://www.sitedoescritor.com.br</p> <p>REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. A Carta comercial sem clichês. Ano I. Número 3. São Paulo: Segmento, 2005</p> <p>ROSA, J. A.; NEIVA, E. G. <i>Redigir e Convencer</i>. 6.ed. São Paulo: Editora STS, 2000.</p>

*Durante o período de consulta aos dados da disciplina as seções não estavam disponíveis para visualização.

Língua Portuguesa - TURMA_1 Material Didático > Unidade VI - Gêneros Técnicos Profissionais O modo de edição é: ATIVAR

Unidade VI - Gêneros Técnicos Profissionais

Criar conteúdo > Criar avaliação > Adicionar ferramenta interativa >

Conteúdo Teórico

Conteúdo Gramatical

Para conhecer um pouco sobre os pronomes e seus usos, primeiro informe-se sobre os **pronomes de tratamento** acessando a página <http://educacao.uol.com.br/portugues/ult1706u48.htm>. Depois, relembre o que você já aprendeu sobre o emprego de pronomes em <http://www.gramaticaonline.com.br/gramatica/janela.asp?cod=35>. Não deixe de saber um pouco mais sobre a colocação pronominal em <http://www.portrasdasletras.com.br/pdf/2/sub.php?op=gramatica/docs/pronominal>.

Apresentação Power Point com Áudio

Apresentação Power Point em PDF para impressão

Atividade de Sistematização (AAC)

O item já não está disponível. Esteve disponível em 01/06/2010 01:00.

Aqui, você encontrará atividades de autocorreção para viver concretamente os conceitos relacionados a esta unidade. A atividade é composta de 6 exercícios com o valor total de **0,3 pontos**, após iniciado, tem um período de 2 horas para sua conclusão.

Fique atento ao prazo limite para a realização da atividade.

Somente a **inicie após o estudo do material da unidade**. Observe que há duas tentativas para a realização desta atividade. Assim, se ocorrer algum problema na realização da primeira tentativa você pode realizá-la novamente.

Observação: Se ocorrer algum problema na atividade durante a sua realização encaminhe uma mensagem (botão esquerdo "Mensagens") ao seu professor tutor informando o ocorrido e solicitando uma nova tentativa. Não se esqueça de colocar todos os seus dados na mensagem, ok?

Prazo: 31/05/2010.

Atividade Reflexiva - Fórum de Discussão

Leia as instruções disponíveis dentro desta pasta com bastante atenção para elaborar a atividade solicitada, ok?

A atividade possui valor máximo de **0,45 pontos**.

Fique Atento ao prazo limite para entrega da atividade.

Prazo: 06/06/2010.

Sanando Dúvidas

Material Complementar

Referências Bibliográficas

GENTLE, R. Leia Isto! – a redação comercial que funciona. Trad. Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2002.
<http://www.sitedoescritor.com.br>
 REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. A Carta comercial sem clichês. Ano I. Número 3. São Paulo: Segmento, 2005
 ROSA, J. A.; NEIVA, E. G. Redigir e Convencer. 6.ed. São Paulo: Editora STS, 2000.

GERENCIAMENTO DO CURSO

▼ Painel de controle

APÊNDICE B – ANÁLISE DO CONTEÚDO TEÓRICO

Unidade: Níveis de Linguagem	
Introdução	
1	Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual, que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária (Preti, 2003).
2	Ainda segundo o autor, pode ser entendida como um sistema que faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação. Acredita-se, hoje, que seu papel seja cada vez mais importante nas relações humanas, razão pela qual seu estudo já envolve modernos processos científicos de pesquisa, interligados às mais novas ciências e técnicas, como, por exemplo, a própria cibernética.
3	Segundo Bechara (2001), "entende-se por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar idéias e sentimentos, isto é, os conteúdos da consciência".
4	Assim, a linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas <i>atos linguísticos</i> , que se organizam em <i>sistemas de isoglossas</i> (<i>isos</i> = igual, <i>glossa</i> = línguas), que são denominadas tradicionalmente como línguas e utilizadas pelo homem para elaborar mensagens, para se comunicar. Mas, como cada falante é único, a língua nunca é usada de forma homogênea. Em todos os idiomas haverá variação de época, região, classe social, entre outras.
5	Para se fazer entender, qualquer pessoa precisa estar em sintonia com o seu interlocutor e isto é facilmente observável na maneira como nos dirigimos, por exemplo, a uma criança, a um colega de trabalho, a uma autoridade. Escolhemos palavras, modos de dizer, para cada uma dessas situações. Tentar adaptar a própria linguagem à do interlocutor já é realizar um ato de comunicação. Pode-se dizer que o nível da linguagem deve se adaptar à situação.

Unidade: Níveis de Linguagem

1

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

6

Assim, o uso que cada falante faz da língua varia segundo o seu grau de instrução, a idade, a região em que vive e a situação em que ocorre o ato da fala. Por exemplo, uma mesma pessoa, dependendo do meio em que se encontra, das pessoas com quem se comunica, usará diferentes níveis de linguagem.

1. Níveis de Linguagem

7

Dentre os estudiosos da língua, encontramos várias definições de níveis de linguagem, mas a maioria deles considera que a língua está dividida em dois níveis: o coloquial e o culto, sendo esses determinados pela cultura e formação escolar dos falantes, pelo grupo social a que eles pertencem e pela situação concreta em que a língua é utilizada. Um falante adota modos diferentes de falar dependendo das circunstâncias em que se encontra: conversando com amigos, expondo um tema histórico na sala de aula ou dialogando com colegas de trabalho.

O **nível culto** é utilizado em ocasiões formais. É uma linguagem mais obediente às regras gramaticais da norma culta. O nível culto segue a língua padrão, também chamada norma culta ou norma padrão.

Pretti (2003) trata do assunto como *dialeto social culto*, uma vez que “se prende mais às regras da gramática tradicionalmente considerada normativa, veiculada pela escola, aos exemplos da linguagem literária, muito mais conservadora, ao passo que o *dialeto social popular* é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo.

O autor também comenta que esse *dialeto culto* é, no entanto, eleito pela própria comunidade como o de maior prestígio, refletindo um índice de cultura a que todos pretendem chegar. Assim, de certa forma “aprender a língua” significa aprender o *dialeto culto*.

Não raro também encontramos a definição de gramática como o estudo das normas da língua culta.

Por outro lado, o **nível coloquial ou popular** é utilizado na conversação diária, em situações informais, descontraídas. Sendo mais espontânea e

Unidade: Níveis de Linguagem

2

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

7

criativa, a *linguagem coloquial* é também conhecida como informal. E, uma vez que colóquio significa conversa, nela percebemos deslizes de concordância, repetições e cacoetes como: tá, né. Ela também aparece, no texto escrito, na reprodução da fala de algumas personagens e em bilhetes de nosso dia-a-dia. Uma dona de casa, ao participar de uma entrevista, expressou sua opinião sobre a atuação dos jogadores na Copa utilizando alguns clichês típicos da linguagem informal como: “fiquei em cima do muro” e “pelo andamento da carruagem”. Além disso, sua fala apresentava elementos típicos da oralidade como o “né?” e expressões curiosas como: “na dura força”. Percebia-se também deslizes na concordância: “veio duas amigas...”

Também acrescentamos que a **gíria** é outra variedade da língua. São palavras criadas, inventadas por determinado grupo social. Às vezes, quando muito utilizada, pode migrar para a linguagem coloquial e, tempos depois, até para a linguagem formal. O surfista que também participou da entrevista ao telejornal usou muitas gírias: pô, véio, sacar, beleza, curtir, massa, “mermão”.

Contudo, Pretti (2003) também alerta que “existe, em geral, entre os falantes a consciência que a *variedade culta* é de fato o dialeto social único e ideal, correndo a *variedade popular* como uma deturpação da primeira, usada por aqueles que “não sabem a língua”, em decorrência de sua falta de instrução.

Essa posição, todavia, não é aceita pela sociolinguística, que vê na ocorrência de ambos os dialetos sociais um natural processo de variação lingüística que atende, assim, às mais diversas situações de comunicação na sociedade.

O autor acrescenta que, em geral, “pode-se dizer que o *dialeto social culto*, em razão das características apontadas, se prende mais às regras da gramática tradicionalmente considerada normativa, aos exemplos da linguagem escrita, muito mais conservadores, ao passo que o *dialeto social popular* é mais aberto às transformações da linguagem oral”.

Em rigor, ninguém comete erro em língua, exceto nos casos de ortografia. O que normalmente se comete são transgressões da norma culta.

Unidade: Níveis de Linguagem

3

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

7

De fato, aquele que, num momento íntimo do discurso diz: “Ninguém deixou ele falar”, não comete propriamente um erro: na verdade transgride a norma culta. Mesmo assim, é importante salientar que a comunicação foi estabelecida.

Portanto, quem pratica o português popular não fala de forma errada, apenas fala de acordo com o meio em que vive. O importante é usar a língua de forma adequada ao receptor, ao contexto e ao assunto. Falar errado é não se fazer entender em seu meio ou usar uma variedade inadequada ao ambiente em que se encontra. Há questões sociais, econômicas e regionais que justificam a variação.

O importante é perceber que o nível da linguagem, a norma lingüística, deve variar de acordo com a situação em que se desenvolve o discurso. O ambiente sociocultural determina o nível de linguagem a ser empregado. O vocabulário, a sintaxe, a pronúncia e até a entoação variam segundo esse nível. Um padre não fala com uma criança como se estivesse rezando uma

8

missa, assim como uma criança não fala como um adulto. Um engenheiro não usará o mesmo discurso, ou um mesmo nível de fala, para colegas e para pedreiros, assim como nenhum professor utiliza o mesmo nível de fala no recesso do lar e na sala de aula.

2. Modalidade Oral e Escrita

9

Segundo Mac-Kay (2000), “na linguagem, as modalidades oral e escrita se completam, guardando cada uma suas propriedades. O fato de possuírem formas características não pode nos levar à falsa noção de que são modalidades destituídas de pontos de integração”.

10

Koch no livro *O texto e a construção de sentidos* (1997) ressalta que os textos podem apresentar-se de várias formas, ou seja, ora se aproximando do pólo da fala (por exemplo: os bilhetes domésticos, os bilhetes de casais, e-mails entre amigos e textos de humor), ora se aproximando do pólo da escrita (por exemplo: os discursos de posse de cargo, as conferências, as entrevistas especializadas e propostas de produtos de alta tecnologia por vendedores especialmente treinados).

Unidade: Níveis de Linguagem

4

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

10

Conforme observa a autora, a fala e a escrita constituem duas possibilidades de uso da língua que utilizam o mesmo sistema lingüístico e que, apesar de possuírem características próprias, não devem ser vistas de forma dicotômica.

Em síntese, Koch ilustra que as mais freqüentes diferenças entre fala e escrita podem ser apontadas, sendo a fala não planejada, mais fragmentada e incompleta, pouco elaborada, com predominância de frases curtas e simples; enquanto a escrita é mais planejada, não é fragmentada e apresenta-se mais completa, melhor elaborada e com predominância de frases mais complexas, entre outras características.

11

Fávero, Andrade e Aquino (2002, apud Mac-May) observam o fato de as gramáticas adotarem como parâmetro a escrita e associarem a fala a um dos seus níveis de realização – o informal – e que essa posição fortalece o enfoque que polariza as duas modalidades por não incluir a possibilidade da existência de níveis de formalidade. As autoras (ibidem: 273) sinalizam para o fato de que, “na verdade, tanto a fala como a escrita abarcam um continuum que vai do nível mais informal aos mais formais, passando por graus intermediários”, e demonstram essa variação em dependência com as condições de produção do texto.

Tais condições estão em estreita relação com o contexto, com as condições de interação, com os interlocutores e com o tipo de processamento da informação. Assim, na língua falada, há entre falante e ouvinte um

12

intercâmbio direto, o que não ocorre com a língua escrita, na qual a comunicação se faz geralmente na ausência de um dos participantes; na fala, as marcas de planejamento do texto não aparecem, porque a produção e a execução se dão de forma simultânea, por isto o texto oral é pontilhado de pausas, interrupções, retomadas, correções etc.; o que não se observa na escrita, porque o texto se apresenta acabado, houve um tempo para a sua elaboração. Ou seja:

Na fala

Unidade: Níveis de Linguagem

5

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

13

- somos mais espontâneos, não planejamos com antecedência o que vamos falar, a não ser em situações muito formais ou delicadas;
- temos apoio da situação física, do contexto, do conhecimento do interlocutor, das expressões faciais, dos gestos, das pausas, das modulações da voz, das referências do ambiente;
- podemos repetir informações, explicar algum item mal compreendido, podemos resolver dúvidas do ouvinte;
- usamos frases mais simples, conjunções facilmente compreendidas;
- é muito comum surgirem na fala truncamentos, cortes, repetições, titubeios e problemas de concordância. Pensamos muito rapidamente e a expressão das nossas idéias pode ser, na fala, um pouco atrapalhada, pois podemos, a cada momento, corrigir e explicar melhor; e
- usamos expressões dialetais com mais frequência.

Na escrita

- planejamos cuidadosamente o nosso texto para assegurar que o leitor compreenda nossas idéias sem precisar de mais explicações, pois não temos o apoio do contexto, ou seja, não podemos resolver dúvidas imediatamente, não dispomos de recursos como gestos, voz, expressões faciais;
- revisamos para avaliar o funcionamento do texto e evitar repetições desnecessárias de palavras, truncamentos, problemas de concordância, regência, colocação pronominal, pontuação, ortografia;
- utilizamos sintaxe mais complexa, que permite a exatidão e a clareza do pensamento; assim, as orações subordinadas são mais frequentes na escrita que na fala;
- procuramos utilizar um vocabulário mais exato e preciso, pois temos tempo de procurar a palavra adequada; e
- evitamos gíria e expressões coloquiais, principalmente quando o texto é

Unidade: Níveis de Linguagem

6

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

13	<p>formal.</p> <p>A língua escrita, estática, mais elaborada e menos econômica, não dispõe dos recursos próprios da língua falada. Contudo, nenhuma se sobrepõe a outra em importância.</p>
14	<p>Se por um lado a acentuação (relevo de sílaba ou sílabas), a entoação (melodia da frase), as pausas (intervalos significativos no decorrer do discurso), além da possibilidade de gestos, olhares, piscadas etc., fazem da língua falada a modalidade mais expressiva, mais criativa, mais espontânea e natural, estando por isso mesmo, mais sujeita a transformações e a evoluções.</p>
15	<p>Por outro lado, a língua escrita é, foi e sempre será mais bem elaborada que a língua falada, porque é a modalidade que mantém a unidade lingüística de um povo, além de ser a que faz o pensamento atravessar o espaço e o tempo. Nenhuma reflexão, nenhuma análise mais detida será possível sem a língua escrita, cujas transformações, por isso mesmo, se processam lentamente e em número consideravelmente menor, quando cotejada com a modalidade falada.</p>
16	<p>Outro aspecto a considerar é que tanto a fala como a escrita podem variar quanto ao grau de formalidade. Há uma gradação que pode ir da fala mais descontraída (<i>Oi, tá tudo bem?</i>) à fala mais formal, planejada e próxima da escrita (<i>Caros ouvintes, boa tarde.</i>); e da escrita mais informal (<i>Tô chegando aí. Favor adiar o início por alguns minutos.</i>) à mais formal (<i>Chegaremos ao local da cerimônia com um pequeno atraso em relação à programação anteriormente estabelecida. Solicitamos que as atividades sejam adiadas por alguns minutos.</i>).</p>
17	<p>Só para ilustrar um pouco mais, em suas palestras o Prof. Evanildo Bechara faz a seguinte analogia: em casa, costumamos nos vestir de maneira mais simples, sem maquiagem, salto alto ou artifícios. Andamos de roupa caseira, simples, confortável. Quando saímos, procuramos cuidar um pouco mais da aparência. Colocamos uma roupa melhor, sapatos, penteamos o cabelo com maior cuidado etc. E se vamos a uma festa, então é que nos arrumamos mais ainda. E assim deve acontecer com língua oral e escrita nas</p>

Unidade: Níveis de Linguagem

7

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

17

diferentes situações de uso, quanto mais formal mais cuidados serão exigidos do falante.

3. Variante Padrão e Não Padrão

18

É fato irrefutável que no Brasil o que se fala não é só uma Língua Portuguesa. As línguas são heterogêneas. O que se fala no Brasil é uma gama de variações de uma mesma língua, variações estas influenciadas por diversos fatores, sejam eles a extensão geográfica do Brasil; as diferenças regionais; a diversidade de colonização; a acentuada diferença sócio-econômica; entre outras.

19

Nesse sentido, temos em qualquer língua as chamadas **variantes padrão** e **variantes não-padrão**. Os princípios que regulam as propriedades das variantes padrão e não-padrão geralmente extrapolam critérios puramente lingüísticos. Na maioria das vezes o que se determina como sendo variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes. As variantes não-padrão geralmente desviam-se destes parâmetros.

20

Assim, a **variante padrão** ou **língua padrão**, que na sociolingüística anglófona se denomina *standard language*, é a **variedade culta formal** do idioma. Há quem tome o termo **norma culta**, indevidamente, como sinônimo de **língua padrão**. Ocorre que a **língua culta**, isto é, a das pessoas com nível elevado de instrução, pode ser **formal** ou **informal**. A língua padrão é a culta, sim, mas limitada à sua vertente formal. É, pois, necessário distinguir os dois conceitos.

21

Segundo Pretti (2003), como língua padrão, o *dialeto culto* que já mencionamos serve diretamente às intenções do ensino, no sentido de padronização da língua, criando condições ideais de comunicação entre as várias áreas geográficas e também propiciando aos estudantes as condições para a leitura e compreensão dos textos literários e científicos, que se

22

expressam nessa linguagem. Além disso, a **variante padrão** também é adotada pelos veículos de comunicação de massa (emissoras de rádio e televisão, jornais, revistas etc.), cuja função é a de serem aliados das escolas, prestando

Unidade: Níveis de Linguagem

8

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

serviço à sociedade e colaborando na educação.

Por outro lado, a **variante não padrão** é associada ao nível coloquial ou popular da língua, que já tratamos nessa aula.

Em síntese, em nosso estudo sobre as variedades lingüísticas é importante, portanto, sabermos identificá-las, avaliarmos a adequação ao ambiente e ao contexto e nos livrarmos de todo e qualquer preconceito lingüístico. Mas temos que ter em mente que em nossos textos acadêmicos, em nossas redações para concursos ou textos e relatórios de nossa área profissional, é a variante padrão que precisa prevalecer. É necessário evitarmos gírias, regionalismos e os elementos típicos da linguagem coloquial: repetições desnecessárias, cacoetes, abreviações e clichês.

Colocando em Prática

Com a finalidade de sistematizar todos os conceitos que estudamos nessa aula, fazemos um convite à prática a partir de alguns vídeos que selecionamos no conhecido YouTube, sendo:

- 1) <http://www.youtube.com/watch?v=EWnANT3Cpbw&feature=related>

Nesse vídeo podemos assistir a seis entrevistas e em cada uma delas podemos observar diferentes questões de língua e linguagem. Na primeira há uma alemã que está vivendo na cidade de Curitiba. Ao transmitir sua visão sobre nosso país, além de perceber seu sotaque, observamos que deve ter feito algum curso de português para estrangeiros, uma vez que responde às questões utilizando um nível culto da língua, apesar de seu olhar denunciar a consulta a algum texto escrito para dar suas respostas.

Do mesmo modo, a segunda entrevista, sobre o comportamento dos consumidores, denota um falante culto, usando a variante padrão língua e comentando o assunto com total segurança e clareza.

Por outro lado, na entrevista com as duas crianças percebemos todas as marcas da língua oral que comentamos no item 2 dessa unidade, com a ausência de frases com estrutura mais elaborada e muitas delas

Unidade: Níveis de Linguagem

9

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

inacabadas, pausas, titubeios e o uso de gírias típicas dessa faixa etária (Ex.: alguma parada assim). Nas três últimas entrevistas já podemos observar a presença de um nível de língua bastante popular e a variante não padrão que, nesse caso, denotou o baixo nível de instrução dos falantes e a ausência de concordância verbal na maior parte do tempo (Ex.: todo mundo que tava sentado levantô a mão, vamo, nós ia).

2) <http://www.youtube.com/watch?v=6KPdnhxWE7E>

Nessa reportagem do Jornal Nacional sobre o biodiesel, o repórter Júlio Mosquera nos transmite as informações utilizando a variante padrão da língua. Podemos entender tudo com muita clareza, como se estivéssemos lendo um texto, notando cada vírgula e ponto final das frases.

Por outro lado, lanço a seguinte questão: Será que o Júlio Mosquera comentaria esse assunto com um amigo usando esse mesmo nível de linguagem? Não, certamente contaria isso tudo usando uma linguagem coloquial e com muita informalidade. Afinal, estará apenas batendo papo com um amigo.

3) Como mencionamos em vários momentos, é muito importante que o falante utilize a linguagem adequada ao seu interlocutor e à situação de comunicação. Nessa reportagem do Jornal da Band de 15/12/2007, discute-se o uso do popular “internetês” comum nos chats. Veja a reportagem e preste atenção aos comentários do jornalista e do professor.

<http://www.youtube.com/watch?v=6XqY-LsPb6Y&feature=related>

Considerações finais

23

Vimos até aqui que as variedades são provenientes diretamente dos usuários ou falantes da língua. Mas é possível estudar o problema sob o enfoque do uso que o mesmo falante faz da língua e de suas variedades, em função da *situação*, entendendo-se como tal as influências extra verbais que cercam o ato da fala. Assim, a presença física do *ambiente* em que o diálogo

Unidade: Níveis de Linguagem

10

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

23

ocorre pode ocasionar um *nível de linguagem* fora dos hábitos normais do falante. (Preti, 2003).

Ainda segundo o autor, os chamados fatores situacionais não dizem respeito diretamente ao falante, mas apenas às circunstâncias criadas pela própria ocasião, lugar e tempo em que os atos de fala se realizam, e também às situações que unem falante e ouvinte no momento do diálogo.

Em síntese, o mesmo falante pode apresentar variação de nível de linguagem em função da situação da comunicação: formal/informal ou oral/escrita.

Títulos e Subtítulos

Títulos fonte ARIAL tamanho 14 Negrito, justificado a esquerda, todas as letras minúsculas, exceção 1ª letra de cada palavra.

Subtítulos fonte ARIAL tamanho 14 Negrito, justificado a esquerda, todas as letras minúsculas, exceção 1ª letra de cada palavra.

Sub-Subtítulos fonte ARIAL tamanho 12 Negrito, justificado a esquerda, todas as letras minúsculas, exceção 1ª letra de cada palavra.

Unidade: Níveis de Linguagem

11

Conteúdo Teórico

texto inédito

transcrição de trechos literais (com uso de aspas ou outro sinal demarcador)

paráfrase com citação da fonte

apropriação de trechos de obras (sem citação)

falsa paráfrase (cópia sem indicação de citação integral, mesmo informando que provém de outro autor)

1. A SOCIOLINGÜÍSTICA E O FENÔMENO DA DIVERSIDADE NA LÍNGUA DE UM GRUPO SOCIAL

DIALETOS SOCIAIS E NÍVEIS DE FALA OU REGISTROS

O caráter social de uma língua já parece ter sido fartamente demonstrado. Entendida como um sistema de *signos* convencionais¹ que faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação, acredita-se, hoje, que seu papel seja cada vez mais importante nas relações humanas, razão pela qual seu estudo já envolve modernos processos científicos de pesquisa, interligados às mais novas ciências e técnicas, como, por exemplo, a própria cibernética.

Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera causalidade. Desde que nascemos, um mundo de *signos* lingüísticos nos cerca, e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas *mensagens*. E toda a nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum de que dispomos para tal.

1. Não se vão discutir aqui as especulações em torno desta afirmativa.

Sons, gestos, imagens, diversos e imprevistos, cercam a vida do homem moderno, compondo *mensagens* de toda ordem (Henri Lefebvre diria poeticamente que “niágaras de mensagens caem sobre pessoas mais ou menos interessadas e contagiadas”), transmitidas pelos mais diferentes *canais*, como a televisão, o cinema, a imprensa, o rádio, o telefone, o telégrafo, os cartazes de propaganda, os desenhos, a música e tantos outros. Em todos, a língua desempenha um papel preponderante, seja em sua forma oral, seja através de seu código substitutivo escrito. E, através dela, o contato com o mundo que nos cerca é permanentemente atualizado.

Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária.

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em *signos*, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação lingüística².

Entendida como manifestação da vida em sociedade, o estudo da língua pode ligar-se à sociologia, abrindo-se, a partir daí, campos novos de pesquisa, em especial o da sociolingüística.

Os estudos desta disciplina tiveram grande desenvolvimento nas décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, e o interesse despertado pelas pesquisas deve-se, possivelmente, à grande divulgação dos estudos de comunicação, à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimen-

2. “É, com efeito, na língua e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas freqüentemente cantaram – o poder criador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inerentes, faz ver o que ainda não existe, traz ante nós o já desaparecido. Por isto tantas mitologias, ao ter que explicar que na aurora dos tempos pôde nascer alguma coisa do nada, citam como princípio criador do mundo esta essência imaterial e soberana, a Palavra. Não há, certamente, poder mais alto, e todos os poderes do homem, sem exceção – pensemos bem – procedem deste. A sociedade não é possível a não ser pela língua; e pela língua também o indivíduo. O despertar da consciência na criança coincide sempre como aprendizado da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade. Mas, qual é, pois, a fonte deste poder misterioso que reside na língua? Por que o indivíduo e a sociedade estão, juntos e por igual necessidade, *fundamentados* na língua? Porque a linguagem representa a forma mais alta de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*. Entendemos por isto, muito amplamente, a faculdade de *representar* o real por um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’ como representante do real; portanto, de estabelecer uma relação de ‘significação’ entre uma coisa e algo.” (Émile Benveniste, *Problemas de Lingüística Geral*, México, Siglo Veintiuno Editores, 1971, p. 27.)

TEORIA GRAMATICAL

A) *Linguagem: suas dimensões universais*

“dizer as coisas como são”

Platão

1 – LINGUAGEM

3

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o -s final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.^a pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o “símbolo” da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição “simbolizar”. A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

tipos de “conteúdo” das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado gesto:

“Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos...” [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

“Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va!* repetiu, batendo as sílabas com o dedo” [MA.1, 88].

“Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!*... *Mentiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado” [HC.1, 32].

3 – ATOS LINGUÍSTICOS

4

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em

PEAD - Português - Ensino a Distância - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

http://acd.ufrj.br/~pead/

PEAD - Português - Ensino a Distância

BRASIL.GOV

Português Ensino a Distância UFRJ

Variação de Registro

O segundo tipo de variedade que as línguas podem apresentar diz respeito ao uso que se faz da língua em função da **situação** em que o usuário e o interlocutor estão envolvidos.

Para se fazer entender, qualquer pessoa precisa estar em sintonia com o seu interlocutor e isto é facilmente observável na maneira como nos dirigimos, por exemplo, a uma criança, a um colega de trabalho, a uma autoridade. Escolhemos palavras, modos de dizer, para cada uma dessas situações. Tentar adaptar a própria linguagem à do interlocutor já é realizar um ato de comunicação. Pode-se dizer que o nível da linguagem deve se adaptar à situação.

As **variações de registro** podem ser de três tipos: grau de formalismo, modalidade e sintonia. Cada tipo não aparece isolado, eles se correlacionam.

Concluído

<http://acd.ufrj.br/~pead/tema01/variacaoregistro.html>
s/d. Acesso em: 17/04/2011

<http://wappyblog.blogspot.com/2008/06/nveis-de-linguagem.html>

Data: 19/06/2008. Acesso em: 17/04/2011

IMPACTO VESTIBULAR - 2010

PROF: ERICA SANTOS

IMPACTO: A Certeza de Vencer!!!

2

Aula 20

VARIANTES LINGÜÍSTICAS 2

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LU140909
PROT: 6352

L.PORTUGUESA

7

Dentre os estudiosos da língua, encontramos várias definições de níveis de linguagem, mas a maioria deles considera que a língua está dividida em dois níveis: o coloquial e o culto, sendo esses determinados pela cultura e formação escolar dos falantes, pelo grupo social a que eles pertencem e pela situação concreta em que a língua é utilizada. Um falante adota modos diferentes de falar dependendo das circunstâncias em que se encontra: conversando com amigos, expondo um tema histórico na sala de aula ou dialogando com colegas de trabalho.

O **nível culto** é utilizado em ocasiões formais. É uma linguagem mais obediente às regras gramaticais da norma culta. O nível culto segue a língua padrão, também chamada norma culta ou norma padrão. Pretti (2003) trata do assunto como *dialeto social culto*, uma vez que "se prende mais às regras da gramática tradicionalmente considerada normativa, veiculada pela escola, aos exemplos da linguagem literária, muito mais conservadora, ao passo que o *dialeto social popular* é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo".

O autor também comenta que esse *dialeto culto* é, no entanto, eleito pela própria comunidade como o de maior prestígio, refletindo um índice de cultura a que todos pretendem chegar. Assim, de certa forma "aprender a língua" significa aprender o *dialeto culto*.

Não raro também encontramos a definição de gramática como o estudo das normas da língua culta.

Por outro lado, o **nível coloquial ou popular** é utilizado na conversação diária, em situações informais, descontraídas. Sendo mais espontânea e criativa, a linguagem coloquial é também conhecida como informal. E, uma vez que colóquio significa conversa, nela percebemos deslizos de concordância, repetições e cacofonias como: tá, né. Ela também aparece, no texto escrito, na reprodução da fala de algumas personagens e em bilhetes de nosso dia-a-dia.

Uma dona de casa, ao participar de uma entrevista, expressou sua opinião sobre a atuação dos jogadores na Copa utilizando alguns clichês típicos da linguagem informal como: "fiquei em cima do muro" e "pelo andamento da carruagem". Além disso, sua fala apresentava elementos típicos da oralidade como o "né?" e expressões curiosas como: "na dura força". Percebia-se também deslizos na concordância: "veio duas amigas..."

Também acrescentamos que a **gíria** é outra variedade da língua. GÍRIAS são palavras criadas, inventadas por determinado grupo social. Às vezes, quando muito utilizada, pode migrar para a linguagem coloquial e, tempos depois, até para a linguagem formal. O surfista que também participou da entrevista ao telejornal usou muitas gírias: pô, véio, sacar, beleza, curtir, massa, "mermão".

Em rigor, ninguém comete erro em língua, exceto nos casos de ortografia. O que normalmente se comete são transgressões da norma culta. De fato, aquele que, num momento íntimo do discurso diz: "Ninguém deixou ele falar", não comete propriamente um erro: na verdade transgredir a norma culta. Mesmo assim, é importante salientar que a comunicação foi estabelecida.

Portanto, quem pratica o português popular não fala de forma errada, apenas fala de acordo com o meio em que vive. O importante é usar a língua de forma adequada ao receptor, ao contexto e ao assunto.

Falar errado é não se fazer entender em seu meio ou usar uma variedade inadequada ao ambiente em que se encontra. Há questões sociais, econômicas e regionais que justificam a variação.

O importante é perceber que o nível da linguagem, a norma linguística, deve variar de acordo com a situação em que se desenvolve o discurso. O ambiente sociocultural determina o nível da linguagem a ser empregado. O vocabulário, a sintaxe, a pronúncia e até a entoação variam segundo esse nível.

AS DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA

NA FALA

- ❖ somos mais espontâneos, não planejamos com antecedência o que vamos falar, a não ser em situações muito formais ou delicadas;
- ❖ temos apoio da situação física, do contexto, do conhecimento do interlocutor, das expressões faciais, dos gestos, das pausas, das modulações da voz, das referências do ambiente;
- ❖ podemos repetir informações, explicar algum item mal compreendido, podemos resolver dúvidas do ouvinte;
- ❖ usamos frases mais simples, conjunções facilmente compreendidas;
- ❖ é muito comum surgirem na fala truncamentos, cortes, repetições, titubeios e problemas de concordância. Pensamos muito rapidamente e a expressão das nossas ideias pode ser, na fala, um pouco atrapalhada, pois podemos, a cada momento, corrigir e explicar melhor;
- ❖ usamos expressões dialetais com mais frequência.

NA ESCRITA

- ❖ planejamos cuidadosamente o nosso texto para assegurar que o leitor compreenda nossas ideias sem precisar de mais explicações, pois não temos o apoio do contexto, ou seja, não podemos resolver dúvidas imediatamente, não dispomos de recursos como gestos, voz, expressões faciais;
- ❖ revisamos para avaliar o funcionamento do texto e evitar repetições desnecessárias de palavras, truncamentos, problemas de concordância regência, colocação pronominal, pontuação, ortografia;
- ❖ utilizamos sintaxe mais complexa, que permite a exatidão e a clareza do pensamento; assim, as orações subordinadas são mais frequentes na escrita que na fala;
- ❖ procuramos utilizar um vocabulário mais exato e preciso, pois temos tempo de procurar a palavra adequada;
- ❖ evitamos gíria e expressões coloquiais, principalmente quando o texto é formal.
- ❖ A língua escrita, estática, mais elaborada e menos econômica, não dispõe dos recursos próprios da língua falada. Contudo, nenhuma se sobrepõe a outra em importância.

CONTEÚDO 2009

<http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/niveis-de-linguagem>
s/d. Acesso em: 17/04/2011

ormente à escrita, inclusive por questões de desenvolvimento biológico. Isto não quer dizer que a criança precisa 'falar' para escrever e sim que, via de regra, ela desenvolve a oralidade antes da escrita.

Perroni (1994) aponta para a tese de que o desenvolvimento infantil é contínuo em seu ritmo, mas as mudanças qualitativas são descontínuas porque indiciam passagens entre níveis de qualidade diferentes. Ainda, segundo a autora, parece possível que tanto continuidade quanto descontinuidade sejam conceitos complementares porque a descontinuidade qualitativa não impede a continuidade do ritmo do desenvolvimento, sua unidade e a solidariedade dos momentos descontínuos.

Havelock recupera dados históricos da hipótese oralidade-escrita e afirma que polarizar oral e escrito constitui um erro porque a relação entre ambos tem o caráter de uma tensão mútua e criativa, que se manifesta ora a favor de uma oralidade resgatada, ora a favor de uma sofisticada cultura escrita.

FALA E ESCRITA – SUAS ESPECIFICIDADES

A relação entre o oral e o escrito é objeto de interesse científico em várias áreas como Antropologia, Psicologia, Educação, Linguística, Psicolinguística e Fonoaudiologia em virtude dos mais variados aspectos, a saber: as bases cognitivas de uma e outra modalidade, as possibilidades de recuperação de aspectos orais na escrita – e vice-versa –, os aspectos da aquisição da linguagem e a interface oral e escrita, os temas específicos dos distúrbios da comunicação humana durante o desenvolvimento da linguagem, a alfabetização de grupos considerados minorias sociais e as diferenças gramaticais entre as duas modalidades.

9

Na linguagem, as modalidades oral e escrita se completam, guardando cada uma suas propriedades e o fato de possuírem formas características diferentes não pode nos levar à falsa noção de que são destituídas de pontos de integração. Fala e escri-

ta apresentam formas superficiais diferentes e igual estrutura semântica subjacente: utilizam o mesmo sistema léxico-semântico e variam, em particular, na escolha e distribuição de padrões sintáticos e de vocabulário, de acordo com as condições de produção do texto.

Admitindo o princípio de *continuum*, Koch no livro *O texto e a construção dos sentidos* ressalta que os textos podem apresentar-se ora se aproximando do pólo da fala (por exemplo: os bilhetes domésticos, os bilhetes dos casais, cartas familiares e textos de humor), ora se aproximando do pólo da escrita (por exemplo: os discursos de posse de cargo, as conferências, as entrevistas especializadas e propostas de produtos de alta tecnologia por vendedores especialmente treinados).

Conforme observa a autora, fala e escrita constituem duas possibilidades de uso da língua que utilizam o mesmo sistema lingüístico e que, apesar de possuírem características próprias, não devem ser vistas de forma dicotômica. Em síntese, Koch (1997: 62) oferece um esquema da visão dicotômica, que ilustra as mais freqüentes diferenças entre fala e escrita apontadas na literatura, e que apresentamos a seguir:

FALA	ESCRITA
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Predominância do <i>modus</i> pragmático	Predominância do <i>modus</i> sintático
Fragmentada	Não-fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas com subordinação abundante
Pequena freqüência de passivas	Emprego freqüente de passivas
Poucas nominalizações	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

<http://www.cefac.br/library/artigos/8dd51d7774b0c3fd436f3eb732e488aa.pdf>

Data: 03/06/2003. Acesso em: 17/04/2011

11*

17

Fávero, Andrade e Aquino ressaltam o fato de as gramáticas adotarem como parâmetro a escrita e associarem a fala com um dos seus níveis de realização – o informal – e que essa posição fortalece o enfoque que polariza as duas modalidades por não incluir a possibilidade da existência de níveis de formalidade.

Na verdade, tanto a fala como a escrita abrangem um contínuo que vai dos níveis mais informais aos mais formais, passando por graus intermediários, segundo as situações de produção do texto que envolvem: o contexto, as condições de interação, os interlocutores e o tipo de processamento da informação.

Para Silva (1996:167), as características diferenciadoras do oral e do escrito podem ser resumidas conforme o seguinte quadro:

ORAL	ESCRITO
Maior número de repetições	Menor número de repetições
Turnos conversacionais mais frequentes	Turnos conversacionais menos frequentes
Transitoriedade	Registro permanente
Organização mental espontânea	Organização mental elaborada
Revisão imediata	Várias revisões não-imediatas
Uma edição do ato da fala	Várias edições do escrito
A formação do sentido apóia-se no contexto interacional e situacional	A formação do sentido é de ordem lógico-semântica
Menor densidade lexical, fragmentação	Maior densidade lexical, continuidade
Incompletude no nível sintático	Maior especificação no nível sintático
Menor seletividade lexical	Maior seletividade lexical
Maior número de processos fonológicos	Menor número de processos fonológicos

Falar e escrever são formas diferentes de dizer e expressar significados construídos na linguagem e pela linguagem, dentro de uma situação interativa social.

Nesse sentido, Halliday propõe que falar e escrever apresentam uma interface: a analogia entre fala e escrita sustentada por

MacKay (2000, p. 17)¹⁸

¹⁸ A obra não foi consultada pelo autor do *Conteúdo Teórico*, mas foi inserida nesta relação de fontes originais para fins de exemplificação.

<http://nilmagestar.blogspot.com/2009/11/materiais-utilizados-nas-oficinas.html>

Data: 19/11/2009. Acesso em: 17/04/2011

IMPACTO VESTIBULAR - 2010

PROF: ERICA SANTOS

IMPACTO: A Certeza de Vencer!!!

2

Aula 20

VARIANTES LINGÜÍSTICAS 2

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LU140609
PROT: 6352

L.PORTUGUESA

Dentre os estudiosos da língua, encontramos várias definições de níveis de linguagem, mas a maioria deles considera que a língua está dividida em dois níveis: o coloquial e o culto, sendo esses determinados pela cultura e formação escolar dos falantes, pelo grupo social a que eles pertencem e pela situação concreta em que a língua é utilizada. Um falante adota modos diferentes de falar dependendo das circunstâncias em que se encontra: conversando com amigos, expondo um tema histórico na sala de aula ou dialogando com colegas de trabalho.

O nível culto é utilizado em ocasiões formais. É uma linguagem mais obediente às regras gramaticais da norma culta. O nível culto segue a língua padrão, também chamada norma culta ou norma padrão. Pretti (2003) trata do assunto como *dialeto social culto*, uma vez que "se prende mais às regras da gramática tradicionalmente considerada normativa, veiculada pela escola, aos exemplos da linguagem literária, muito mais conservadora, ao passo que o *dialeto social popular* é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo.

O autor também comenta que esse *dialeto culto* é, no entanto, eleito pela própria comunidade como o de maior prestígio, refletindo um índice de cultura a que todos pretendem chegar. Assim, de certa forma "aprender a língua" significa aprender o *dialeto culto*.

Não raro também encontramos a definição de gramática como o estudo das normas da língua culta.

Por outro lado, o nível coloquial ou popular é utilizado na conversação diária, em situações informais, descontraídas. Sendo mais espontânea e criativa, a linguagem coloquial é também conhecida como informal. E, uma vez que colóquio significa conversa, nela percebemos deslizos de concordância, repetições e cacofonias como: tá, né. Ela também aparece, no texto escrito, na reprodução da fala de algumas personagens e em bilhetes de nosso dia-a-dia.

Uma dona de casa, ao participar de uma entrevista, expressou sua opinião sobre a atuação dos jogadores na Copa utilizando alguns clichês típicos da linguagem informal como: "fiquei em cima do muro" e "pelo andamento da carruagem". Além disso, sua fala apresentava elementos típicos da oralidade como o "né?" e expressões curiosas como: "na dura força". Percebia-se também deslizos na concordância: "veio duas amigas..."

Também acrescentamos que a *gíria* é outra variedade da língua. GÍRIAS são palavras criadas, inventadas por determinado grupo social. Às vezes, quando muito utilizada, pode migrar para a linguagem coloquial e, tempos depois, até para a linguagem formal. O surfista que também participou da entrevista ao telejornal usou muitas gírias: pô, véio, sacar, beleza, curtir, massa, "mermão".

Em rigor, ninguém comete erro em língua, exceto nos casos de ortografia. O que normalmente se comete são transgressões da norma culta. De fato, aquele que, num momento íntimo do discurso diz: "Ninguém deixou ele falar", não comete propriamente um erro: na verdade transgredir a norma culta. Mesmo assim, é importante salientar que a comunicação foi estabelecida.

Portanto, quem pratica o português popular não fala de forma errada, apenas fala de acordo com o meio em que vive. O importante é usar a língua de forma adequada ao receptor, ao contexto e ao assunto.

Falar errado é não se fazer entender em seu meio ou usar uma variedade inadequada ao ambiente em que se encontra. Há questões sociais, econômicas e regionais que justificam a variação.

O importante é perceber que o nível da linguagem, a norma linguística, deve variar de acordo com a situação em que se desenvolve o discurso. O ambiente sociocultural determina o nível da linguagem a ser empregado. O vocabulário, a sintaxe, a pronúncia e até a entoação variam segundo esse nível.

AS DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA

NA FALA

- ❖ somos mais espontâneos, não planejamos com antecedência o que vamos falar, a não ser em situações muito formais ou delicadas;
- ❖ temos apoio da situação física, do contexto, do conhecimento do interlocutor, das expressões faciais, dos gestos, das pausas, das modulações da voz, das referências do ambiente;
- ❖ podemos repetir informações, explicar algum item mal compreendido, podemos resolver dúvidas do ouvinte;
- ❖ usamos frases mais simples, conjunções facilmente compreendidas;
- ❖ é muito comum surgirem na fala truncamentos, cortes, repetições, titubeios e problemas de concordância. Pensamos muito rapidamente e a expressão das nossas idéias pode ser, na fala, um pouco atrapalhada, pois podemos, a cada momento, corrigir e explicar melhor;
- ❖ usamos expressões dialetais com mais frequência.

NA ESCRITA

- ❖ planejamos cuidadosamente o nosso texto para assegurar que o leitor compreenda nossas ideias sem precisar de mais explicações, pois não temos o apoio do contexto, ou seja, não podemos resolver dúvidas imediatamente, não dispomos de recursos como gestos, voz, expressões faciais;
- ❖ revisamos para avaliar o funcionamento do texto e evitar repetições desnecessárias de palavras, truncamentos, problemas de concordância regência, colocação pronominal, pontuação, ortografia;
- ❖ utilizamos sintaxe mais complexa, que permite a exatidão e a clareza do pensamento; assim, as orações subordinadas são mais frequentes na escrita que na fala;
- ❖ procuramos utilizar um vocabulário mais exato e preciso, pois temos tempo de procurar a palavra adequada;
- ❖ evitamos gíria e expressões coloquiais, principalmente quando o texto é formal.
- ❖ A língua escrita, estática, mais elaborada e menos econômica, não dispõe dos recursos próprios da língua falada. Contudo, nenhuma se sobrepõe a outra em importância.

13

14

15

PCI Níveis de Linguagem

http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/niveis-de-linguagem

quando nos referimos a frases. "Corrija estas frases" é uma expressão que deve dar lugar a esta, por exemplo: "Converta estas frases da língua popular para a língua culta".

Uma frase correta não é aquela que se contrapõe a uma frase "errada"; é, na verdade, uma frase elaborada conforme as normas gramaticais; em suma, conforme a norma culta.

Língua escrita e língua falada. Nível de linguagem:

A língua escrita, estática, mais elaborada e menos econômica, não dispõe dos recursos próprios da língua falada.

A acentuação (relevo de sílaba ou sílabas), a entoação (melodia da frase), as pausas (intervalos significativos no decorrer do discurso), além da possibilidade de gestos, olhares, piscadas, etc., fazem da língua falada a modalidade mais expressiva, mais criativa, mais espontânea e natural, estando, por isso mesmo, mais sujeita a transformações e a evoluções.

Nenhuma, porém, se sobrepõe a outra em importância. Nas escolas principalmente, costuma-se ensinar a língua falada com base na língua escrita, considerada superior. Decorrem daí as correções, as retificações, as emendas, a que os professores sempre estão atentos.

Ao professor cabe ensinar as duas modalidades, mostrando as características e as vantagens de uma e outra, sem deixar transparecer nenhum caráter de superioridade ou inferioridade, que em verdade inexistem.

Isso não implica dizer que se deve admitir tudo na língua falada. A nenhum povo interessa a multiplicação de línguas. A nenhuma nação convém o surgimento de dialetos, consequência natural do enorme distanciamento entre uma modalidade e outra.

A língua escrita é, foi e sempre será mais bem-elaborada que a língua falada, porque é a modalidade que mantém a unidade lingüística de um povo, além de ser a que faz o pensamento atravessar o espaço e o tempo. Nenhuma reflexão, nenhuma análise mais detida será possível sem a língua escrita, cujas transformações, por isso mesmo, se processam lentamente e em número consideravelmente menor, quando cotejada com a modalidade falada.

Importante é fazer o educando perceber que o nível da linguagem, a norma lingüística, deve variar de acordo com a situação em que se desenvolve o discurso.

O ambiente sociocultural determina. O nível da linguagem a ser empregado. O vocabulário, a sintaxe, a pronúncia e até a entoação variam segundo esse nível. Um padre não fala com uma criança como se estivesse dizendo missa, assim como uma criança não fala como um adulto. Um engenheiro não usará um mesmo discurso, ou um mesmo nível de fala, para colegas e para pedreiros, assim como nenhum professor utiliza o mesmo nível de fala no recesso do lar e na sala

É necessário equilíbrio para assegurar a clareza e a comunicação

FALA	ESCRITA
Espontânea	Planejada
Evanescente	Duradoura
Grande apoio contextual	Ausência de apoio contextual
Face a face	Interlocutor distante
Repetições / redundâncias / truncamentos / desvios	Controle da sintaxe / das repetições / da redundância
Predomínio de orações coordenadas	Predomínio de orações subordinadas

FORMALIDADE E INFORMALIDADE

Tanto a fala como a escrita podem variar quanto ao grau de formalidade. Há uma gradação que vai da fala mais descontraída

Oi, tá tudo bem?

à fala mais formal, planejada e mais próxima da escrita

Caros ouvintes. Boa Tarde!

e da escrita mais informal

Tô chegando aí. Deixa o parabéns pra mais tarde!

à mais formal

Chegaremos ao local da cerimônia com um pequeno atraso em relação à programação anteriormente estabelecida. Solicitamos que as atividades sejam adiadas por alguns minutos.

Cabe ao falante ou redator analisar a situação, o contexto, e decidir como usar as infinitas possibilidades da língua da forma mais adequada e aceitável, segundo os objetivos do momento. Para isso é imprescindível ampliar continuamente o acervo de opções, ou seja, o vocabulário e as formas de combinação das palavras em frases e textos.

Um dos problemas mais frequentes na produção de textos de jovens redatores é a confusão entre a modalidade oral, que permeia a escrita informal, e a modalidade escrita formal. Para que você tenha ferramentas para analisar essa questão, observe alguns itens que merecem atenção, porque representam estruturas próprias da fala, podem aparecer em textos informais, mas muitas vezes são utilizadas indevidamente na escrita formal:

1. formas reduzidas ou contraídas: *pra (para); tô (estou); tá (está); né (não)*

http://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&cd=3&ved=0CCcQFjAC&url=http%3A%2F%2Fgoku99.sites.uol.com.br%2FDiversos%2FRedacao.pdf&ei=jRf1TezjK4PHgAfygM24Cw&usg=AFQjCNG8_Xxwm43_s5SjvoVQtRsaiNfJsQ

Data: 2003. Acesso em: 17/04/2011

Firefox

25 linhas em branco: Língua escrita e ... x

http://25linhasembranco.blogspot.com/2008/09/lingua-escrita-e-oral.html

Língua escrita e oral

Freqüentemente, sinalizo nas redações o seguinte: apropriado para a linguagem oral. O que exatamente quero dizer com isso?

As línguas são organismos vivos que estão em constante mudança. Todos os dias nascem novas palavras, novos usos para as palavras já existentes, novos empréstimos, enfim, diariamente, a língua se modifica. A língua oral é aquela que usamos para a comunicação mais imediata, mais urgente. Portanto, é a língua que mais sofre modificações. A língua escrita, ao contrário, é fruto de uma reflexão. É a língua que leva maior tempo para se modificar.

Outro dia, ouvi do Prof. Evanildo Bechara a seguinte analogia: em casa, costumamos nos vestir de maneira mais simples, sem maquiagem, salto alto ou artifícios. Andamos de roupa caseira, simples, confortável. Quando saímos, procuramos cuidar um pouco mais da aparência. Colocamos uma roupa melhor, sapatos, penteamos o cabelo com maior cuidado, etc. E se vamos a uma festa, então é que nos arrumamos mais ainda. E assim acontece com a língua oral e escrita. A língua oral é aquela do cotidiano, usada para as nossas necessidades mais imediatas. Já a língua escrita, ao contrário, pede uma elaboração maior. Isso porque, como já foi dito aqui, a língua escrita não conta com os mesmos recursos da linguagem oral (os gestos, a expressão facial, o tom de voz). Temos que ser mais claros, mais explícitos e também dominar melhor os recursos da língua escrita se quisermos ser compreendidos.

É claro que estou tratando aqui da língua que deve ser utilizada numa dissertação, por exemplo. Não estou falando da literatura porque nesse caso o objetivo da

Share this
Tweet this
Get more gadget

PESQUISAR ESTE

FRIENDS

Seguir
Google Friend C

Seguidores (

Já é um membro?

ABOUT ME

OTHER PLACES

- Academia Br
- Adriana Lisb
- Domínio Púb
- Dubit Ergo S
- ENEM
- Google book
- Guia da sem

17

<http://25linhasembranco.blogspot.com/2008/09/lingua-escrita-e-oral.html>

Data: 11/09/2008. Acesso em: 17/04/2011

18

<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno04-04.html>

Data: ago/2004. Acesso em: 17/04/2011

12 Introdução

19

Para procedermos à análise de uma língua devemos delimitar a variante a ser investigada. Idealmente devemos definir parâmetros linguísticos e não linguísticos, buscando constituir uma comunidade de fala homogênea. Uma **comunidade de fala** consiste de um grupo de falantes que compartilham de um conjunto específico de princípios subjacentes ao comportamento linguístico. Após definir-se a comunidade de fala a ser analisada passa-se, então, à coleta de dados que irão formar o corpus. O **corpus** fornece o material linguístico a ser analisado. Figueiredo (1994) discute aspectos interessantes relacionados à coleta de dados e à seleção de informantes.

Falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam), a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas. Assim, determinamos **variantes de prestígio** e **variantes estigmatizadas**. Algumas variantes podem ser consideradas neutras do ponto de vista de prestígio. Temos em qualquer língua as chamadas **variantes padrão** e **variantes não padrão**. Os princípios que regulam as propriedades das variantes padrão e não padrão geralmente extrapolam critérios puramente linguísticos. Na maioria das vezes o que se determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes. Variantes não padrão geralmente desviam-se destes parâmetros.

Vale dizer que as características das variantes padrão e não padrão nem sempre relacionam-se ao que é previsto pela gramática tradicional como correto. No português de Belo Horizonte, por exemplo, a terminação “-ndo” das formas de gerúndio é pronunciada como “-no”: “comeno, fazeno, quereno, dançano, vendeno, etc”. Note que a redução de “-ndo” para “-no” ocorre somente nas formas de gerúndio. A forma verbal “(eu) vendo” não permite a redução de “-ndo” para “-no”, e uma sentença como “*Eu veno banana” não ocorre. Fazemos uso do asterisco antes de um determinado exemplo – como no caso de “*Eu veno banana” – com o objetivo de explicitar que tal exemplo é excluído ou não ocorre. Este recurso é adotado ao longo deste livro.

Vale ressaltar que a redução de “-ndo” para “-no” nas formas de gerúndio em Belo Horizonte (e em outras regiões do país) desvia-se do esperado como padrão. Contudo, sendo o fenômeno amplamente difundido entre os falantes, temos que a redução de gerúndio faz parte da variante padrão em Belo Horizonte.

Um exemplo de variante não padrão pode ser ilustrado com as formas verbais de primeira pessoa do plural. Em vários dialetos do português brasileiro tem-se duas formas pronominais para a primeira pessoa do plural: “nós” e “a gente”. Cada uma destas formas requer uma forma verbal distinta: “nós gostamos” e “a gente gosta”. Ambas as formas são aceitas como parte da variante padrão em vários dialetos. O que caracteriza a variante não padrão é a troca de formas de pessoa com a forma verbal: “nós gosta” e “a gente gostamos”.

Há ainda casos de **lexicalização**. Simplificando podemos dizer que o léxico consiste de um conjunto de itens lexicais e de suas respectivas propriedades relevan-

<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-09.html>

Data: ago/2004. Acesso em: 17/04/2011

político, num comício, poderá empregar, para melhor comunicação, vocabulário e estruturas lingüísticas típicas do povo que o ouve.

O *dialeto culto* é, no entanto, eleito pela própria comunidade como o de maior prestígio, refletindo um índice de cultura a que todos pretendem chegar. De certa forma “aprender a língua” significa aprender o *dialeto culto*:

De modo geral, quando ouvimos comentários dizendo que fulano não sabe português, o que realmente ocorre é que ele não sabe o português erudito. Quando se diz que os alunos não têm redação, o que realmente ocorre é que não têm a capacidade para redigir em português erudito, ou gramatical, ou porque simplesmente não tiveram experiência em redigir, resultando nessa falha⁴⁷.

O *dialeto social culto* é quase sempre usado pela literatura e por outras espécies de linguagem escrita, exceto, as cartas familiares, a literatura dita popular (o cordel, por exemplo), os diálogos mais realistas dos romances, os versos das músicas populares etc., em que predomina, em geral, o *dialeto social popular*.

Como língua-padrão, o *dialeto culto* serve diretamente às intenções do ensino, no sentido de padronizar a língua, criando condições ideais de comunicação entre as várias áreas geográficas e também propiciando aos estudantes condições para a leitura e compreensão dos textos literários e científicos, que se expressam nessa linguagem.

Do ponto de vista da estrutura morfossintática dos dois *dialetos sociais*, poderemos apontar algumas diferenças, mais comumente observadas. Assim, no *dialeto culto* nota-se:

- indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa;
- uso de todas as pessoas gramaticais do verbo, com exceção, talvez, da 2ª do plural, relegada, praticamente, à linguagem dos discursos e sermões;
- emprego de todos os modos e tempos verbais;
- correlação verbal entre tempos e modos;
- coordenação e subordinação; riqueza de construção sintática;
- maior utilização da voz passiva;
- largo emprego de preposições nas regências;
- organização gramatical cuidada da frase;
- variedade da construção da frase.

47. Paulo A. Froehlich, “Brasil – Língua Padrão ou Diglossia?”, *Letras e Artes*, Assis, (17):165-177, 1975.

<http://www.artigonal.com/recursos-humanos-artigos/a-importancia-da-lingua-portuguesa-e-suas-implicacoes-428700.html>.
Data: 27/05/2008. Acesso em: 17/04/2011

do vocabulário e das variantes fonológicas coexiste, conforme vimos por alto, nos dois dialetos (*padrão* e *subpadrão*) e cada vez mais a hipotética linguagem *comum* se amplia, tornando impossível uma triagem rigorosa entre *dialeto social culto* e *popular*.

Além disso, seria possível pensar em subdivisões desses dois extremos propostos. A *linguagem popular*, por exemplo, poderia admitir gradações inferiores que nos levariam, quem sabe, até a um *dialeto social vulgar*, ligado aos grupos extremamente incultos, aos analfabetos, aos que não têm contato algum com os centros civilizados. Nele se multiplicariam estruturas como *nóis vai*, *eles fica* etc. A *linguagem culta*, por seu lado, poderia atingir graus de extrema elaboração que a tornariam *preciosa*, fora da realidade falada.

Mas essas subdivisões nada mais fariam do que sobrecarregar o já complexo problema da variedade sociocultural da linguagem, pela dificuldade em se estabelecerem limites entre os dialetos. Onde começaria, por exemplo, a *linguagem vulgar*? Até onde iria a *popular*? O que seria uma *linguagem preciosa*? etc.

Variedades devidas à situação

23

Vimos até aqui as variedades provenientes diretamente dos *usuários* ou falantes da língua. Mas é possível estudar o problema sob o enfoque do *uso* que um mesmo falante faz da língua e de suas variedades, em função da *situação*, entendendo-se como tal as influências determinadas pelas condições extraverbais que cercam o ato da fala. Assim, a presença física do *ambiente* em que o diálogo ocorre pode ocasionar um *nível* de linguagem formal, fora dos hábitos normais do falante.

Os chamados fatores *situacionais* não dizem respeito diretamente ao falante, mas apenas às circunstâncias criadas pela própria ocasião, lugar e tempo em que os atos de fala se realizam, e também às relações que unem falante e ouvinte no momento do diálogo. A propósito do *grau de intimidade* entre os falantes, fator importante na análise das variações de linguagem, veja-se o estudo que fazemos mais adiante sobre o diálogo alencariano (Cap. 4).

Também se atribui à *situação* a importância das variações do *tema* do diálogo, bem como os *elementos emocionais* que podem alterar a linguagem habitual do falante, levando-o, inclusive, ao “truncamento frásico”, isto é, à interrupção do ritmo normal da frase, à desconexão entre seus

ANEXOS

ANEXO A – CONTEÚDO GRAMATICAL

Unidade: Níveis de Linguagem

Unidade: Níveis de Linguagem

Conteúdos gramaticais: Ortografia e Acentuação

Ao tratar desse tema, não podemos deixar de comentar a recente **reforma da ortográfica** de nossa língua. Você está atualizado(a) sobre esse assunto?

Após muita polêmica entre os países lusófonos (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Timor Leste), o Congresso Nacional, o Ministério da Educação do Brasil e o meio acadêmico, a reforma ortográfica foi implantada no início desse ano.

Nessa trajetória, as maiores resistências à reforma vieram de Portugal, justamente o país que deve ter mudanças mais significativas. Os portugueses só ratificaram o acordo em maio de 2008.

As primeiras tentativas de unificação ortográfica aconteceram no início do século XX. No Brasil, já houve duas reformas ortográficas: em 1943 e em 1971. Ou seja, um brasileiro com mais de 65 anos está vivenciando a terceira reforma ortográfica.

Há muita gente que rechaça a unificação, dizendo que há coisas mais importantes a fazer. Quem defende argumenta que o português é, das línguas mais faladas no mundo, a única que ainda não está unificada.

Veja a reportagem da Folha On-line do dia 31/12/08 comentando as principais mudanças na ortografia.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u484893.shtml>

Outras considerações sobre o tema¹

"Por um lado, a reforma extingue regras obsoletas, o que facilita a grafia das palavras e, conseqüentemente, seu aprendizado. Ela inclui no alfabeto letras que não faziam parte. Temos crianças cuja inicial do nome não está no alfabeto, isso sem contar os estrangeirismos adotados em nosso país. No entanto, se formos pensar em termos de custo benefício, teremos um gasto imensurável de reedição de material já publicado (dicionários, livros de gramática etc.). Para aquilo que a reforma irá mudar, me questiono se o esforço é válido", diz Júlia Maria de Oliveira Santos Gorla, que é professora universitária e diretora de uma escola de Língua Portuguesa.

A Abrelivros considera o prazo inviável e pretende discutir com o ministério a possibilidade de seu prolongamento. "É preciso esclarecer que o processo de produção de um livro é demorado. Não existe corretor ortográfico que possa acelerar o processo de revisão. Se os livros tivessem de ser entregues de acordo com a nova norma, em 2010, eles precisariam ser revistos a partir de agora. No entanto, será um trabalho minucioso de revisar página por página e observar as exceções à regra. Não somos contra a reforma, só queremos prazo para executar o trabalho da melhor maneira possível e não a "toque de caixa", explica Beatriz.

Ela afirma que a Abrelivros ainda não tem como mensurar os gastos para a reedição de livros didáticos, nem o impacto da nova medida na venda das publicações, ainda que defensores da reforma acreditem que a unificação da língua irá aumentar as vendas dos livros brasileiros. "Tudo ainda é muito novo, não dá para fazer qualquer afirmação sem uma pesquisa", diz.

Reforma Ortográfica e o Computador

Outro aspecto que não pode ser esquecido sobre a reforma ortográfica é que utilizamos computadores para desenvolver grande parte de nossas atividades e

¹ Trechos extraídos da matéria publicada no site:
<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=15754>

os corretores ortográficos, que sempre apresentaram problemas, agora estarão em desvantagem ainda maior.

Assim, enquanto a Microsoft não lança a versão atualizada do Office, o que segundo os representantes da empresa não há previsão, o internauta pode usar o corretor Vero, baseado em software livre e compatível com a suíte de escritórios do BrOffice (um dos maiores concorrentes da Microsoft Word). No mesmo site, é possível encontrar um corretor para usar no navegador Firefox e evitar erros de português em e-mails.

Porém, fique atento! Algumas palavras que utilizam o hífen ainda geram dúvidas nos corretores. Esses possíveis equívocos só serão esclarecidos com a publicação do novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), que deve ocorrer no final de fevereiro ou no início de março. O site Interney (www.interney.net/conversor-ortografico.php) também oferece corretor ortográfico on-line e gratuito. Assim como o Vero, o site consegue detectar boa parte das mudanças, mas apresenta problemas com palavras que usam o hífen.

Além disso, a Positivo Informática, responsável pelas versões digitais e online do [novo dicionário Aurélio](#), estima que uma pequena revisão será lançada até o primeiro trimestre de 2009. De acordo com Ilana Krieger, diretora de varejo da divisão de tecnologia educacional da Positivo, a atualização será gratuita para aqueles que compraram a versão em CD do dicionário em 2008.

Segundo Ilana, o minidicionário Aurélio - que vem com um CD com a versão digital - já está adaptado às normas. A diretora conta ainda que a edição em livro, já adequada à reforma ortográfica, será lançada em 2010, simultaneamente com uma nova versão digital do dicionário.

A [Editora Objetiva](#), responsável pelo dicionário Houaiss, não informou quando as versões digitais e online do léxico estarão disponíveis. Em agosto deste ano, a editora lançou uma versão do minidicionário já atualizada de acordo com as regras previstas na reforma ortográfica.

GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA	Aplicação projetada para funcionar como sala de aula virtual, permitindo o gerenciamento, interação e mediação do processo de ensino e aprendizagem.
Animação	Imagem em movimento utilizada para compor o material didático.
Arquivos de áudio	Arquivos baixados para serem ouvidos em aparelhos fixos ou móveis, como Ipod, celular etc.
Assíncrona (comunicação)	Condição de comunicação em que a mensagem emitida por uma pessoa é recebida e respondida por outra em diferentes momentos. Ex.: correio eletrônico (e-mail), fórum, lista de discussão etc.
Blog	Site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados <i>posts</i> . Estes, em geral, são organizados de forma cronológica inversa. Um blog típico combina texto, imagens e links para páginas da Internet e mídias relacionadas a seu tema.
Browser	Também conhecido como “navegador”, é um programa que permite o acesso a páginas da Internet.
CD	Abreviação de <i>Compact Disc</i> – disco compacto é um meio de armazenamento de dados digitais.
Chat	Em português significa “conversação”, ou “bate-papo”. No Brasil é um neologismo para designar aplicações de conversação em tempo real.
Ciberespaço	Espaço virtual para a comunicação, disposto por meio de tecnologia.
Código aberto	<i>Open source</i> em inglês, refere-se a softwares que podem ser alterados por qualquer programador de computadores.
DVD	Abreviação de <i>Digital Video Disc</i> – Disco Digital de Vídeo ou Disco Digital Versátil contém informações digitais, tendo maior capacidade de armazenamento que o CD.
E-learning	Cursos mediados e aplicados por meio virtual e pelo uso do computador e da Internet. Modalidades como webcast e webconferência também são consideradas e-learning.
Fórum	Ferramenta destinada a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão. Os fóruns basicamente possuem duas divisões organizacionais, a primeira faz a divisão por assunto e a segunda uma divisão desse assunto em tópicos.
Hipertexto	Termo que remete a um texto em formato digital, ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links.
Link	Palavras ou imagens destacadas em uma página de Internet, sensíveis ao clique do mouse, que remetem o usuário para outra página do site, ou de outro site.

Livro eletrônico	Também chamado de livro digital ou e-book, é um livro em formato digital que pode ser lido em equipamentos eletrônicos como computadores, PDAs, leitores específicos de livros digitais ou até mesmo celulares que suportem esse recurso.
Login	Informação de identificação pessoal requerida para acesso a um sistema de computador ou serviço <i>online</i> .
Material impresso	Conteúdo ministrado por meio de livros, apostilas, fichários e outros produtos impressos.
Mecanismos de busca	Serviços disponibilizados em sites específicos que possibilitam ao usuário consultar os conteúdos disponíveis na Internet.
Microblog (Twitter)	Rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets".
Mundos Virtuais (Ex.: Second Life)	Ambiente simulado através de recursos computacionais destinados a serem habitados e a permitirem a interação dos seus usuários por meio de avatares (figuras criadas à imagem e semelhança do usuário).
Objeto de aprendizagem	Entidade digital ou não-digital que pode ser usada, re-usada ou referenciada durante o ensino com suporte tecnológico.
PDAs	Abreviação de <i>Personal Digital Assistants</i> – assistente pessoal digital ou palmtop é um computador de dimensões reduzidas e dotado de grande quantidade de memória e diversos softwares. Os modelos mais sofisticados possuem acesso à Internet, câmera digital, tela colorida e rede sem fio.
PDF	Abreviação de <i>Portable Document Format</i> – Formato de Documento Portátil é um formato de arquivo que pode conter textos, tabelas, gráficos e imagens. Esse formato é mais comumente conhecido por não possibilitar a alteração das informações contidas no arquivo.
Podcast	Forma de publicação de arquivos de mídia digital (áudio, vídeo, foto etc.) pela Internet, através de uma tecnologia que permite aos utilizadores acompanhar suas atualizações. A possibilidade de transmitir e distribuir notícias, áudios, vídeos e informações diversas na Internet, contribui para a disseminação da informação de maneira fácil, rápida e gratuita.
Rádio	Aulas transmitidas por rádio.
Redes sociais	Comunidades na Internet como Facebook, Orkut, Twitter, entre outras.
Satélite	Aulas transmitidas (ao vivo ou gravadas) por meio do uso de satélite, assistidas em telessalas e aplicadas como monitoramento.
Síncrona (comunicação)	Condição de comunicação em que a mensagem emitida por uma pessoa é imediatamente recebida e respondida por outra, em tempo real. Ex.: conferências telefônicas, videoconferências, salas de bate-papo etc.
Teleconferência	Tipo de reunião síncrona gerada por satélite. O conferencista atua em estúdio com pré-requisitos de transmissão para TV fechada e o público sintoniza o canal receptor com auxílio de antena parabólica. Esse formato permite a interação do público por meio de fax, telefone ou Internet.

Telefones 3G	Terceira geração de padrões e tecnologias de telefonia móvel. As tecnologias 3G permitem às operadoras da rede oferecer a seus usuários uma ampla gama dos mais avançados serviços.
Televisão	Uso de aulas em formato televisivo por meio de exibição em canais de TV.
Tutor	É o principal responsável por acompanhar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O adjetivo “tutor” é normalmente utilizado para diferenciar este professor do professor conteudista, aquele que escreve o conteúdo do curso.
Verificação/autenticação do estudante	Processo para verificar a identidade digital do usuário de um sistema, normalmente, no momento em que ele requisita um login em um programa de computador ou site da Internet. Um sistema computacional, cujo acesso é permitido apenas a usuários autorizados, deve liberar o acesso somente para os usuários autorizados.
Vídeo	Aulas ou materiais didáticos gravados em formato VHS.
Vídeoaula	Aula gravada e distribuída em forma de vídeo.
Videoconferência	Tipo de reunião síncrona que recria, a distância, as condições de um encontro presencial. Com transmissão pela Intranet ou Internet, opera em duas vias e permite que conferencistas e alunos conversem, questionem e esclareçam dúvidas. Existem possíveis variações: vídeo unidirecional do estúdio para todos os participantes e áudio bidirecional entre os participantes e o estúdio; vídeo unidirecional do estúdio para os participantes e áudio multidirecional entre todos os participantes; vídeo multidirecional entre todos os participantes.
Web 2.0	Termo utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web. Os dois conceitos principais são que o ambiente <i>online</i> se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo.
Whiteboard (lousa eletrônica)	Ferramenta que possibilita aos participantes de um mesmo ambiente <i>online</i> compartilhar um quadro branco em tempo real. É possível disponibilizar textos, desenhos, escrever e desenhar livremente, de modo que os participantes visualizem a interação uns dos outros.
Wiki	Espécie de documento escrito colaborativamente. No Wiki um conjunto de páginas na Internet pode ser criado e alterado por qualquer usuário.

Textos adaptados de:
 CensoEAD.br. 2009 (ABED, 2011)
<http://pt.wikipedia.org>